

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

ANDERSON SABINO DA SILVA

*La Cámpora e o Kirchnerismo: um projeto de poder na Argentina*

Maringá  
2018

ANDERSON SABINO DA SILVA

*La Cámpora e o Kirchnerismo: um projeto de poder na Argentina*

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá, como requisito para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Área de concentração: Sociedade e Políticas Públicas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>. Meire Mathias

Maringá  
2018

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá – PR., Brasil)

S5861 Silva, Anderson Sabino da  
La Cámpora e o Kirchnerismo: um projeto  
de poder na Argentina / Anderson Sabino da  
Silva. -- Maringá, 2018.  
150 f; Il.: color.

Orientadora: Profa. Dra. Meire Mathias

Dissertação (Mestrado em Ciências  
Sociais)- Universidade Estadual de  
Maringá. Departamento de Ciências Sociais,  
Programa de Pós-graduação em Ciências  
Sociais.

1. Neoliberalismo.2. La Cámpora.3.  
Kirchnerismo.4. Argentina. 5.Projeto de  
poder.6. Relações internacionais.  
7.America Latina.8. Estado. 9. Sistema  
Internacional. 10. Kirchners. I.Mathias,  
Meire, orient. II. Universidade Estadual  
de Maringá. Pós-graduação em Ciências  
Sociais. III. Título.

320.982 21.ed.


Cicilia Conceição de Maria  
CRB9- 1066

ANDERSON SABINO DA SILVA


**La Campora e o Kirchnerismo: um projeto de poder na Argentina**

Dissertaao apresentada ao Programa de Pos-Graduaao em Ciencias Sociais do Centro de Ciencias Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Maringa, como requisito parcial para obtenao do tıtulo de Mestre em Ciencias Sociais pela Comissao Julgadora composta pelos membros:

COMISSAO JULGADORA



Prof. Dr. Meire Mathias  
Universidade Estadual de Maringa – UEM (Presidente)



Prof. Dr. Marcela Cristina Quinteros  
Pontificia Universidade Catolica de Sao Paulo – PUC-SP



Prof. Dr. Lisandro Rodrigues de Almeida Braga  
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Aprovada em: 07 de Junho de 2018

Local de defesa: Bloco H-12, sala 014 *campus* da Universidade Estadual de Maringa

## AGRADECIMENTOS

Uma viagem pode-se realizar só, mas esta viagem – projeto – eu vivi acompanhado por muitos.

Muito antes de conhecer a Argentina, este país que me encanta profundamente, tinha em mãos um dicionário sobre o Mercosul que ganhei dos meus pais, um presente tão simbólico que condicionou toda a minha vida, ainda adolescente comecei a aprender a enxergar à língua, ouvir e pronunciar, conforme me debruçava na leitura daquele dicionário, me encantava cada vez mais pelos países da América Latina. Era surpreendente perceber como a nossa cultura é rica, da qual até então, não tinha um conhecimento amplo, pois como sabemos, sempre somos condicionados a virar as costas para a América Latina.

Os anos passaram, e o sonho de um dia conhecer a Argentina tornou-se realidade, e lá fui eu, conhecer um pouquinho de mim, no país “*Hermano*”, vivi intensamente cada momento, aprendi muito e entendi o significado da palavra “*Hermano*”, compreendi que somos “*Hermanos*” e, portanto, somos parte de uma pátria grande, sou latinoamericano.

Esta viagem, jamais poderia ter sido tão bem conduzida se eu não contasse com o apoio dos meus pais, Paulo e Cida, que me deram a base para que eu pudesse viajar serenamente, e andar tranquilo. Agradeço imensamente aos meus irmãos Ademilson e Ana Paula por sempre estarem presentes, dando apoio, alegrias e com uma palavra de conforto quando necessário. A minha avó *in Memoriam* mulher forte, guerreira e arrimo de família, aos meus primos queridos deixo aqui o meu muito obrigado e aquele abraço!

A viagem não teria a mesma emoção, se não fosse o apoio de pessoas incríveis que pude compartilhar todos os tipos de sentimentos não só nestes dois anos, mas de uma vida. Deixo o meu enorme reconhecimento, gratidão e admiração ao Rafael, um amigo para a vida, tu és parte disso. Aos amigos – irmãos – “das antiga” e os novos, fica aqui o meu profundo carinho, as lembranças das longas noites de conversa e discussões estão presentes nesta viagem.

Também não teria condições de fazer esta viagem, sem a ajuda e apoio do André, um amigo, parceiro, companheiro para todos os momentos, obrigado pela ajuda e compreensão, sou eternamente grato. Agradeço enormemente a Talita, minha irmãzinha, tive o prazer de conhecer durante a graduação, não tenho como mensurar o quanto tu foi importante na minha viagem, tu sempre se fez presente nos dias tristes e alegres, tu és parte disso, sou grato pela sua amizade e *viva la vida*.

Para toda viagem que se faça, é importante conhecer os caminhos, roteiros, a melhor direção, contudo, mesmo conhecendo o destino é preciso que alguém te aponte os melhores caminhos, tive a sorte de encontrar uma guia, diga-se, a minha professora, mulher forte, orientadora e amiga Meire Mathias, que desde de a graduação me acompanha e me guia nesta viagem pela Argentina, sou grato por todo o conhecimento adquirido em todos estes anos, pela confiança, pelo apoio incondicional nos momentos difíceis na condução desta viagem, que não finda por aqui, *Gracias* Meire!

Uma viagem não atinge seu êxito se nós não fizermos amigos, amigos que viajam juntos, e unidos. Agradeço aos companheiros de viagem do Grupo de Pesquisa Política, Estado e América Latina (GPPEAL), por dividir esta experiência, nas conversas, discussões, que me ajudaram a dar continuidade e seguir caminho.

Agradeço aos professores do Departamento de Ciências Sociais (DCS) e Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais (PGC) que me proporcionaram um conjunto de saberes que deram subsídios para meu crescimento profissional e pessoal, bem como na condução desta viagem.

Agradeço profundamente aos professores Lisandro Braga e Marcela Quinteros, por terem aceitado prontamente em participar da minha banca de qualificação e defesa, bem como por terem contribuído para a condução e avanço da pesquisa. Sou grato aos professores Antonio Ozaí e Rafael Silva, por aceitarem o convite em participar como suplentes da banca e suas contribuições.

Agradeço a CAPES, por ter me concedido a bolsa e ter me proporcionado condições de me dedicar exclusivamente para o desenvolvimento da pesquisa.

Por fim, quero agradecer a todos que fizeram parte desta viagem, posso afirmar que sem vocês os caminhos seriam mais difíceis. O carinho, apoio, incentivo, confiança, me deram a base que precisava para realizar esta viagem, não só, mas acompanhado por muitos.

## EPÍGRAFE

### I

*Ya no es mágico el mundo. Te han dejado.  
Ya no compartirás la clara luna  
ni los lentos jardines. Ya no hay una  
luna que no sea espejo del pasado,*

*cristal de soledad, sol de agonías.  
Adiós las mutuas manos y las sienes  
que acercaba el amor. Hoy sólo tienes  
la fiel memoria y los desiertos días.*

*Nadie pierde (repites vanamente)  
sino lo que no tiene y no ha tenido  
nunca, pero no basta ser valiente*

*para aprender el arte del olvido.  
Un símbolo, una rosa, te desgarras  
y te puede matar una guitarra.*

### II

*Ya no seré feliz. Tal vez no importa.  
Hay tantas otras cosas en el mundo;  
un instante cualquiera es más profundo  
y diverso que el mar. La vida es corta*

*y aunque las horas son tan largas, una  
oscura maravilla nos acecha,  
la muerte, ese otro mar, esa otra flecha  
que nos libra del sol y de la luna*

*y del amor. La dicha que me diste  
y me quitaste debe ser borrada;  
lo que era todo tiene que ser nada.*

*Sólo que me queda el goce de estar triste,  
esa vana costumbre que me inclina  
al Sur, a cierta puerta, a cierta esquina.*

(“1964”, Jorge Luis Borges, 1964)

## RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo o movimento *La Cámpora*, com o objetivo principal em melhor entender como o movimento atua tanto nas ruas como nas esferas do Estado e o que compreendem por política, qual projeto político apoiam. Tal interesse se justificou na medida em que a partir de 2003, surge na Argentina o Kirchnerismo, tendência política organizada com o discurso em que se apresenta enquanto alternativa ao projeto neoliberal, visto que no período dos governos de Néstor e Cristina Kirchner de 2003 – 2015, forma-se uma base sólida de apoio, destacando-se o desenvolvimento do pensamento Kirchnerista, que contou com o forte adesão e influência do movimento *La Cámpora*. Os Kirchners efetuaram mudanças tanto no papel do Estado, quanto na organização do poder político, sobretudo na condução dos processos políticos e na construção de novas ideias e de novas concepções, que se revelam como um projeto para a Argentina. Nesse sentido, compreendemos que o movimento *La Cámpora*, formado no governo de Néstor Kirchner, tendo seu filho Máximo Kirchner como membro fundador, atua como peça fundamental na construção do projeto de poder Kirchnerista. Portanto, nos atentamos para o sistema internacional enquanto um espaço caracterizado pelo poder, assim como as reformas voltadas para o mercado no governo Menem, além disso, apresentamos um breve panorama da trajetória dos Kirchners, bem como delineamos o discurso do “anti” neoliberalismo de Néstor e Cristina Kirchner. Para tanto, nos atemos a demonstrar a atuação política do movimento *La Cámpora*, a análise da Revista *Noticia de La Cámpora*. Nesse estudo, utilizamos como fonte de pesquisa a Revista *Noticias de La Cámpora*, bem como, um leque de referências bibliográficas, para que pudéssemos melhor compreender o sistema internacional, o neoliberalismo, os Kirchners e o movimento *La Cámpora*, discussão elaborada com base na área da Ciência Política, conceituando um projeto de poder.

**Palavras-chave:** Argentina; *La Cámpora*; Kirchnerismo; Neoliberalismo; Projeto de poder.



## RESUMEN

Esta investigación tiene por objetivo el movimiento La Cámpora, con el objetivo principal en mejor entender cómo el movimiento actúa tanto en las calles como en las esferas del Estado y lo que comprenden por política, qué proyecto político apoyan. Este interés se justific  en la medida en que a partir de 2003 surge en Argentina el Kirchnerismo, tendencia política organizada con el discurso en que se presenta como alternativa al proyecto neoliberal, ya que en el período de los gobiernos de Néstor y Cristina Kirchner de 2003 - 2015, se forma una base sólida de apoyo, destacándose el desarrollo del pensamiento Kirchnerista, que contó con la fuerte adhesión e influencia del movimiento La Cámpora. Los Kirchner efectuaron cambios tanto en el papel del Estado, como en la organización del poder político, sobre todo en la conducción de los procesos políticos y en la construcción de nuevas ideas y de nuevas concepciones, que se revelan como un proyecto para Argentina. En ese sentido, comprendemos que el movimiento La Cámpora, formado en el gobierno de Néstor Kirchner, teniendo su hijo Máximo Kirchner como miembro fundador, actúa como pieza fundamental en la construcción del proyecto de poder Kirchnerista. Por lo tanto, nos atentamos al sistema internacional como un espacio caracterizado por el poder, así como las reformas dirigidas al mercado en el gobierno de Menem, además, presentamos un breve panorama de la trayectoria de los Kirchner, así como delineamos el discurso del "anti" neoliberalismo de Néstor y Cristina Kirchner. Para ello, nos atemos a demostrar la actuación política del movimiento La Cámpora, el análisis de la Revista Noticia de La Cámpora. En este estudio, utilizamos como fuente de investigación la Revista Noticias de La Cámpora, así como, un abanico de referencias bibliográficas, para que pudiéramos mejor comprender el sistema internacional, el neoliberalismo, los Kirchner y el movimiento La Cámpora, discusión elaborada con base en el área de la Ciencia Política, conceptuando un proyecto de poder.

**Palavras clave:** Argentina; La Cámpora; Kirchnerismo; neoliberalismo; Proyecto de poder.

## ABSTRACT

This research has for objective the movement La Cámpora, with the main objective to better understand how the movement acts both in the streets and in the spheres of the State and what they understand by politics, which political project they support. This interest was justified since in 2003 Kirchnerism arose in Argentina, an organized political tendency with the discourse in which it presents itself as an alternative to the neoliberal project, since in the period of the governments of Néstor and Cristina Kirchner from 2003 to 2015, a solid base of support is formed, standing out the development of the Kirchnerist thought, that counted on the strong adhesion and influence of the movement the Cámpora. The Kirchners made changes both in the role of the State and in the organization of political power, especially in the conduct of political processes and in the construction of new ideas and new conceptions, which are revealed as a project for Argentina. In this sense, we understand that the La Cámpora movement, formed under the government of Néstor Kirchner, with his son Máximo Kirchner as a founding member, acts as a key element in the construction of the Kirchnerist power project. Therefore, we look at the international system as a space characterized by power, as well as market-oriented reforms in the Menem government. In addition, we present a brief overview of the Kirchners' trajectory, as well as delineate the discourse of the "anti" neoliberalism of Néstor and Cristina Kirchner. To do so, we set out to demonstrate the political action of the movement La Cámpora, the analysis of the *Noticia de La Cámpora* magazine. In this study, we used as a research source *Revista de La Cámpora*, as well as a range of bibliographical references, so that we could better understand the international system, neoliberalism, the Kirchners and the La Cámpora movement, a discussion based on the area of Political Science, conceptualizing a project of power.

**Keywords:** Argentina; La Cámpora; Kirchnerism; Neoliberalism; Power project.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Néstor Kirchner.....	59
<b>Figura 2</b> – Cristina Fernández de Kirchner.....	67
<b>Figura 3</b> – <i>La Cámpora</i> .....	88
<b>Figura 4</b> – Mapa político <i>Movimiento Nacional</i> .....	99
<b>Figura 5</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°00 – <i>La Juventud se organiza</i> .....	102
<b>Figura 6</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°01 – <i>Elecciones del 28 de Junio de 2009</i> .....	106
<b>Figura 7</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°02 – <i>Ley de medios de la democracia</i> .....	109
<b>Figura 8</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°03 – <i>200 años bicentenario argentino</i> .....	111
<b>Figura 9</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°04 – <i>Materias de periódico sobre La Cámpora</i> .....	115
<b>Figura 10</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°05 – <i>Quiero que ganes de vuelta</i> .....	115
<b>Figura 11</b> – <i>Homenaje de La Cámpora – Edición especial homenaje a Néstor Kirchner</i> .....	116
<b>Figura 12</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°06 – <i>Memoria y alegría</i> .....	117
<b>Figura 13</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°07 – <i>Por todos lados</i> .....	118
<b>Figura 14</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°08 – <i>La década ganada 25 de Mayo 2003-2013</i> ....	120
<b>Figura 15</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°09 – <i>Elegir seguir haciendo</i> .....	121
<b>Figura 16</b> – <i>Noticias La Cámpora</i> n°10 – <i>Malvinas Patria si colonia no</i> .....	123
<b>Figura 17</b> – <i>Movimiento político La Cámpora, em frente ao Congreso de La Nación Argentina</i> .....	128
<b>Figura 18</b> – <i>Mapa Ilhas Malvinas</i> .....	130
<b>Figura 19</b> – <i>Continúan las jornadas en barrios inundados</i> .....	135
<b>Figura 20</b> – <i>Jornadas solidarias por el temporal</i> .....	139
<b>Figura 21</b> – <i>Rosa Ortega, delegada de barrio</i> .....	142

## LISTA DE SIGLAS

ALCA – Área de Livre Comércio das Américas  
ANAC – *Administración Nacional de Aviación Civil*  
BC – Banco Central  
CMC - Conselho Mercado Comum  
EUA – Estados Unidos da América  
FAEP – *Frente de Agrupaciones Eva Perón*  
FMI – Fondo Monetário Internacional  
FURN – *Federación Universitaria por la Revolución Nacional*  
GMC – Grupo Mercado Comum  
IGJ – *Inspección General de Justicia*  
JOP – *Juventud de Obras Públicas*  
JUP – *Juventud Univertaria Peronista de la Universidad de La Plata*  
Mercosul – Mercado Comum do Sul  
MEYOSP – *Ministerio de Economía y Obras y Servicios Públicos*  
ORSNA – *Organismo Regulador del Sistema Nacional de Aeropuertos*  
PJ – *Partido Justicialista*  
RENAR – *Registro Nacional de Armas*  
UCR – *Unión Cívica Radical*  
UCR FrePaSo – *Unión Cívica Radical Frente País Solidario*  
UE – União Europeia  
UEE – União Econômica Europeia  
UNASUL – União das Nações Sul-americanas  
UNASUR – *Unión de Naciones Suramericanas*  
URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas  
YPF – *Yacimientos Petrolíferos Fiscales*

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1. O SISTEMA INTERNACIONAL, A ARGENTINA E O ESTADO NEOLIBERAL.....</b>	<b>19</b>
1.1 Sistema internacional e neoliberalismo: a particularidade da Argentina.....	20
1.2 A implementação do neoliberalismo no governo Menem.....	33
1.3 Menemismo reformas voltadas para o mercado.....	45
<b>2. DE SANTA CRUZ À CASA ROSADA: UM PROJETO DE PODER.....</b>	<b>57</b>
2.1 Kirchnerismo: projeto de poder.....	57
2.2 Governos Kirchners e “anti” neoliberalismo: para além do discurso.....	73
2.3 <i>La Cámpora</i> : militantes e Kirchneristas.....	82
<b>3. LA CÁMPORA EM DEFESA DE UM PROJETO DE PODER, BRAÇO APASSIVADOR DO KIRCHNERISMO.....</b>	<b>98</b>
3.1 <i>La Cámpora</i> : projeto editorial e a defesa de uma agenda política.....	98
3.2 <i>Noticias de La Cámpora</i> : o debate norteado.....	124
3.3 <i>La Cámpora</i> como agente apassivador.....	134
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>143</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>146</b>

## INTRODUÇÃO

O *Mar Dulce*, *Río de Solís*, *Río de Santa Maria*, *Río Jordán*, que finalmente se firma na cartografia como *Río de la Plata* é o limite sobre o Oceano Atlântico da segunda bacia do rio da América do Sul: A Bacia do Prata tem cerca de 3,1 milhões de km<sup>2</sup>, sendo que mais 97% da água doce é proveniente dos rios Paraná e Uruguai e conta com vinte rios menores e mais de uma centena de riachos que desaguam em suas águas ao longo das duas margens do rio<sup>1</sup>. Por sua grandiosidade e importância, o *Río de la Plata* é parte inseparável na constituição histórico/geográfica das nações que circunda, foi descoberto por Juan Días de Solis<sup>2</sup>.

A denominação de *Río de la Plata*, se deve a Região do Prata espaço onde ocorreram diversas disputas fronteiriças enquanto espaço pertencente em um primeiro momento a Portugal e Espanha e mas tarde à Argentina, Brasil e Uruguai, nome que se firma para especificar as terras que eram banhadas pelo rio, assim chamadas de *provincias del Río de la Plata*, denominação que era utilizada pelos navegadores.

No ano de 1554 o cartógrafo português Lopo Homen utiliza pela primeira vez a denominação “*terra argentea*”. Quatro décadas depois, no ano de 1593, Martín Del Barco Centenera chega em Buenos Aires para assumir como representante máximo local da igreja, regressa para a Europa no ano de 1596, escreve e publica em 1602 o poema intitulado “*Argentina y conquista del Río de la Plata, con otros acaecimientos de los Reynos del Peru, Tucuman, y estado del Brasil*”. Trecho do poema em que cita a Argentina.

### **El autor e su obra**

Argentina de oy mas iras fiada,  
 Que no te empecera contraste alguno,  
 Que Dios teh deparado el oportuno  
 Favor, de quien seras calificada.  
 La tierra donde tu fluiste engendrada,  
 Y aquel profundo lago de Neptuno,  
 Olvido de quien era sepultada.  
 Por el terna pbilipo cuenta della,  
 Y pues que a ti el gran Mora te ha admitido,  
 De oy mas su valor será crecido,  
 No temas Argentina ya de vella  
 Subjecta al infeliz y crudi oluido,  
 Mas antes reluzindo como estrella.

1 Dados da *Comisión Administradora del Río de La Plata*, disponível em <[http://www.comisionriodelaplata.org/el\\_rio.asp](http://www.comisionriodelaplata.org/el_rio.asp)>, Acesso: 18. Abril. 2017

2 Navegador espanhol, a quem foram atribuídas viagens pelo continente sul-americano, no ano de 1508 participo de uma expedição pelo novo continente percorrendo por Cuba, México, Venezuela e Brasil. No ano de 1516, foi designado para percorrer a mando de Rei Fernando o chamado “*Mar del Sur*” próximo ao oceano Pacífico, pois tinha-se a ideia de que pudesse haver uma passagem que levasse a Índia.

(CENTENERA, 1602, s.p.)

Dois séculos depois, no ano de 1808, Vicente López y Planes retoma a utilização da palavra Argentina em um poema cantado pelos heróis diante das invasões inglesas, intitulado “*El triunfo Argentino, Poema heroico*” que por durante anos era cantado nos bares e cafés.

**El triunfo Argentino.**

El suelo de mi pátria enrojecido  
 Con la sangre de tantos, que otro tiempo  
 Su corazón ligaron con el mio,  
 Llamándome su amigo: ¡ay compañeros!  
 ¡Ay defensores que robó el conflicto!  
 La madre triste, la angustia esposa,  
 El infante pequeño en sus gemidos,  
 En su luto funesto y lloro amargo,  
 Diciendo están, que de la sangre el grito  
 Hebeis desatenido por la patria.  
 Sí, manes respetables, del impio  
 Habitador de la Isla vuestra sangre  
 Logró verter el barbaro cuchillo;  
 Pero no os quitará el eterno lauro,  
 Que muerte tan honrosa os ha adquirido.  
 Vosotros sois los inclicitos campeones  
 Que llorará la patria largos siglos,  
 Ella al orbe dirá vuestras hazañas, Haciendo  
 vuestro nombre esclarecido.  
 Y aun mas que todo, ó almas venturosas,  
 Colocadas allá sobre el empíreo  
 En brazos de eternal contentamiento,  
 Recompensa halló ya vuestro heorismo,  
 Y pudes morando estais cabe el Eterno,  
 Pedidle fervorosos de continuo,  
 Que su brazo sostenga nuestro esfuerzo,  
 Nuestra constancia, nuestro zelo y brio,  
 Para que el anglo en quanta lid intente  
 Humille su cerviz al Argentino.  
 (LOPEZ Y PLANES, 1808, p. 49, 50)

A incorporação e utilização do termo Argentina no vocabulário da época não possui grande influência, pois estava associada a presença hegemônica de Buenos Aires perante as províncias, não constituindo assim um ponto de integração. Com a Constituição da República Argentina em 24 de dezembro de 1826, se oficializa esta denominação, porém ela não é totalmente aceita, criando assim um confronto entre os governos federais e unitários afim de manter as denominações *Confederación Argentina o Provincias Unidas*

*del Río de la Plata*, situação está que cria um novo capítulo em 1º de outubro de 1860, onde se promulga a Constituição de 1853 que estabelece a criação de emendas que reforçavam que as denominações utilizadas como: *Provincias Unidas del Río de la Plata*, *República Argentina*, *Confederación Argentina*, passariam a ser os nomes oficiais para designar o governo e território. Porém, dois dias depois da promulgação desta emenda Santiago Derqui<sup>3</sup>, tendo em vista que era necessário gerar uma unificação de denominação da nação, decreta que para todo e qualquer ato passaria a utilizar a denominação República Argentina.

O imponente *Río de La Plata* “empresta” seu nome não somente as províncias que circunda como foi mencionado através das obras literárias já citadas, e devido sua grandeza e importância faz com que a derivação da palavra *Plata* (em latim, “*argentum*”) constitua-se como marca forte e significado de uma nação dando o nome latino Argentina.

Assim como a grandeza do *Río de La Plata*, a Argentina alcançou grandes êxitos durante a sua história, configurando-se como uma grande nação da América Latina. Conforme Cisneros (2010) nos séculos XIX e XX, o país obteve um grande êxito econômico político e social, que é o fruto da implementação de um projeto nacional que consegue se conectar com os fluxos mais dinâmicos da realidade internacional em todos os momentos, criando uma “equação mágica” que alia as políticas de estado com a dinâmica internacional. De tal modo que,

*“Fue en fines del siglo XIX, cuando la globalización de esa época, la Revolución Industrial en Europa, comenzó a demandar más y más alimentos, durante medio siglo. En ese entonces, Argentina vio la oportunidad y decidió aprovecharla. Ordenó su economía, ordenó su vida política y pasó a convertirse en el granero del mundo.”* (CISNEROS, 2010, p. 63)

O fortalecimento da Argentina conforme Cisneros (2010) o torna no primeiro centenário umas das grandes potências do mundo, e por décadas uma potência na América do Sul, período que se finda a partir de 1930, devido as políticas internas e em parte devido a situação mundial que se altera tornando-se não tão favorável conforme ocorria em fins do século XIX. A mudança deste cenário se dá principalmente com a implementação das reformas voltadas para o mercado na América Latina, que se acentuam a partir do ano de 1989 com a queda do muro de Berlim e conseqüentemente com o fim da Guerra Fria;

---

<sup>3</sup> Primeiro presidente da Argentina, período de 05/09/1860 à 05/11/1861, dados da *Biblioteca Digital del Ministerio de Justicia e Derechos Humanos*. Disponível em: <<http://www.biblioteca.jus.gov.ar/derqui.html>>, Acesso: 20. Abril. 2017



alterações na dinâmica do sistema internacional, e que, internamente, atingiram as dimensões social, econômica, política e cultural.

Estas alterações que estavam em curso há algumas décadas se intensificaram neste período, alimentando um novo ciclo expansionista do capitalismo em uma ação de alcance mundial, que teve como marca a disseminação de ideologias e políticas de cunho neoliberal, fortemente defendidas pelos Estados Unidos e pela Inglaterra. Para que o avanço neoliberal se constitua como uma concepção de mundo, foi imprescindível que se construísse consensos neoliberais no âmbito interno dos Estados, que são colocados em prática na América Latina, durante o governo de Paz Estensoro na Bolívia (1985), Salinas de Gotari no México (1988), Fernando Collor de Mello no Brasil e especificamente na Argentina com Carlos Menem (1989) onde a implementação das reformas voltadas para o mercado<sup>4</sup> é intensamente aplicada com a concordância de todas as medidas do Consenso de Washington, destacando as políticas monetárias e financeiras, predomínio do poder executivo sobre os poderes legislativos e judicial e produção de crise partidária e sindical, ações do governo menemista que se mantiveram em um processo contínuo.

A longo prazo as políticas econômicas implementadas no governo Menem, se tornaram um empecilho para que se mantenha no cargo e busque a reeleição, visto que o país se encontrava em grave crise política e econômica. De tal maneira que, em função do esgotamento do modelo neoliberal proposto durante o governo Menem, e em função da nova conjuntura argentina de grave crise e enorme aumento da pobreza, o nome de Néstor Kirchner se apresenta assim como uma alternativa em vista do modelo econômico que prevalecia na Argentina, com um discurso “anti” neoliberalismo, vence as eleições e assume o cargo em 2003, que tem o movimento *La Cámpora* como principal braço político para a construção do projeto de poder.

Portanto, com este estudo objetivamos apurar e compreender que no período dos governos de Néstor e Cristina Kirchner de 2003 – 2015, formaram uma base sólida de apoio, destacando-se o desenvolvimento do pensamento Kirchnerista, que contou com o forte apoio e influência do movimento *La Cámpora* e ainda, permanece atuante na militância. Portanto, o presente trabalho tem como objetivo geral demonstrar que, a partir de 2003, surge na Argentina o Kirchnerismo, tendência política organizada com o discurso em que se apresenta enquanto alternativa ao projeto neoliberal na Argentina. Dito de outra

---

<sup>4</sup> Vale dizer que as denominações Reformas neoliberais ou ainda, Reformas voltadas para o capital são correlatas à Reformas voltadas para o mercado.

maneira, recorre ao discurso “anti” neoliberal, contudo na prática, revela-se como continuidade das reformas para o mercado implementadas durante o governo Menem.

Os Kirchners efetuam mudanças tanto no papel do Estado, quanto na organização do poder político, sobretudo na condução dos processos políticos e na construção de novas ideias e de novas concepções que se revelam como um projeto para a Argentina. Nesse sentido, compreendemos que o movimento *La Cámpora*, formado no governo de Néstor Kirchner, tendo seu filho Máximo Kirchner como membro fundador, enquanto peça fundamental na construção do projeto de poder Kirchnerista. De tal modo que o nosso objetivo específico é compreender como se dá a atuação do *La Cámpora* tanto nas ruas como nas esferas do Estado.

Para compreender este processo de mudanças no papel do Estado e organização do poder político é importante ressaltar que a Argentina no ano de 1994 passa por uma grande reforma constitucional que incorpora novas orientações em matérias de direitos humanos, mecanismos de defesa da democracia, com alterações nas estruturas dos poderes legislativo, judiciário e executivo. Dentre as alterações realizadas pela reforma constitucional, o cargo de presidente passa a ter duração de 4 anos com a possibilidade de reeleição pelo mesmo período, mudança esta que permitiu a alternância de poder. Neste período a Argentina foi governada por Carlos Menem, que mantinha uma intensa agenda neoliberal que culmina em uma profunda crise, com subsequentes trocas de governo até a eleição de Néstor Kirchner e posteriormente Cristina Kirchner que propõem uma agenda progressista mas sem se distanciar dos pressupostos do neoliberalismo que se finda com a eleição de Mauricio Macri em 2015 com uma agenda de neoliberal intensificada.

Portanto, para a construção do presente trabalho, utilizamos como fonte de pesquisa a Revista *Noticias de La Cámpora*, bem como, um leque de referências bibliográficas, para que pudéssemos melhor compreender o sistema internacional, o neoliberalismo, os Kirchners e o movimento *La Cámpora*, discussão elaborada com base na área da Ciência Política, conceituando um projeto de poder.

Para tanto, no capítulo I, com o título “O sistema internacional, a Argentina e o Estado neoliberal”, procuramos compreender o sistema internacional enquanto um espaço caracterizado pelo poder político econômico militar onde os Estados atuam movidos pela lógica, paradoxal tanto dos seus interesses quanto da construção de apoios e alianças. Neste contexto apresentamos a Argentina após à ditadura militar, traçando, por sua vez, um panorama do governo de Carlos Saúl Menem, e suas políticas voltadas para as reformas de mercado, amplamente aplicadas no país e com o apoio irrestrito dos Estados Unidos.

No capítulo II, com o título “De Santa Cruz à Casa Rosada: um projeto de poder”, apresentamos um breve panorama da trajetória dos Kirchners, bem como delineamos o discurso do “anti” neoliberalismo de Néstor Kirchner, que possibilitou a vitória nas eleições de 2003. Por conseguinte, o projeto de poder Kirchnerista – que não rompe com o neoliberalismo – e para manter-se cria o Movimento *La Cámpora*, que atua fortemente na defesa do governo enquanto militantes.

Por fim, no capítulo III, com o título “*La Cámpora* em defesa de um projeto de poder, braço apassivador do Kirchnerismo”, nos atemos a demonstrar a atuação política do movimento *La Cámpora*, o que defendem, qual projeto político que apoiam. Deste modo, a análise da Revista *Noticia de La Cámpora*, foi material profícuo da pesquisa e para obtenção de respostas. O movimento *La Cámpora*, busca a expansão e o controle permanente, atua através da persuasão e do apassivamento sem, no entanto, eliminar o caráter repressivo do Estado, operam e defendem o projeto de poder dos Kirchners.

## **1. O SISTEMA INTERNACIONAL, A ARGENTINA E O ESTADO NEOLIBERAL**

Para que possamos ter uma compreensão acerca do jogo de poder, principalmente nas relações políticas entre os Estados, é importante compreender como as relações de forças se constituem no sistema internacional, e por conseguinte como se deu na América Latina e especificamente na Argentina, portanto o presente capítulo buscará evidenciar as relações de poder entre os Estados e como esta força age perante Estados periféricos na adoção de medidas econômicas que os favoreçam.

Desta maneira, o presente capítulo está dividido em três partes: 1.1 Sistema internacional e neoliberalismo: a particularidade da Argentina; 1.2 A implementação do neoliberalismo no governo Menem; 1.3 Menemismo reformas voltadas para o mercado.

Na parte 1.1 apresentaremos uma discussão de cunho teórico, com utilização de conceitos e formulações de clássicos da área das Relações Internacionais como Edward Carr, Hans Morgenthau e Raymond Aron. Neste sentido abordaremos o funcionamento do sistema internacional, enquanto um espaço caracterizado pelo poder político econômico militar onde os Estados atuam movidos pela lógica, paradoxal tanto dos seus interesses quanto da construção de apoios e alianças, partindo da concepção de um sistema permeado por disputas de poder, em que pese a presença dos Estados considerados hegemônicos nos Estados periféricos, no caso em específico a Argentina, bem como a implementação das medidas neoliberais.

Na parte 1.2 será abordado como se deu o processo de implementação do neoliberalismo no governo Menem. Para tanto apresentaremos os principais formuladores neoliberais, e demonstraremos como estas formulações tomam força na Argentina, principalmente no governo de Carlos Saúl Menem. Considerando as formulações do David Harvey, utilizaremos para analisar o modelo argentino.

Por fim, na parte 1.3 apresentaremos as medidas econômicas neoliberais que estabelecem uma nova etapa do capitalismo. O menemismo implementa as reformas voltadas para o mercado, que visa um conjunto de privatizações de bens públicos, reformas trabalhistas, previdenciárias e econômicas, fruto da competição entre os Estados por investimentos do capital como uma forma de reestruturar a economia dos Estados que estavam em grave crise.

## 1.1 Sistema internacional e neoliberalismo: a particularidade da Argentina

A formação histórico social de um Estado é permeada por relações de poder e, nesse sentido, o projeto de Nação, o campo econômico, cultural e social, são elementos constitutivos da dimensão política. Inicialmente cabe destacar como o processo de independência política dos Estados na utilização dos seus recursos de poder, conforme Mathias; Brito (2006) partindo de indicações já muito conhecidas na tradição marxista<sup>5</sup>, enfocam uma análise a respeito do Estado, como segue:

a) O Estado tem a função de fazer com que interesses particulares de classes, frações de classe, grupos sociais determinados apareçam como interesses de toda a sociedade, cumprindo, neste sentido, também uma função ideológica; b) O Estado se apresenta como ente político da união nacional, que, segundo a característica anterior, assume a função de ser a instituição a partir da qual se projetam uma direção comum a toda a sociedade, e, por isso, é o agente político por excelência também no sistema de relações internacionais; c) Sendo expressão de uma sociedade de classes, o Estado sintetiza e condensa as relações de poder que estão distribuídas pela sociedade e é, portanto, o núcleo de articulação do poder político; d) Justamente por ser núcleo de articulação do poder político disperso pela sociedade, o Estado se faz presente de maneira capilar na sociedade e, sem se confundir com ela, tem como função articular os processos de reprodução social em um sentido unitário; e) Tendo como base a divisão social das classes, o Estado é também a materialização mais geral do poder político e, portanto, da dominação de classes, cuja forma histórica varia de acordo com o padrão de reprodução do capital, da conjuntura política e das relações das forças sociais em disputa, o que confere uma determinação material precisa à definição weberiana de Estado como detentor do monopólio do uso da violência legítima; f) A determinação geral do Estado como condensação do poder da classe dominante é simultaneamente necessária para prevenir uma concepção idealista do Estado, mas é insuficiente para determinar as características concretas do Estado em cada formação social em períodos históricos específicos. (MATHIAS; BRITO, 2016, p. 329)

---

<sup>5</sup> Em suas conhecidas “obras históricas”, Marx associa a determinação da natureza de classe do Estado com suas entificações históricas particulares, apresentando análises do funcionamento do Estado em termos de sua configuração interna, seus níveis decisórios, as funções dos diversos centros de poder. Articulando os níveis abstratos e conjunturais (concreto) da análise estatal, seria possível diferenciar o aparelho de Estado e o poder de Estado, bem como outras distinções correlatas, como classe (ou fração) economicamente dominante e classe (ou fração) politicamente governante ou ainda entre poder de Estado e poder de governo, dentre outras concretudes; g) Na sociedade capitalista, o Estado assume também funções econômicas, seja de garantia legal dos fundamentos da reprodução do capital (propriedade privada dos meios de produção, mercantilização da força de trabalho), seja de atuar como planejador econômico, reformador das estruturas econômicas concretas, proprietário de empresas, financiador da acumulação capitalista, entre outras. (MATHIAS; BRITO, 2016, p. 329)

Tendo em vista esta dimensão de acordo com Mathias; Brito (2016) do ponto de vista político, na medida em que o Estado condensa as relações de força que disputam o poder da sociedade em uma síntese superior, ele é atravessado pela disputa de hegemonia. O campo desta disputa hegemônica – onde um disputa o poder em relação ao outro – o Estado em Gramsci, segundo Mathias (2015) é concebido como o espaço onde se realiza a hegemonia, onde acontecem as relações entre política e economia, força e consenso, direção e dominação, ou seja, no conjunto destas relações em que pesa o poder de cada Estado, tanto no plano interno e externo, são permeadas por ações que darão o aporte para que:

Os países centrais (hegemônicos) não somente exploram suas vantagens comparativas em relação aos países periféricos, mas também controlam os mecanismos competitivos de mercado, inclusive por serem detentores de tecnologia avançada, alta produtividade e capacidade de desterritorialização da rede produtiva, o que reduz e facilita a comercialização e distribuição de mercadorias e produtos. (MATHIAS, 2015, p. 74)

A utilização destes mecanismos competitivos de mercado é um braço da atuação dos países hegemônicos<sup>6</sup> dentro da estrutura do projeto de poder que se pretende perante aos países periféricos, a inserção também ocorre no campo da organização política, onde:

Os interesses de classe ultrapassam os limites do campo econômico e alcançam o campo da organização política que, mediante as possibilidades de desenvolvimento, se configura na ação política e cultural que pretende a conquista e a manutenção do poder. (MATHIAS, 2015, p. 74)

Para que se mantenha uma unidade desta organização política, é necessário criar um consenso acerca do sentimento de Nação, para que a manutenção do poder de determinado grupo político ou fração da sociedade não se deteriore. O sentimento ou o pertencimento a uma Nação é fruto de um conjunto de acontecimentos – guerras e revoluções de

---

<sup>6</sup> Conforme Harvey (2005), um dos mecanismos de ampliação dos países hegemônicos - neste caso os Estados Unidos da América (EUA) - devido as baixas nas condições econômicas em meados da década de 1970, foi estimulado a ampliação do crédito financeiro aos demais países em desenvolvimento (em sua grande maioria periféricos), o endividamento foi pesadamente estimulado enquanto os banqueiros de Nova York lucravam mediante a taxas vantajosas no empréstimo. Porém como estes empréstimos eram feitos em dólar, qualquer alteração nas taxas de juros dos EUA poderia causar um grande endividamento dos países em desenvolvimento. Como manobra para que está situação não fosse constante, visto que o México em 1982-1984 já entrara em moratória, Reagan decide retirar o apoio ao Fundo Monetário Internacional (FMI), pressão que une o Tesouro norte-americano e FMI no rolamento da dívida, mas com a condição e implementação de reformas neoliberais. Condição que foi seguida pelo FMI e Banco Mundial, fato que demonstra como os EUA, altera a dinâmica do mercado internacional.

independência – que ocorreram ao longo de sua história – que vão dar o corpo para a criação do Estado que organiza a nação, para Ianni (1987):

A Nação pode ser vista como uma configuração histórica, em que se organizam, sintetizam e desenvolvem forças sociais, atividades econômicas, arranjos políticos, produções culturais, diversidades regionais, multiplicidades raciais. Tanto o hino, a bandeira, o idioma, os heróis e os santos, como a moeda, o mercado, o território e a população adquirem sentido no contexto das relações de forças que configuram a Nação. A Nação pode ser uma formação social em movimento; pode desenvolver-se, transformar-se, romper-se. (IANNI, 1987, p. 15)

Por ser uma Nação que tem a sua formação social em movimento, a sociedade nacional segundo Ianni (1987) tem o seu desenvolvimento “aos poucos” devido à alta pluralidade, fator este que por sua vez não congrega na formação do Estado nacional o reconhecimento e pertencimento de todos, o que contribui para gerar resistência e conflito para manter os ideais de uma Nação. O nacionalismo, assim se expressa diferente em cada classe, pois as desigualdades sociais, regionais e culturais são fatores que distanciam as visões da ideia de Nação, assim, a constituição da Nação muda ou consolida-se conforme o jogo das forças sociais internas e externas.

Nesta dinâmica de formação da sociedade nacional, as relações externas atuam fortemente na constituição da mesma, conforme aponta Ianni (1987), na América Latina:

As relações externas constituem uma determinação essencial; entram decisivamente na definição do perfil da Nação. Uns falam em interdependência, parceria, associação etc.; outros se referem à subordinação, perda da soberania, administração externa. Podem mudar as interpretações, mas todos reconhecem a importância das relações externas na conformação externa e interna. (IANNI, 1987, p. 18)

Sendo a Argentina um dos países da América Latina no campo geopolítico e geoeconômico através das relações exteriores, busca ampliar o seu espaço e firmar poder no cenário internacional, assim conforme aponta Morgenthau (2003):

A política internacional, como toda a política, consiste em uma luta pelo poder. Sejam quais forem os fins da política internacional, o poder constitui sempre o objetivo imediato. Os povos e os políticos podem buscar, como fim último, liberdade, segurança, prosperidade ou o poder em si mesmo. Eles podem definir seus objetivos em termos de um ideal religioso, filosófico, econômico ou social. Podem desejar que esse ideal se materialize, quer em virtude da sua força interna, quer graças à intervenção divina ou como resultado natural do desenvolvimento dos negócios humanos. Podem ainda tentar facilitar sua realização mediante o

recurso a meios políticos, tais como cooperação técnica com outras nações ou organismos internacionais. Contudo, sempre que buscarem realizar seu objetivo por meio da política, eles estarão lutando por poder. (MORGENTHAU, 2003, p. 49)

Para Carr (2001), mesmo não havendo a possibilidade de definir a política exclusivamente em termos de poder, é possível afirmar que o poder é sempre um elemento essencial da política, desta maneira:

A política é, em certo sentido, sempre política de poder. Normalmente, não se aplica o termo “política” a todas as atividades do Estado, e sim as questões envolvendo conflito de poder. Uma vez que esse conflito tenha sido resolvido, a questão deixa de ser “política” e se torna matéria administrativa. [...] Mas logo que surge uma questão que envolve, ou parece envolver, o poder de um estado com relação a outro, o assunto se torna imediatamente “político”. (CARR, 2001, p. 135)

Portanto, para Carr (2001), assim como o poder se encontra na força do homem sobre a mente e ações dos outros homens, o poder de uma Nação se reflete em sua política externa. Como nem todos os homens são providos de poder dentro do meio social que vive, esta objetificação do poder é exteriorizada no outro, sendo assim, para o campo das Relações Internacionais nesta visão o homem se espelha em sua Nação suprimindo a necessidade de poder que não possui com um só.

O poder é um instrumento indispensável de governo. Internacionalizar o governo, em qualquer sentido real, significa internacionalizar o poder e o governo internacional é, de fato, o governo pelo estado que conta com o poder necessário para o propósito de governar. (CARR, 2001, p. 141)

Desta maneira, a política é um instrumento de poder e dentro das suas atribuições como um mecanismo de inserção dentro do contexto internacional diversos elementos são utilizados como mecanismo para a busca do mesmo. Morgenthau (2003) aponta que um dos fatores mais estáveis de que depende o poder de uma nação é a geografia, o uso estratégico da posição geográfica influencia não somente nas questões de território, economia e política, mas constitui-se como mais um fator que agrega poder nas relações internacionais.

Corroborando para o que escreve Morgenthau (2003) de que o poder de uma nação é a geografia, e seu uso estratégico dentro do contexto internacional na busca de Estados aliados que somem forças políticas dentro do sistema internacional tanto os Estados Unidos da América – EUA e União das Repúblicas Socialistas Soviéticas – URSS, criaram



contornos dentro da dinâmica do sistema internacional. Assim, a Guerra Fria que emerge como consequência da disputa das duas superpotências no período da Segunda Guerra Mundial torna-se um período onde as disputas e demonstração de poder internacional são constantes até a dissolução do bloco socialista. O jogo de forças perpetrado pelas duas potências colocou o mundo em estado de atenção, a iminência de um ataque nuclear é constante, o medo da destruição total é o que prende as superpotências no nível das ameaças. Para Hobbes (2003),

A Guerra não consiste apenas na batalha ou no ato de lutar, mas naquele lapso de tempo durante o qual a vontade de travar a batalha é suficientemente conhecida. Portanto, a noção de tempo deve ser levada em conta na natureza da guerra, do mesmo modo que na natureza do clima. Porque tal como a natureza do mau tempo não consiste em dois ou três chuviscos, mas numa tendência para chover durante dias seguidos, também a natureza da guerra não consiste na luta real, mas na conhecida disposição para tal, durante todo o tempo em que não há garantia do contrário. (HOBBS, 2003, p. 116)

De fato, conforme aponta Hobbes (2003), no que consiste o jogo e a luta por poder no âmbito da Guerra Fria, o campo de atuação das superpotências versava no sentido de atribuir a sua “vontade de travar a batalha” um mecanismo para elevar o poder de cada Estado dentro do sistema internacional, pois dentro do jogo político a demonstração de força militar, geográfica, somado ao agrupamento de aliados é o que configura como uma condicionante para que se estabeleça a hegemonia. Como bem coloca Hobsbawm (2003),

A peculiaridade da Guerra Fria era a de que, em termos objetivos, não existia perigo iminente de guerra mundial. Mais que isso: apesar da retórica apocalíptica de ambos os lados, mas sobretudo do lado americano, os governos das duas superpotências aceitaram a distribuição global das forças no fim da Segunda Guerra Mundial, que equivalia a um equilíbrio de poder desigual mas não contestado em sua essência. A URSS controlava uma parte do globo, ou sobre ela exercia predominante influência – a zona ocupada pelo Exército Vermelho e/ou outras Forças Armadas comunistas no término da guerra – e não tentava ampliá-la com o uso da força militar. Os EUA exerciam o controle e predominância sobre o resto do mundo capitalista, além do hemisfério norte e oceanos, assumindo o que restava da velha hegemonia imperial das antigas potências coloniais. Em troca não intervinha na zona aceita de hegemonia soviética. (HOBBSAWM, 2003, p. 224)

A configuração das disputas que ocorreram durante o período da Guerra Fria e após, somaram ao conjunto de ações que os EUA implementaram em diversas regiões do mundo,

atendo-se ao caso da América Latina segundo Harvey (2008), se deu através da inserção no Chile, visto que o país se encontrava em graves dificuldades econômicas, e como forma de buscar a recuperação da economia chilena um grupo de economistas chilenos conhecidos como “the Chicago Boys”<sup>7</sup> – financiados e treinados pelos EUA desde 1950, em um programa americano da Guerra Fria – seguiam as teorias neoliberais de Milton Friedmam, professor da Universidade de Chicago, foi incumbido de aplicar a teoria neoliberal na economia chilena.

Cabe ressaltar que para além do fator recuperação econômica, o ponto principal era manter afastado e neutralizar as tendências esquerdistas na América Latina e difundir assim o novo modelo econômico neoliberal, distanciando das políticas econômicas keynesianas, de modo que a adoção destas medidas foi mais um impulsionador da presença hegemônica dominante dos Estados Unidos na América Latina.

A região do Cone Sul que é parte do chamado Novo Mundo – América Latina – de acordo com Mello (1996) desde seu processo de colonização já se mantinha como uma região em disputa pelos países colonizadores, fator que não se altera mesmo diante dos processos de independência nos países da região, que segundo o autor torna-se mais um elemento que vai direcionar os olhares e interesses da política exterior dos Estados Unidos da América, colocando assim a região do Cone Sul como uma peça de fundamental importância para as ações políticas de dominação. Fatores que chamavam a atenção e olhares dos EUA para a região, conforme aponta Mello (1996):

A partir do segundo pós-guerra a posição de hegemonia hemisférica conferiu aos Estados Unidos o papel de árbitro inquestionável (*holder of the balance*) do equilíbrio de poder sul-americano. No arco de tempo que vai da bipolaridade rígida da guerra fria à bipolaridade atenuada da *détente*, as relações da potência hegemônica com os dois países-chave meridionais pautaram-se sempre pelo realismo da política de poder norte-americana. (MELLO, 1996, p. 189)

Como destaca Mello (1996), a posição tomada pelos EUA na região tem como objetivo estabelecer a política de poder. Os EUA, no uso dos seus elementos de poder, alteram a dinâmica das relações internacionais dos países da América Latina, assim principalmente no segundo pós-guerra este processo é contínuo, de forma que a política dos

---

<sup>7</sup> Este assunto é discutido amplamente por Rodolfo Sanches (2016), no subtítulo – Chicago Boys: da Universidade ao Poder no Capítulo III – Os *intelectuais*: um embate *orgânico*. Dissertação intitulada: Projeto Chile: um elo ativo na Revolução Passiva.

EUA na América Latina incorpora a região como campo estratégico geopolítico dentro do sistema internacional, assume assim um modelo hegemônico na região atuando internamente nos governos nacionais. A relação assume um caráter mais incisivo a partir da Segunda Guerra Mundial, mas já mantinha relações com os países latinos antes deste período, pois como já mencionado a presença política na região do Cone Sul, para além de frear a atuação dos movimentos esquerdistas, intervenção na economia, nos assuntos geopolíticos e na política interna e externa, o movimento dos EUA delimitava seu interesse maior na dominação, ou seja, o poder hegemônico.

No sistema internacional a inserção das políticas dos EUA, tanto para fins econômicos e militares, ou seja, dentro das questões de disputas geopolíticas visavam manter um consenso, e neste sentido, no que cabe a sua inserção na América Latina, era de suma importância e estratégico manter relações com diversos países latinos, principalmente com as duas potências regionais Brasil e Argentina que devido ao contexto político, econômico e geográfico<sup>8</sup> na região, constituem-se de grande relevância para fins de estratégias tanto internamente e externamente, adquirindo importância dentro do contexto das relações internacionais, de forma que na condução das políticas dos EUA, o estabelecimento de um processo hegemônico na região o tornaria mais forte dentro do sistema internacional.

A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido o bloco social que não é homogêneo, mas sim marcado por profundas contradições de classe. Uma classe é hegemônica, dirigente e dominante, até o momento em que – consegue através de sua ação política, ideológica, cultural – consegue manter articulado um grupo de forças heterogêneas, consegue impedir que o contraste entre tais forças exploda, provocando assim uma crise na ideologia dominante, que leve a recusa de tal ideologia. (GRUPPI, 2000, p. 70)

No campo da dominação hegemônica exercida pelos EUA, a condução de sua política exterior atua de forma incisiva, de modo a utilizar de todo o seu poder como um meio de organizar o jogo político junto dos demais países do sistema internacional, que de acordo Aron (2002), é composto por um conjunto de Estados que mantêm relações entre si,

---

<sup>8</sup> Como bem aponta Mello (1996), a questão geográfica que compreende a Argentina e o Brasil, o faziam no contexto da América Latina importantes geopoliticamente, visto que a extensão territorial e pluvial garantiam como “os principais condôminos da Bacia do Prata”, a Argentina na sua extensa fronteira com o Chile, somado a Passagem de Drake, rota oceânica de ligação entre o Atlântico e Pacífico, e o Brasil no controle de 4,8 dos 7 milhões de km<sup>2</sup> da Bacia Amazônica e com fronteiras com todos os países sul-americanos exceto Chile e Equador.

ao passo que não é possível dissociar as políticas de um país sem efetuar a análise de sua condução das suas relações no âmbito internacional. As interferências nas políticas dos países da América Latina, especialmente aos que apontavam como “aliados preferenciais”<sup>9</sup> atuam de forma a garantir e firmar a presença econômica, militar, ideológica para a obtenção de mecanismos que deem respaldo legal para que suas atividades de internacionalização dos meios produtivos (indústrias), recursos naturais e entre outros, mesmo que para este fim seja necessário “atropelar” acordos políticos realizados por um conjunto de Estados, questão que nos remete a reflexão sobre a dinâmica do sistema internacional:

O sistema internacional é dotado de um conjunto de regras e práticas que visam regular o jogo político, porém, a despeito dos riscos envolvidos, não é rara a violação das regras e dos acordos entre Estados, o que torna ainda mais duvidosa a capacidade de auto-regulação do sistema. Assim sendo, pode-se inferir que as *mudanças* na ordem internacional passam pela aprovação, violação ou transgressão das regras estabelecidas e, por isso, a margem de manobra nesse processo será maior para aqueles Estados dotados de maior poder político econômico. (MATHIAS, 2016, p. 106)

A condução destas políticas internacionais entre os Estados mantém relações de cunho comercial, poder, tratados, alianças, que são articuladas e estabelecidas dentro do jogo internacional de forças.

O sistema internacional é o conjunto constituído pelas unidades políticas que mantêm relações regulares entre si e que são suscetíveis de entrar em uma guerra geral. São membros integrais de um sistema internacional as unidades políticas que os governantes dos principais Estados levam em conta nos seus cálculos de forças. (ARON, 2002, p. 153).

Para Aron (2002), o uso do termo sistema seria difícil de empregar para um conjunto de Estados que tem como um dos principais motes a constituição de uma competição, ou seja, que possui a sua organização baseada no conflito, ação que se torna evidente com o uso das armas. Assim defende que o sistema político é uma organização com relação

---

<sup>9</sup> Para Mello (1996, p. 70-71), a nova diplomacia americana comandada pela dupla Nixon-Kissinger, desenvolve uma política de enfocar o Terceiro Mundo não como um bloco coeso, mas um conglomerado heterogêneo, buscando os países estratégicos que poderiam ser submetidos ao processo de cooptação seletiva e diferenciada, deste modo o grupo de “aliados preferenciais” na sua condição de liderança regional no âmbito da supremacia norte-americana, são considerados como países-chave ou potências emergentes. Porém os aliados tinham que possuir requisitos básicos, como: posse de reservas petrolíferas ou minerais escassos, controle de rotas vitais a comunicação, comercio transoceânicos, extensão territorial, densidade demográfica, recursos naturais, desenvolvimento econômico, potencial militar, fatores que pudessem lhe conferir certa autonomia regional.

recíproca entre partidos, que estabelecem cooperação e regras impostas pelo governo. O sistema constitui-se por partidos que estabelecem a unidade de luta e são os atores coletivos em competição, se comportam em número limitado de atores, não se submetendo aos demais, mantém desta forma uma base de ação oligopolística. Portanto,

Os atores principais determinam, em cada época, como deve ser o sistema, muito mais do que são determinados por ele. Basta uma transformação do regime dentro de uma das potências principais para que mude o estilo e até mesmo o rumo das relações internacionais. (ARON, 2002, p. 154).

O sistema internacional possui elementos fundamentais, dentre os quais a participação política, militar e a comunicação, tornam-se fatores essenciais para o estabelecimento de uma aproximação, onde os fatores políticos e militares assumem grande relevância, quando a ação é baseada em uma estratégia de ocupação. Assim nas relações diplomáticas tinha-se como princípio estabelecer a “aliança em duas frentes” dentro do campo que configura a relação de forças, a distribuição geográfica das forças é um fator de influência sobre o rumo da diplomacia.

A distribuição geográfica das alianças exerce, naturalmente, uma influência sobre o rumo da diplomacia. Os recursos, os objetivos e os sonhos das unidades políticas refletem o território que ocupam. Por outro lado, as alianças estão relacionadas com a posição respectiva dos Estados que as compõem; o aliado mais poderoso inquieta menos se é mais distante. O vizinho tende a se tornar um inimigo ou então um “aliado permanente”. Mas, apesar de tudo, o aspecto essencial de um sistema é a configuração da sua relação de forças; o espaço só tem significado diplomático em função da localização dos “grandes” e dos “pequenos” Estados, dos países estáveis e instáveis, dos pontos nevrálgicos (militares e políticos) das zonas pacificadas. (ARON, 2002, p. 157).

Desta forma, Aron (2002) aponta que no que se constitui o sistema internacional há a configuração de forças, e compara o multipolar – a rivalidade diplomática se desenvolve entre um certo número de unidades políticas, que pertencem a mesma classe, ao bipolar – duas unidades políticas principais ultrapassam todas as outras em importância, de tal forma que o equilíbrio geral do sistema só é possível com duas coalizões; todos os demais Estados, pequenos ou grandes, ficam obrigados a aderir a um dos dois campos.

Pensando no contexto da América Latina e especificamente no Cone Sul, no âmbito do sistema internacional, no jogo das forças a relação estabelecida entre Argentina e Brasil não só no Cone Sul, mas na América Latina atuam dentro da sua política internacional como

pequenos países dentro do contexto internacional frente às grandes potências como os EUA e a União Europeia – UE, adaptam-se em grande parte a conjuntura política estabelecida pelos grandes Estados.

Qualquer que seja a configuração existente, as unidades políticas formam uma hierarquia, mais ou menos oficial, determinada essencialmente pelas forças que cada uma é capaz de mobilizar. Numa extremidade estão as grandes potências, na outra os pequenos países; uma reivindica o direito de intervir em todos os assuntos, mesmo naqueles que não lhe dizem respeito diretamente; os outros tem como única ambição intervir, fora da sua limitada esfera de ação, nos assuntos que lhe concernem de modo direto (e às vezes se resignam mesmo a respeitar as decisões que foram tomadas sem sua participação). A ambição dos grandes Estados é moderar a conjuntura; a dos pequenos; adaptarem-se a uma conjuntura que essencialmente não depende deles. É uma posição muito simples, que traduz opiniões mais do que a realidade: a maneira como os pequenos Estados adaptam-se à conjuntura para dar forma à própria conjuntura. (ARON, 2002, p. 157).

De modo que os Estados, e particularmente os EUA como já apontado, possui grande influência na conjuntura política da região, cria pressões nos pequenos Estados conforme aponta Aron (2002), exercendo grande poder e atuando em diversas frentes, como exemplo de uma das medidas que alteraram a conjuntura política da América Latina, aponto para o papel dos EUA no financiamento e apoio unilateral para a assunção de vários regimes militares que solaparam a América Latina por décadas. Porém, como a ordem do sistema político internacional é dinâmica e permeada pelas circunstâncias da política atual torna-se um movimento onde determinado processo político, econômico e social na condução de um país se renova ou apenas se altera.

Portanto, após anos de ditadura militar para citar alguns países como Chile, Brasil e permaneço no caso específico da Argentina, o movimento se enfraquece e frente às pressões internas e externas, o regime militar, que já se encontrava deteriorado, e com as alterações das conjunturas internacionais, cria condições para que se estabeleça no país a consolidação e implementação de um processo democrático. Deste tal modo, que no ano de 1983, iniciado o processo de distensão na Argentina ocorre disputa presidencial entre o jornalista Italo Luder e Raul Alfonsín, este último vence o pleito e assume a presidência em 10 de dezembro de 1983. No decorrer do seu governo a Argentina se depara com um enorme retrocesso, a qualidade de vida decaiu drasticamente, graças às medidas protecionistas, elevadas taxas de juros impostas pelo EUA, somados à queda dos preços dos produtos agrícolas, principal meio de exportação do país. Neste contexto, crescente, a crise se agrava, lembrando que

nesta fase a política econômica argentina, com ênfase na estabilização, seguia as normas<sup>10</sup> do Fundo Monetário Internacional – FMI.

Diante destas circunstâncias, a Argentina sem condições de competição econômica e política pela liderança da América do Sul, se volta para o Brasil, com o intuito de ampliar sua presença no sistema internacional e a construção de um mercado bilateral; portanto, em 29 de novembro de 1988, ocorre a consolidação do Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento, cujo resultado foi que:

[...] Os rumos do processo de disputa pela hegemonia regional foram alterados. O acordo previa, ao longo de dez anos, o estabelecimento de um espaço econômico comum traduzido pela eliminação de tarifas comerciais e de serviços, assim como a convergência entre políticas macroeconômicas. A opção estratégica da integração bilateral obedecia uma formulação diplomática, que se orientava por quatro princípios norteadores: *realismo, gradualismo, flexibilidade e equilíbrio*. (MATHIAS, 2002, p. 29)

Contudo, devido aos graves problemas econômicos que afetavam a Argentina, incluindo uma taxa inflacionária anual de 343% em 1988 e superior a 3000% em 1989, (apesar de ter adotado em 1985 o chamado *Plano Austral*<sup>11</sup>, com a substituição da moeda, o Peso Argentino, pelo *Austral* com três zeros a menos), e com graves conflitos sociais com saques em comércios e supermercados, Alfonsín deixa o poder cinco meses antes do fim de seu mandato no ano de 1989, e é sucedido pelo peronista Carlos Saul Menem integrante da Frente Renovadora do Justicialismo. Menem, durante seu governo, juntamente com Brasil, Uruguai e Paraguai, dá continuidade ao processo de integração assinando o Tratado de Assunção em 1991, constituindo a formação do bloco Mercado Comum do Sul – Mercosul, que vinha como um meio de elevar a condição geopolítica da América Latina em relação aos grandes blocos econômicos, de modo que pudesse alavancar a inserção dos países pertencentes do bloco no sistema internacional e na soma de configuração de forças nas relações internacionais, como exemplo a União Europeia.

No início dos anos 90, ocorreu o aceleração do processo de integração para o Mercosul. Com a assinatura do *Tratado de Assunção*, em março de

---

<sup>10</sup> Dentre as normas difundidas pelo FMI, estava a adoção de políticas que visavam o modelo econômico neoliberal, que conforme Harvey (2008), produziu na América Latina, estagnação ou surtos de crescimento seguidos por colapsos econômicos como na Argentina, tornando-se assim a “década perdida” de 1980.

<sup>11</sup> O processo da escalada inflacionária mesmo após a adoção em 1985 do chamado *Plano Austral*, com a substituição da moeda, o Peso Argentino, pelo *Austral* com três zeros a menos, na tentativa de conter a inflação não tem êxito, retornando novamente para o Peso “convertível” no ano de 1992.

1991, a opção estratégica da integração passou a obedecer uma formulação diplomática orientada por três princípios norteadores: *gradualismo*, *flexibilidade* e *equilíbrio*. Estes são os fundamentos que sustentam a base do projeto de integração e são percebidos quanto à sua aplicabilidade, na definição de prazos e medidas adotadas, em face de algumas das alterações promovidas pelos países-membros em suas políticas macroeconômicas, bem como na opção dos instrumentos jurídicos que viabilizaram as etapas do período de transição que se sucedeu. (MATHIAS, 2002, p. 29)

A aceleração do processo de integração e criação do Mercosul, segundo Mathias (2002) ocorre como um meio de elevar o grau de importância da América Latina no contexto geopolítico, em contraponto a formação dos grandes blocos. O modelo de integração do bloco – como proposta dos Estados Unidos – parte para uma estratégia de integração econômica subregional, com modelo de intergovernamentalismo que difere do adotado pela União Econômica Europeia – UEE, que daria ao processo de decisão uma maior democratização. As configurações do bloco mantêm o processo de decisão conjunta, o que reduz o grau de autonomia por parte dos Estados Nacionais.

É interessante perceber que, no processo decisório, criou-se um paradoxo, uma vez que tomam forma, na própria dinâmica da integração, questões com dimensões supranacionais, embora o modelo institucional adotado tenha um caráter intergovernamental. Mesmo assim, a supranacionalidade não foi discutida no âmbito do Mercosul. Ao que parece, jamais esteve em pauta a discussão sobre a formação de uma comunidade dos países sul-americanos, o que significa um envolvimento mais profundo da sociedade civil. Esta opção, ao que tudo indica, orientaria diferentemente tanto o processo deliberativo quanto a dinâmica de funcionamento da integração. (MATHIAS, 2002, p. 29)

O processo de integração intergovernamental concentra poder na instância do executivo.

Vejamos a seguir:

No cenário regional atual, o modelo intergovernamental é caracterizado pela exclusividade do poder de decisão, que permite ao Conselho Mercado Comum (CMC) e ao Grupo Mercado Comum (GMC) exercerem ação ordenadora na integração. Na verdade, esta centralização é viabilizada no transcorrer do processo de consolidação do Mercosul, pois os principais sujeitos deste projeto estão alocados no Ministério das Relações Exteriores, da Economia e do Banco Central de cada país membro, mantendo outros atores – como sindicalistas, intelectuais, empresários (sobretudo pequenos e médios) – distanciados do processo decisório. (MATHIAS, 2002, p. 30)



Menem assume o governo e estabelece um conjunto de ações na sua política exterior de forte aproximação com os mercados dos EUA, Europa e Ásia-Pacífico, dando ênfase para o Mercosul, a partir de 1994, segundo Guimarães (2000). Neste período ocorre a intensificação de suas relações bilaterais principalmente com os EUA.

O estreitamento das relações com os Estados Unidos foi procurado em razão de três percepções: o papel unipolar por eles exercido ao término da Guerra Fria, sua capacidade de influência sobre órgãos multilaterais e, enfim a capacidade de consumo de seu mercado e a disponibilidade de capitais para investimento externos. [Estabelece] um cuidadoso programa de troca de visitas de altas autoridades, que preparou o entendimento político, ampliando à esfera das relações econômicas com o anúncio de uma política argentina de caráter neoliberal explícito. Ademais no contexto internacional e bilateral, a ação diplomática argentina voltou-se para gestos de agrado ao aliado especial. O apoio desde às mudanças introduzidas por Menem na Argentina não tardaram a vir a público. (GUIMARÃES, 2000, p. 46)

As alterações de foco que estabelece o governo Menem, em relação à busca por uma efetivação e consolidação do Mercosul são deslocadas, descaracterizando os protocolos firmados em 1986 pelos presidentes Sarney e Alfonsín.

[...] governo desejava dar passos ousados rumo a uma integração horizontal e vertical, política e econômica, mas era contido em seu ímpeto pelo Brasil, para o qual o bloco regional significava menos um mercado integrado e mais um fato de robustecimento de sua capacidade de negociação internacional. Nesse embate, e em consequência das mudanças ocorridas nos dois países, com a introdução de políticas públicas de corte neoliberal desde 1990, a filosofia original do Mercosul, aquela dos protocolos de 1986, foi abandonada. Com efeito, concebido como um processo de integração primariamente das unidades produtivas dos países membros, tendo em vista robustecer as economias nacionais pela via de empreendimentos regionais de grande porte capazes de gerar tecnologias em alguns setores estratégicos de desenvolvimento, a formação do bloco desviou-se para o terreno do comércio, ocupando-se apenas com os fluxos de mercadorias entre seus integrantes e destes com terceiros. (GUIMARÃES, 2000, p. 47)

De tal maneira que a relação extremamente próxima com os EUA, bem como a adoção e submissão de suas políticas neoliberais, abre espaço para a implementação das ações do *Consenso de Washington*, que determinava a inserção de conjunto de reformas econômicas, que deveriam que ser adotadas. A implementação destas reformas não ocorre somente na Argentina, – por pressão dos EUA –, mas também é implementada por vários

países da América Latina, que tem como fim a abertura de seu mercado, fator que fortalece a presença massiva dos EUA nos mercados e na influência política na região, iniciando a fase do neoliberalismo. Como consequência destas alterações, a Argentina passou por diversas mudanças nas suas políticas econômicas, convivendo com uma grande variação no seu mercado interno e externo, cedendo às pressões do sistema internacional principalmente no eixo econômico neoliberal.

## **1.2 A implementação do neoliberalismo no governo Menem**

A implementação das reformas de mercado na América Latina, se acentuam a partir do ano de 1989 com a queda do Muro de Berlim, em virtude das alterações ocorridas no sistema internacional. Na Argentina com apoio irrestrito do presidente Carlos Menem as medidas econômicas neoliberais, estabelecem uma nova etapa do capitalismo, com um conjunto de privatizações de bens públicos, reformas trabalhistas, previdenciárias e econômicas, fruto da competição entre os Estados por investimentos do capital como uma forma de reestruturar a economia dos Estados que estavam em grave crise. Porém, para que o processo de neoliberalização fosse fortemente aplicado, fazia-se necessário findar a ditadura militar e instaurar um processo de democratização, movimento que ocorreu na Argentina e que leva Menem ao poder. Harvey (2008) coloca que a instauração do neoliberalismo,

Em países como o Chile e a Argentina nos anos 1970 foi tão simples quanto rápida, brutal e segura: um golpe militar apoiado pelas classes altas tradicionais (assim como pelo governo norte-americano) seguido pela cruel repressão de todas as solidariedades criadas no âmbito dos movimentos trabalhistas e sociais urbanos que tanto ameaçaram seu poder. Mas a revolução neoliberal que se costuma atribuir a Thatcher e Reagan a partir de 1979 tinha de ser instaurada por meios democráticos. A ocorrência de uma mudança de tamanha magnitude exigia que se construísse antes o consentimento político num espectro suficientemente amplo da população para que se ganhassem as eleições. (HARVEY, 2008, p. 49)

Não por acaso, como bem aponta Harvey (2008) a criação de um consentimento político que atuasse de forma a mudar a percepção da população em relação ao conjunto de reformas neoliberais que seriam adotadas necessitava de naquilo que Gramsci denomina

“senso comum” (definido como “o sentido sustentado em comum”) é o que fundamenta o consentimento, de modo que,

O senso comum é construído com base em práticas de longa data de socialização cultural que costumam fincar profundas raízes em tradições nacionais ou regionais. Não é o mesmo que bom senso, que pode ser construído a partir do engajamento crítico com as questões do momento. Assim sendo, o senso comum pode ser profundamente enganoso, escamoteando ou obscurecendo problemas reais sob preconceitos culturais.” (HARVEY, 2008, p.49)

A construção destas políticas inicia-se com o fim da Segunda Guerra Mundial onde o mundo se configura em uma realidade bipolar, e é neste modelo que o neoliberalismo se desenvolve, formulação que deriva das ideias do liberalismo econômico e do conservadorismo. Elaborado desde o início do século pela a “Escola Austríaca” de economia, que tem como fundador Carl Menger, professor de economia da Universidade de Viena, escola que tem como um expoente Ludwig von Mises<sup>12</sup>, que define em três pontos os postulados que vão dar a sustentação para o pensamento de Friedrich Von Hayek. Para Mises, em primeiro lugar a liberdade deve ser invisível e indissolúvel, e para alcançá-la como meta moral é indispensável a mais ampla liberdade econômica; no segundo ponto defende o liberalismo econômico a todo custo, pois existem apenas dois polos de opção: liberdade ou ditadura, onde a interferência do Estado na economia de mercado acarreta de forma gradual e inevitável a sua intervenção total na economia, e por fim no terceiro lugar a defesa de uma “lei de ferro” do liberalismo radical (VADELL, 1997).

Estes três princípios são para Hayek o que vai sustentar e orientar a ação de um governo “democrático<sup>13</sup>”, ou seja, é necessário preservar e resguardar as forças espontâneas da sociedade, utilizando o aparato de coerção<sup>14</sup> estatal somente em caso excepcionais. Desta

---

12 Um dos intelectuais mais destacados da “Escola Austríaca”, que em uma série de ensaios escritos ao final da década de quarenta, e que se encontrava radicado nos Estados Unidos, formula alguns postulados que prevalecerão como o eixo do pensamento neoliberal na maioria dos pensadores.

13 Para Hayek, Democracia é, acima de tudo, um processo de formação da opinião. Sua principal vantagem não está no método de seleção dos governantes, mas no fato de que, como a maioria dos habitantes toma parte ativa na formação da opinião, conseqüentemente aqueles podem ser escolhidos entre grande número de pessoas. É possível admitir que a democracia não confia o poder aos mais sábios e mais bem informados e que as decisões de um governo de elite seriam talvez mais benéficas à comunidade; mas não quer dizer que devemos deixar de preferir a democracia. É em seus aspectos dinâmicos, e não em seus aspectos estáticos, que se revela o valor da democracia. Os benefícios da democracia, assim como os da liberdade, só transparecem a longo prazo, e seus resultados imediatos podem até ser inferiores aos de outras formas de governo. (HAYEK, 1983, p. 119)

14 Segundo Hayek se entende por "coerção" o controle exercido sobre uma pessoa por outra em termos de ambiente ou de circunstâncias, a ponto de, para evitar maiores danos, aquele ser forçado a agir para servir aos objetivos desta e não de acordo com um plano coerente que ela própria elaborou. O indivíduo torna-se incapaz

forma, assim como Mises, Hayek fazia a defesa de um neoliberalismo radical, o que não é posto em prática pelos governos mais conservadores como Grã-Bretanha e Estados Unidos, que optam pela adoção de um modelo de liberalismo econômico clássico, segundo Vadell (1997).

Porém, para a legitimação das medidas neoliberais, o Estado através do uso de diversos canais da sociedade civil – universidades, escolas, igrejas e associações profissionais, criaram a disseminação deste consenso “senso comum” com apoio e financiamento de diversas instituições e corporações bem como a cooptação de meios de comunicação e intelectuais que assumissem o conjunto das políticas neoliberais como algo necessário, todo este movimento criou o consentimento e opinião favorável para estas ações que mais tarde foram utilizadas por partidos políticos e pelo poder do Estado (HARVEY, 2008). Deste modo, conforme aponta Harvey (2008) para além das mudanças econômicas e a criação deste consenso na população, o projeto neoliberal mantinha o interesse em restabelecer o poder de classe, e como isto configuraria a apenas uma parcela minoritária da população na defesa de suas liberdades individuais, o movimento persuasivo e coercitivo adotado pelo Estado utilizava de seu aparato de poder para ganhar apoio popular, essas ações marcaram o modo de atuação de Thatcher e Reagan.

A coerção pode produzir uma aceitação fatalista, e mesmo abjeta, da ideia de que não havia nem há, como insistia Margaret Thatcher, “alternativa”. A construção ativa do consentimento também variou de lugar para lugar. Além disso, como atestam inúmeros movimentos de oposição, o consentimento muitas vezes se enfraqueceu ou fracassou em diferentes lugares. Contudo, temos de examinar, para além desses mecanismos culturais e ideológicos infinitamente variados – por mais importantes que sejam –, as qualidades da experiência cotidiana a fim de melhor identificar as bases materiais da construção do consentimento. E é nesse nível – a experiência da vida cotidiana sob o capitalismo na década de 1970 – que começamos a ver como o neoliberalismo penetrou nas compreensões do “senso comum”. O efeito disso em muitas partes do mundo foi vê-lo cada vez mais como uma maneira necessária e até completamente “natural” de regular a ordem social. (HARVEY, 2008, p. 50)

---

de usar sua própria inteligência e conhecimento ou mesmo de se orientar por seus objetivos e ideias, exceto no sentido de escolher o menor dos males numa situação que lhe é imposta por outra pessoa. A coerção é maléfica precisamente porque anula o indivíduo enquanto ser que pensa e avalia, fazendo dele um mero instrumento dos fins de outrem. A livre ação, graças à qual um indivíduo persegue seus próprios objetivos pelos meios que seu conhecimento lhe indica, deve basear-se em informações que não podem ser moldadas de maneira arbitrária por outrem. Ela pressupõe a existência de uma esfera conhecida, em que as circunstâncias não podem ser criadas por outra pessoa de modo a oferecer uma única escolha prescrita. (HAYEK, 1983, p. 17)

Neste levante que impulsiona a disseminação do neoliberalismo, outro nome que tem sua ascensão na década de setenta é Milton Friedman, com o detrimento das políticas do Estado de Bem Estar, os seus discursos de que o poder governamental, mesmo que necessário é algo perigoso, que a liberdade econômica deve ser a base da liberdade política, tem grande respaldo na política dos EUA. Suas formulações imprimiam a ideia de que haveria de ter uma relação íntima entre economia e política, sendo que a última ocuparia um lugar secundário nesta relação, assim a liberdade econômica promoveria a liberdade política, pois separaria o poder econômico do político. A crítica efetuada por Friedman, era uma resposta às medidas econômicas adotadas nos anos 1930 após à Grande depressão, em que:

Muitos legisladores, depois da Segunda Guerra Mundial, recorreram à orientação da teoria Keynesiana em seus esforços para manter sob controle os ciclos de negócios e as recessões. Os neoliberais se mostravam ainda mais fortemente contrários a teorias do planejamento estatal centralizado como as propostas por Oscar Lange. Alegavam que as decisões do Estado estavam fadadas à tendenciosidade política, que dependia da força dos grupos de interesse envolvidos (como os sindicatos, os ambientalistas ou os grupos de pressão corporativos). As decisões do Estado em questões de investimento e acumulação do capital estavam fadadas a ser erradas porque as informações à disposição do Estado não podiam rivalizar com as contidas nos sinais do mercado. Esse arcabouço teórico, como vários comentaristas assinalaram, não é inteiramente coerente. O rigor científico de sua economia neoclássica não é facilmente compatível com seu compromisso político com ideais de liberdade individual, nem sua suposta desconfiança com respeito a todo poder estatal o é com a necessidade de um Estado forte e, se necessário, coercitivo, que defenda os direitos à propriedade privada, às liberdades individuais e às liberdades de empreendimento. (HARVEY, 2008, p.64)

De tal modo que o mercado, através do uso da liberdade econômica, abriria espaço para que ocorresse a redução do número de questões que deveriam ser decididas por meios políticos, desta forma as funções do governo seriam reduzidas. Relacionado a esta questão a atribuição desta relação ao mercado permite a “unanimidade” com a “criação de um sistema de efetiva representação proporcional” que por ser mais ágil se definiria com o “sim” ou “não”, diferentemente de uma representação proporcional política que pode ser fragmentada e ineficaz. Assim, quanto maior for a presença do mercado, menor será o número de decisões políticas que deverão ser tomadas, ou seja, deve-se aceitar a regra da maioria em que a utilização da democracia política como um expediente, um meio para

alcançar um fim, este pensamento acerca da concepção de democracia formulado por Friedman é compartilhado por Hayek.

O corpo central das ideias de Hayek e de Milton Friedman havia sido incorporado ao discurso do ‘sentido comum’ econômico. E não apenas isso: esse conjunto articulado de ideias foi, e ainda é apresentado como a “verdadeira” ciência capaz de entender todos os problemas, já não somente os econômicos, mas os sociais em geral. O prestígio de ambos era “indiscutível”, o que ocasionou, entre outras coisas, que fossem contemplados com o prêmio Nobel. (VADELL, 1997, p. 36)

Para Vadell (1997), Friedman destaca como a representação proporcional se esboça em sua versão econômica e política. A versão econômica é efetiva; a política tende a fragmentação, econômica é eficiente; política é ineficiente; econômica permite a unanimidade (mercado); política impede a unanimidade; econômica não está sujeita à “ditadura da maioria”; política destrói consensos, evidências que na análise do quadro não tem como não “optar” pelo mercado (econômico) ao invés do político, pois diante da forma como se apresenta é um modelo mais eficaz, eficiente em contraponto o político é obsoleto.

Dentro do contexto da Guerra Fria, Friedman e Hayek, defendem o modelo capitalista, na defesa da economia de mercado e das liberdades econômicas, são as ideias que vão perpassar desde o final da Segunda Guerra Mundial que difundirão o modelo neoliberal nas economias mundiais, “o neoliberalismo se tornou hegemônico como modalidade de discurso e passou a afetar tão amplamente os modos de pensamento que se incorporou às maneiras cotidianas de muitas pessoas interpretar, viverem e compreenderem o mundo” (HARVEY, 2008, p. 12). Conforme Harvey (2008), Hayek defende o sentido da liberdade deve nortear-se pela ausência de embaraço ou impedimento para a realização de algo, neste sentido o neoliberalismo deve se igualar proporcionando uma “liberdade de livre comércio”, que gira em torno de um valor supremo fundamental, através do qual se procura dar sentido moral a uma sociedade, já não apenas nacional, mas também global.

Contudo o “o livre comércio” como um princípio máximo a ser mantido no plano econômico neoliberal, constitui-se como um modelo que se amplia para além das condições econômicas, o sentido da liberdade individual nesta acepção estava “ameaçado não somente pelo fascismo, pelas ditaduras e pelo comunismo, mas também por todas as formas de intervenção do Estado que substituíssem os julgamentos de indivíduos dotados de livre escolha por juízes coletivos.” (HARVEY, 2008, p. 15). Portanto, a aplicação da liberdade

para todos e irrestrita atribuída ao senso comum, tinha como propósito manter uma configuração em que o Estado não possa intervir na liberdade de cada indivíduo, mesmo quando o seu entendimento de liberdade fere leis essenciais da sociedade. O Estado neste sentido perde poder “de fala” visto que a construção deste consenso pelos disseminadores do neoliberalismo é a voz que promove o ideal de liberdades, neste sentido como define Harvey (2008):

O neoliberalismo é em primeiro lugar uma teoria das práticas político-econômicas que propõe que o bem-estar humano poder ser melhor promovido liberando-se as liberdades e capacidades empreendedoras individuais no âmbito de uma estrutura institucional caracterizada por sólidos direitos a propriedade privada, livre mercados e livre comércio. (HARVEY, 2008, p. 16)

Compreendemos que a atuação do Estado quando inserido no contexto político econômico neoliberal deve criar e preservar em sua estrutura institucional, condições para que o neoliberalismo possa ser implementado, assim é papel do Estado garantir

A qualidade e a integridade do dinheiro. Deve também estabelecer as estruturas e as funções militares, de defesa, da polícia e legais requeridas para garantir direitos de propriedades individuais e para assegurar, se necessário pela força, o funcionamento apropriado dos mercados. Além disso, se não existirem mercados (em áreas como a terra, a água, a instrução, o cuidado com a saúde, a segurança social ou a poluição ambiental), estes devem ser criados, se necessário pela ação do Estado. Mas o Estado não deve se aventurar nos mercados (uma vez criados) devem ser mantidas num nível mínimo, porque, o acordo com a teoria, o Estado possivelmente não possui informações suficientes para entender devidamente os sinais do mercado (preços) e porque poderosos grupos de interesse vão inevitavelmente distorcer e viciar as intervenções do Estado (particularmente nas democracias) em seu próprio benefício. (HARVEY, 2008, p. 16)

Estas diretrizes são colocadas em prática na América Latina, e especificamente na Argentina o modelo é aplicado.

Os *popes* do neoliberalismo tiveram adeptos fervorosos na Argentina; representantes que vão desde os seguidores incondicionais da Escola Austríaca tais como o engenheiro Alvaro Alsogaray e Alberto Benegas Lynch, (filho) até outros mais ‘pragmáticos’ como Martínez de Hoz e a sua equipe de economistas relacionados com o âmbito econômico financeiro de Buenos Aires. Esses personagens se mostraram decididos e tenazes no momento de defender e difundir os postulados neoliberais. (VADELL, 1997, p. 49)

As concepções neoliberais de Alvaro Alsogaray<sup>15</sup> e Martínez de Hoz<sup>16</sup>, consistiam na ideia de que o Estado é um mau administrador em todos os casos e em qualquer circunstância. Portanto, o Estado encontrando-se super-ampliado em virtude de regulamentações e sobrecarregado de responsabilidades, está cumprindo funções que, por “natureza”, não lhe são próprias (VADELL, 1997). É na defesa deste argumento que os defensores do neoliberalismo se baseiam para consolidar o processo de reestruturação capitalista, com a alteração do papel do Estado, e construção de um projeto de poder, onde os contornos deste poder são direcionados principalmente para o capital privado, sendo este o seu maior aliado. A consolidação destes pressupostos

Exigiram uma série de alterações nas formas de regularização das relações sociais de forma em geral – na totalidade da legislação de diversos países em todo o mundo, na totalidade de regras do sistema financeiro mundial, na totalidade da política econômica, na totalidade das políticas sociais que abandonaram de forma cruel as classes mais necessitadas, na política estatal repressiva, etc. -, enfim, ocorre uma alteração estrutural na forma estatal, que deixa-se de ser integracionista para torna-se neoliberal, adequando-se e fazendo outras classes sociais se adequarem, inclusive à base de uma repressão semifascista, às exigências dessa nova ofensiva burguesa e, por conseguinte, assegurando as melhores condições reprodutoras do capitalismo em escala mundial. (BRAGA, 2016, p. 42, 43)

A reestruturação da produção capitalista na Argentina é posta em prática por Martínez de Hoz, com o objetivo de ampliar e promover maior abertura econômica, eliminar a intervenção estatal na economia e dissolver o sindicalismo argentino combativo, portanto no ano de 1976 as Forças Armadas<sup>17</sup>, atuam de forma a retirar do poder o governo peronista da presidente María Estela Martínez de Peron, e instaurar o regime militar<sup>18</sup> no país. Diante

---

<sup>15</sup> *A los 91 años murió Alvaro Alsogaray*, matéria do La Nación. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/692635-a-los-91-anos-murio-alvaro-alsogaray>>, Acesso. 17. Dezembro. 2017.

<sup>16</sup> Para saber mais, disponível em: < [http://www.martinezdehoz.com/politica\\_economica.php](http://www.martinezdehoz.com/politica_economica.php)>, Acesso. 17. Dezembro. 2017

<sup>17</sup> Na Argentina, a ditadura apresentou-se como solução para as lutas entre frações da burguesia (nacional, internacional e agrária) contra os governos peronistas e, principalmente, contra o movimento operário que constantemente dificultava as tentativas de ampliar ainda mais a extração de mais-valor, assim como dificultava a sua transferência de um setor produtivo para outros. (BRAGA, 2016, p. 90)

<sup>18</sup> Com a instalação do regime militar em 1976, inicia-se o processo de esfacelamento do movimento operário e, por conseguinte, de fortalecimento do poder da burguesia nacional e internacional, acompanhado da desintegração das ferramentas de pressão sindical, da desindustrialização, da precarização do trabalho, da intensa lumpemproletarização, de uma maior exploração da força de trabalho etc. Tal processo se consolidará com as reformas estruturais liberais da década de 1990, realizadas com o fito de regular o regime de acumulação integral. (BRAGA, 2016, p. 90, 91)



disso, ocorreu o golpe militar que coloca o Estado como um modelo econômico direcionado pelo o capitalismo imperialista que necessitava reconfigurar o modo de acumulação de capital, reconfiguração que tem como uma das principais consequências a repressão do Estado, atingindo a classe trabalhadora. Desse modo

É contra esse movimento operário combativo, e que impôs grandes barreiras ao avanço da reestruturação produtiva na Argentina, que frações da burguesia se aliaram as forças armadas para planejar a destruição de seu verdadeiro inimigo de classe. Portanto, o golpe militar de 1976 representou um duro golpe no proletariado, com o objetivo de abrir às portas para um novo regime de acumulação, que objetivava fundamentalmente promover a acumulação integral de capital. (BRAGA, 2016, p. 90)

O avanço destas ações se dá principalmente como forma de produzir o desmantelamento do Estado, com a privatização indiscriminada de empresas públicas, regulamentar e abrir a economia; com estas medidas se “enxugaria” o Estado e racionalizaria o setor público. É um processo que difere das políticas que vinham sendo adotadas – keynesianas<sup>19</sup> – onde ocorria a interferência do Estado na economia, de tal modo que:

*Este proceso de descomposición teórica y práctica del keynesianismo – impulsado desde principios de los setenta en los capitalismo maduros por el inédito enigma planteado por la coexistencia de la inflación con la recesión– dejó al desnudo los límites de las enseñanzas económicas de Keynes. En síntesis: la profundidad de la crisis, agravada de modo extraordinario en nuestro continente por la sangría financiera sin precedentes ocasionada por la deuda externa, los desajustes de la redemocratización y, por último, el nuevo clima ideológico mundial, dominado por el paradigma neoconservador, apresuraron la búsqueda de soluciones fundadas en las supuestas virtudes del mercado. El Estado, que desde los años treinta había sido un medio idóneo para encarar la crisis, fue ideológicamente convertido en el “chivo expiatorio” y concebido como el factor que la origina. Antes, en los aciagos años treinta, aquél había sido parte de la solución; ahora ha pasado a ser –en las versiones*

---

<sup>19</sup> La fórmula del desarrollo económico latinoamericano desde los años de la Segunda Guerra Mundial asignaba al Estado un papel esencial. Fue Raúl Prebisch quien “reinventó” a Keynes en Latinoamérica –en un proceso creativo cuyos in - flujos se han dejado sentir durante casi medio siglo– y estableció los criterios orientadores de los esfuerzos en pro del desarrollo realizados desde entonces. Sin embargo, su insistencia en la planificación, el papel empresario del estado y las bondades de una política económica que regulara el funcionamiento de las principales variables del sistema cayó en desgracia ante la crisis de los años setenta y lo que se ha dado en llamar “el retorno de la ortodoxia”. Los diversos experimentos neoliberales puestos en marcha en la región en los últimos años –casi siempre tutelados por dictaduras militares poco afectas a otros componentes del liberalis- mo, como la tolerancia, el pluralismo y los derechos humanos, por ejemplo– han dejado una fuerte impronta, tematizada en su énfasis en el mercado, la iniciativa privada y la desregulación de la economía. En otras palabras, el colapso del keynesianismo y del “sentido común” creado sobre sus premisas ha dejando un enorme vacío por el cual se han colado las propuestas neoliberales. (BORON, 2003, p. 208)

*más ululantes del neoliberalismo– la totalidad del problema.* (BORON, 2003, p. 209)

Entendemos que estas alterações do papel do Estado a partir de 1976 se intensificam na consolidação das reformas voltadas para o mercado, pois, no final da década de 1980<sup>20</sup>, há um alinhamento das políticas econômicas em grande parte dos países da América Latina, estabelecidas fortemente com Paz Estensoro na Bolívia (1985), Salinas de Gortari no México (1988), Menem na Argentina (1989) Fernando Collor de Mello no Brasil (1990); as políticas neoliberais implementadas por estes governos atingiam diretamente a população. No caso argentino a ações das políticas econômicas neoliberais implementadas pelo governo Menem e a ‘reforma de estado’, de acordo com Vadell (1997), provocaram a implementação de dois decretos que deram amplo direto ao Poder Executivo para decidir sobre privatizações de bens e empresas públicas, desregulamentação e corte de subsídios. Reforma que atende aos interesses dos setores conservadores da sociedade e de outros, vinculados a burguesia oligopólica, tendo como ideologia a tríade ideológica: 1- privatizações totais; 2- desregulamentação indiscriminada; e 3- completa abertura comercial.

Com este movimento fica claro que na América Latina:

A tônica neoliberal norteou o discurso e conduziu a prática não só de grupos e classes sociais nacionais, mas também de equipes governamentais. Naquele momento, todos que almejavam maior acesso aos mercados e ao capital internacional, acreditaram que a ascensão seria propiciada pela implementação da nova versão do receituário liberal. Por essa razão, *market-oriented-reforms* foram implementadas nos países da região com ritmo e intensidade diferentes, acontecendo na Bolívia em 1985, no México em 1988, na Venezuela e no Peru em 1990. Na Argentina, que passou por um processo desindustrializante, as reformas voltadas para o mercado aconteceram durante o governo de Carlos Saúl Menem que, com Domingos Cavallo à frente do Ministério da Economia, programou sucessivos pacotes econômicos com medidas fiscais, cambiais e monetárias. O ajuste ao modelo neoliberal no país vizinho, observado o impacto, alterou e fragilizou a estrutura macroeconômica do país, gerou um déficit social alto e ainda afetou de maneira negativa o curso das

---

20 O arco das reflexões referente à adoção de políticas de natureza neoliberal nos países latino-americanos, não deve negligenciar a mudança do modelo econômico como uma tentativa de resposta ao esgotamento do modelo de desenvolvimento de natureza endógena. O tratamento dessa problemática, como dissemos, refere-se à crise do capitalismo nos anos 80, bem como ao aprofundamento do endividamento externo. Não por acaso, os países latinoamericanos sofreram pressões por parte dos bancos credores internacionais como forma de fazer cumprir as metas estabelecidas para pagamento da dívida e acesso ao crédito. Nesse sentido, vale enfatizar e trabalhar a dimensão estrutural do desequilíbrio sócio-econômico criado na América Latina, a partir de decisões que levaram a cabo a liberalização das economias. A razão da retórica foi a crise da dívida externa, que serviu como justificativa para que governos dos países da região implantassem planos de estabilização econômica e promovessem reformas liberalizantes na primeira metade da década de 90. Destarte, esse encaminhamento não contribuiu para a melhoria do desenvolvimento sócio-econômico das nações, ao contrário, fez aumentar as assimetrias entre os países da região. (MATHIAS, 2012, p. 125)

negociações comerciais, quiçá o aprofundamento da integração produtiva. (MATHIAS, 2012, p. 124)

Menem na disputa pelo posto contou com o apoio das classes trabalhadoras, que são votantes históricos do peronismo, bem como com o apoio de diferentes segmentos da alta burguesia argentina (burguesia pampeana, oligopólica urbana e financeira). São estes dois setores, segundo Vadell (1997), que vão dar sustentação para a vitória de Menem e que corroboraram desta forma com a implementação do receituário neoliberal ao qual a Argentina foi inserida – cabe ressaltar que as medidas neoliberais, implementadas por Menem, que não faziam parte do seu programa político. Já eleito, uma das ações que dão credibilidade e fortalecem Menem, foi a Lei de Convertibilidade<sup>21</sup>, ou Plano Cavallo<sup>22</sup> que permitiu que os preços fossem estabilizados gerando uma queda da inflação, fator de grande importância para compreender os êxitos eleitorais que o peronismo obtêm neste período, pois, seu grande “trunfo” foi conseguir, ao menos neste período eliminar um grande mal para a população e o país – alta inflação – ou seja, o cenário em que um momento se tem uma estabilização da inflação permite aos justicialistas associar a oposição com o passado “tão temido”, com hiperinflação, saques<sup>23</sup>, etc.

Isto proporcionou a Menem, (BRAGA, 2016), que promovesse a aceleração de um conjunto de medidas que viessem a concretizar um duro ataque às remunerações e condições de trabalho da classe operária e de outras classes exploradas. Em um primeiro momento

---

21 O peso foi fixado “em termos da moeda norte-americana na proporção 10 mil austrais (A) por dólar. Com a troca do Austral pelo peso na relação  $A\ 10.000 = \$\ 1$ , surgiu a politicamente conveniente igualdade “1 por 1” entre o peso e o dólar, cujo impacto psicológico não pode ser negligenciado. Determinou-se que 80% dos pesos em circulação deveriam estar lastreados nas reservas internacionais. Tal restrição era aliviada pela expansão da dívida pública denominada em dólares, que poderia lastrear a expansão monetária em pesos. Em momentos de aperto de liquidez externa, como em 1995 – por efeito da crise mexicana, tal mecanismo funcionava como amortecedor para a manutenção da liquidez doméstica. Proibiu-se a utilização de indexadores nos contratos, de modo a quebrar a inércia inflacionária e limitou-se fortemente a capacidade de o Banco Central emprestar para o governo e o setor financeiro.

22 O nome deve-se ao fato do Ministro Domingo Cavallo estar à frente do Ministério da Economia na ocasião. No auge do modelo (1992-1998), a economia argentina crescia cerca de 6%, acumulando déficit em transações correntes de 60 bilhões de dólares, compensados com uma entrada líquida de capitais de 100 bilhões de dólares. Somente em investimento estrangeiro direto (IED), a entrada era de 60 bilhões de dólares, valores associados às privatizações de empresas das áreas de energia e telecomunicações.

23 Uma vez realizadas, em maio de 1989, as eleições que levaram Carlos Saul Menem à presidência, este deveria assumir o governo somente em dezembro do mesmo ano. No entanto, a incerteza econômica decorrente da vitória de um “caudillo místico” que prometia a volta do populismo clássico provocou uma crise econômica cuja manifestação mais visível foi a inflação galopante deflagrada nos meses que se seguiram o triunfo de Menem.

Nesse contexto, o governo ‘Radical’ de Raúl Afonsín viu-se impossibilitado de tomar qualquer iniciativa política, limitando-se a ‘conter’ a crise. Os saques a hipermercados, lojas, etc. – os quais de forma alguma foram espontâneos – ocorreram nesse ambiente aquecido, principalmente na grade Buenos Aires e em Rosário. Finalmente, diante desta crise provocada e acelerada, Menem assume em julho de 1989.

passou-se a estabelecer um teto para o funcionalismo do estado. Com a lei de convertibilidade monetária os aumentos salariais para a classe do setor privado estavam condicionados ao aumento da produtividade, enquanto que no setor público os salários foram congelados e deteriorados devido aos ajustes ocorridos no final da década de 1990. De tal modo que:

As relações de trabalho regularizadas pelo estado neoliberal argentino são fundamentalmente marcadas pela imposição do trabalho precário. Na Argentina, a partir da Lei Nacional de Emprego (24013/91), promove-se a expansão de inúmeras modalidades contratuais preconizadoras das condições de trabalho. Entre essas podemos encontrar *contratos de trabalho por tempo indeterminado*, variando entre o período de 06 meses a 02 anos, que permite aos patrões demitir a qualquer momento sem direito a pagar qualquer tipo de indenização. Outra modalidade de *contrato-lixo* (como ficaram conhecidos os contratos precarizados) emerge através de diversos decretos, tal como o decreto 340/92 que estabelece estágios para estudantes maiores de 16 anos que poderiam trabalhar até 04 anos em uma mesma empresa, sem que isso caracterizasse uma relação trabalhista e, portanto não exigia pagamentos em salários, mas, tão somente, o reembolso dos custos que o estagiário teve para trabalhar (alimentação, passagem etc.). Esse sistema de estágios se expandiu, assim como o tempo de vigência dos mesmos, e converteu-se em um dos principais mecanismos regularizadores da superexploração do trabalho de milhões de jovens, sob a iminência da marginalização da divisão social do trabalho. (BRAGA, 2016, p. 94)

Em relação à precarização das condições de trabalho que foram reorganizadas pelo Estado neoliberal, Harvey (2008) aponta que o modo de operação se dá em duas frentes, sendo a primeira a que conduz a privação de poder dos sindicatos e por consequência dos trabalhadores.

O poder dos sindicatos e de outras instituições de classe trabalhadora é restringido ou desmantelado no interior de um Estado particular (se necessário por meio da violência). Estabelecem-se mercados de trabalhos flexíveis. O Estado deixa de proporcionar o bem-estar social, e mudanças tecnologicamente induzidas das estruturas de emprego que tomam amplos segmentos da força de trabalho redundantes completam a dominação do capital sobre o trabalho no mercado. O trabalhador individualizado e relativamente impotente vê-se assim diante de um mercado de trabalho em que só se oferecem contratos de curto prazo personalizados. A estabilidade do emprego se torna uma coisa do passado [...]. (HARVEY, 2008, p.181)

A segunda fomenta a mudança de empresas para regiões mais pobres, onde o trabalhador que por circunstâncias socioeconômicas vende sua mão-de-obra por um menor valor e segue sendo explorado.

Embora muito se possa fazer com a “corrida para o fundo” destinada a conseguir os estoques de mão-de-obra mais baratos e dóceis, a modalidade geográfica do capital permite-lhe o domínio de uma força de trabalho global cuja própria mobilidade geográfica é restringida. Como a imigração é limitada, são abundantes as forças de trabalho cativas. Só se pode fugir a essas barreiras através da imigração ilegal (que cria uma força de trabalho facilmente explorável) ou de contratos de curto prazo que permitem, por exemplo, que trabalhadores mexicanos trabalhem em agronegócios da Califórnia e sejam vergonhosamente repatriados quando adoecem ou mesmo morrem por causa dos pesticidas. (HARVEY, 2008, p. 181-182)

Estas medidas adotadas pelo Estado neoliberal que agem em detrimento dos direitos e precarização do trabalhador são as duas frentes que Harvey (2008) coloca como “o ataque geral à força de trabalho” são adotadas na Argentina com limitação da atuação e poder dos sindicatos e por consequência dos trabalhares e como um país receptor e que emprega via mão-de-obra barata (visto o número de imigrantes, bolivianos, paraguaios, peruanos entre outras nacionalidades), produzem assim duras medidas em detrimento do trabalhador e empobrecimento da população. Mesmo diante destes fatores econômicos de trabalho precário e condições socioeconômicas degradantes para a parcela pobre da população Menem alcança no ano de 1995 a reeleição garantindo assim a continuidade do seu modelo econômico.

Segundo Vadell (1997), a sua reeleição contou com votos de mais da metade da população, com um discurso eleitoral onde o único eixo versava sobre o economicismo, “vazio de conteúdo mas detentor de grande carga simbólica”, e que leva em um primeiro momento a uma divisão, onde estão os que são a favor do que se denomina como “o modelo” (econômico) e os que o combatem – conforme mencionava Menem “os que estão na vereda contrária” que era nada mais que a expressão do “passado”, da crise, hiperinflação – mantendo um discurso que enfatizava aos seus eleitores que ele era a única saída: “eu ou o caos”.

Isto posto, dentro do contexto em que vivia a Argentina com uma recessão acompanhada de alta taxa de desemprego em 1995, ativou aquilo que se deu o nome de “*voto cuota*”, ou seja, Menem soube atrair o seu eleitor explorando o temor de uma desvalorização da moeda, visto que com a implementação do “*Plan de Convertibilidad*”, grande parte das classes médias tinham se beneficiado de alguma maneira pelo “boom” do consumo, ficando endividadas devido ao uso do crédito e das altas taxas de juros, gerando aumento do desemprego e profunda recessão. Assim a possibilidade de desvalorização da

moeda foi utilizada por Menem como um trunfo para sua campanha se apresentando com uma garantia de estabilidade. A continuidade das políticas menemistas,

*lejos de haber introducido “reformas” – esto es, cambios graduales en una dirección tendiente hacia una mayor igualdad, bienestar social, y libertad para el conjunto de la población, tal como lo indicaría la palabra “reforma” en la tradición de la filosofía política–, lo que hicieron fue potenciar una serie de transformaciones que recortaron antiguos derechos ciudadanos, redujeron dramáticamente las prestaciones sociales del estado y consolidaron una sociedad mucho más injusta y desigual que la que existía al comienzo de la etapa “reformista”. Lo que ocurre es que la victoria ideológica del neoliberalismo se expresa, entre otras cosas, por un singular deslizamiento semántico que hace que las palabras pierdan su antiguo significado y adopten otro nuevo y, en algunos casos, como éste, claramente antitético. En ese sentido, las “reformas” padecidas por nuestras sociedades en las últimas décadas son, en realidad, crueles “contra-reformas” y acentuados procesos de involución social. (BORON, 2003, p. 19)*

Como bem coloca Boron (2003), as reformas voltadas para o mercado introduzidas por Carlos Menem, não conduzem a uma direção de maior igualdade e bem-estar social ou um conjunto de melhorias que pudessem dar melhores condições a população em seu todo, pelo contrário, o neoliberalismo atinge principalmente a classe trabalhadora precarizando as relações de trabalho, barateando o custo da mão-de-obra e causa empobrecimento de grande parte da população, é uma ação que nutre os anseios do mercado, e que demonstra a alteração do papel do Estado. Assim, a condução das políticas econômicas voltadas para o mercado implementadas em diversos países, - que inicia o processo de reconfiguração a partir da década de 1970 – e na Argentina, tinham como o propósito em fornecer políticas monetárias para restaurar o poder de classe, ou seja, a grande burguesia que mantinha vínculo com o mercado mundial. São essas políticas que guiam a hegemonia menemista em seus dois mandatos.

### **1.3 Menemismo: reformas voltadas para o mercado**

Como já vimos neste capítulo o processo em que a Argentina assume as condições político-econômicas neoliberais se dá em virtude do fim do período da ditadura militar, em que o Estado se encontrava extremamente endividado e com um sistema de governo corporativista autoritário e corrupto. A abertura econômica nos países latinoamericanos foi

para os EUA um mecanismo de inserção de suas empresas, produtos, operadoras financeiras, colocando estes países periféricos e suas economias nacionais em forte dependência das corporações transnacionais e financeiras. Na Argentina, com a regularização democrática em 1983:

*El peronismo se encontró con su primera derrota en las urnas en una elección presidencial totalmente libre. Sin Perón, la heterogeneidad política que siempre lo había caracterizado quedó oficialmente instalada. La situación de oposición alimentó sus divisiones, en condiciones en las que el antaño fuerte sindicalismo peronista se había debilitado por la desindustrialización y las crisis heredadas de la dictadura. Las dirigencias territoriales representativas de intereses provinciales y municipales actuaron como partidos justicialistas en niveles locales casi sin conexiones entre sí, mientras que en el plano nacional se formaban elites de notables que lograron un cierto éxito al crear el denominado «peronismo renovador», cuyo objetivo era organizar un partido político democrático y confiable para el electorado que le había sido esquivo en 1983. (SIDICARO, 2011, p. 81)*

Esta alteração do pensamento político peronista<sup>24</sup>, com a criação de um “*peronismo renovador*” tem como um dos principais expoentes Carlos Menem.

*Como candidato a la Presidencia en 1989 planteó la necesidad de volver a los programas industrialistas y de distribución de ingresos, pero una vez que ganó las elecciones hizo un gran giro ideológico y se convirtió en un aplicado y ortodoxo seguidor del Consenso de Washington. Pese a ese cambio completo de programa, la casi totalidad de los dirigentes peronistas no expresó mayores disidencias, y así la fuerza política creada por Perón gobernó durante un decenio cumpliendo el rol de aliado subalterno del capital financiero internacional. Nada permite sostener que esos dirigentes peronistas hubiesen adoptado el neoliberalismo como ideología y su apoyo a las innovaciones menemistas debe considerarse como un observable empírico más de la desarticulación del campo político argentino, con la consiguiente pérdida de creencias de sus participantes. (SIDICARO, 2011, p. 81)*

Como aponta Harvey (2008) o peronista Carlos Menem, altera suas concepções acerca da sua condução das políticas econômicas, aceitando o receituário neoliberal.

Embora peronista, Menem dispôs-se a liberalizar a economia, em parte para obter favores dos Estados Unidos, mas também para reestabelecer as credenciais da Argentina na comunidade internacional na esteira das

---

<sup>24</sup> É importante ressaltar que o peronismo é heterogenio, visto que os Kirchners e o Menem saem da mesma matriz política.

revelações da “guerra suja” que empanara sua reputação. Menem abriu o país ao comércio e aos fluxos de capital externos, introduziu maior flexibilidade nos mercados de trabalho, privatizou empresas estatais e a seguridade social e equiparou o dólar a fim de controlar a inflação e dar segurança aos investidores estrangeiros. O desemprego aumentou, pressionando para baixo os salários, ao mesmo tempo em que a elite usou a privatização para amealhar fortunas. (HARVEY, 2008, p.114)

Neste sentido a maneira como se articula o Estado dentro de suas características de um Estado capitalista se estrutura em um modelo de articulação entre o político e o econômico, e para realização desta articulação o Estado se constitui em um conjunto de mudanças nos diferentes segmentos em que o Estado atua e tem o poder de decisão e/ou alteração, Aberto Bonnet e Adrián Piva (2010) apontam alguns pontos importantes que exemplificam o modo de condução do governo Menem, são: *La autoridad económica, La división de poderes y Las mediaciones partidárias y sindicales*.

Como já foi enfatizado, o governo Menem é marcado por profundas alterações na economia argentina, e essas alterações para além da força política e alianças com o meio de produção capitalista não seria possível caso o governo não demonstrasse *La autoridad económica*, a hegemonia menemista se articula através das políticas monetárias e financeiras, como exemplo o plano de convertibilidade do peso. O peso atribuído ao *Ministerio de Economía y Obras y Servicios Públicos (MEyOSP)* é expressado pela composição de seus membros, em sua grande maioria representantes da grande burguesia industrial e exportadora, que por consequência influenciaram nas muitas das decisões político-econômicas menemistas. De tal modo que

*Este megaministerio de economía dentro del poder ejecutivo resultó reforzado además, secundariamente, por la independencia alcanzada por el Banco Central (BCRA) desde la modificación de su Carta Orgánica de 1992. Este BCRA, en manos de hombres del CEMA relacionados con la banca privada como Fernández y Pou, es decir, de representantes de la fracción financiera de la gran burguesía, no se convirtió en una institución independiente del poder ejecutivo en su conjunto (como sus modelos, la Reserva Federal o el Banco Central Europeo), sino independiente de su ala política pero subordinada en los hechos a su ala técnica. El BCRA potenció de esta manera el predominio del MEyOSP y juntos gerenciaron la disciplina de convertibilidad. (BONNET; PIVA, 2010, p. 3)*

Conforme demonstrado por Bonnet e Piva, a atuação do governo Menem no campo econômico transcorria com base na disputa entre técnicos e políticos de forma que



*Menem arbitraba entre técnicos y políticos dentro de su propio gobierno para que estos últimos canalizaran políticamente la imposición del disciplinamiento de mercado por parte de los primeros. Menem, en cambio, no arbitraba directamente entre los intereses de las distintas fracciones de la burguesía que integraban el bloque en el poder, porque se mismo disciplinamiento de mercado impuesto por la convertibilidad mantenía unidos estos intereses. (BONNET; PIVA, 2010, p 7-8)*

Portanto, na condução da política econômica menemista e para sustentar politicamente as alterações impostas no país em virtude da grave crise, Menem mantinha a sua aliança mais forte e próxima da ala política para a condução das mudanças econômicas, porém, a sua atuação perante a grande burguesia argentina era manter-se isento, pois, ao passo que ele estabelecesse vínculos maiores com esta fração da sociedade, o seu poder ou o processo da hegemonia menemista ganharia força.

Outro ponto que se destaca na política menemista, é *La división de poderes* em que se reforça o predomínio do poder executivo sobre os poderes legislativo e judiciário, estas medidas são necessárias para a aprovação de decretos ou vetos, bem como alterações de leis na Constituição.

*La administración menemista empleó decretos de necesidad y urgencia para sancionar muchas de las medidas más importantes de la reestructuración capitalista que encaró. Y la constitucionalidad de estos decretos requería a su vez la convalidación de la Suprema Corte de Justicia. La administración menemista aumentó entonces los miembros de la máxima corte y nombró jueces adictos para ocupar los nuevos cargos, asegurándose de esa manera una mayoría automática. (BONNET; PIVA, 2010, p. 8)*

Para Bonnet y Piva (2010), a configuração destes tipos de medidas em relação aos poderes legislativo e judiciário, são ações que não alteram nenhuma configuração na política, visto que a política menemista recupera uma prática já existente na política argentina. Estas medidas só reforçam o poder do governo para tomar ações que em grande parte não atendem as expectativas de grande parte da população, mas favorecem determinados setores da sociedade, de modo que para enfrentar possíveis manifestações populares nas ruas o controle das forças armadas também é de suma importância, assim mantém o bloco coeso e toda atitude do governo que não tem respaldo na rua (povo), tem apoio no legislativo, judiciário e nas forças armadas.

Outro ponto importante são *Las mediaciones partidarias y sindicales*, pois, na medida em que os partidos e os sindicatos são representantes da sociedade, o movimento de

acumulação e dominação capitalista presente na década de 1990 na Argentina produz uma crise nestas representações, a respeito da crise nos partidos políticos, observamos:

*Esta crisis consistió en la imposibilidad de consolidación de un sistema bi-(o multi-) partidario durante la década debido a la crisis de la UCR, primero, y a la crisis de la Alianza UCR-FrePaSo, más tarde. Y esta imposibilidad respondió a su vez, en definitiva, a la tendencia a la conversión del monolítico PJ encabezado por Menem en una suerte de partido de estado, resultante de que ese PJ era la mediación partidaria por excelencia en la articulación de la sólida hegemonía política vigente. (BONNET; PIVA, 2010, p. 13)*

Compreendemos que durante o governo Menem o Partido Justicialista – PJ, atuou como um partido de estado, o que levou a sua crise na década seguinte visto que não se tinha no governo menemista uma pluralidade no sistema partidário. A crise dentro do PJ, o levou a encarar uma recomposição interna que teve como resultado a sua divisão em três frentes na disputa presidencial no ano de 2003, encabeçada por Menem, Néstor Kirchner e Rodriguez Saá. Outra crise provocada durante o governo Menem diante das medidas neoliberais foi a diminuição da presença dos sindicatos no Estado.

*Esta crisis expresó el debilitamiento y la fragmentación de la clase obrera debida, primero, a las consecuencias de la derrota hiperinflacionaria y, segundo, a la propia reestructuración en curso de la acumulación y los modos de explotación de la fuerza de trabajo. (BONNET; PIVA, 2010, p. 15)*

Os sindicatos perderam força, e foram “substituídos” por um sindicalismo voltado para o empresariado, fator que mina sua força tanto dentro do PJ como dentro do governo Menem. Porém, ao passo que as políticas menemistas, segundo Ferrer (2002) levaram o Estado para uma grave crise, pois mesmo que a estabilidade da moeda garantia um suposto cenário de crescimento juntamente com o incremento fiscal obtido pela venda das empresas nacionais, viabilizou a expansão do gasto público, a demanda privada de consumo e investimento, a produção e ingresso de capitais, foi acompanhada por uma percepção de descrença acerca do futuro, de tal modo que:

O desemprego aberto, somado às ocupações informais de baixa produtividade, alcança atualmente dimensões sem precedentes. O mesmo sucede com a proporção da população em situação de pobreza. As remunerações médias na atividade manufatureira estão praticamente estancadas na última década e têm declinado para a maior parte da força

de trabalho no conjunto da economia. A distribuição da riqueza e o ingresso têm piorado nos últimos anos. A Argentina, que não se caracterizava por registrar péssimos índices de concentração de renda dentro da América Latina, está se aproximando daqueles países em pior situação nesta matéria. Os avanços em alguns setores têm sido acompanhados pela retração nas economias regionais e em multidões de pequenas e médias empresas. Deste modo, as mudanças estruturais registradas nos anos recentes tendem à formação de um sistema econômico e um mercado de trabalho fraturados: em um segmento prevalecem atividades de alta produtividade e crescimento; em outro, baixas dotações de capital e tecnologia e menores níveis de produção por pessoa ocupada. (FERRER, 2002, p. 43)

O modelo econômico neoliberal adotado pela Argentina, que no início produziu um incremento na sua economia, entrou em colapso, as medidas de controle não surtiram mais efeito, o país gerava uma dívida que não lhe permite investir, fator que contribui em grande escala para o aprofundamento da crise e da escalada dos índices de pobreza<sup>25</sup>.

Argentina é o país mais endividado da América Latina (depois da Nicarágua). Os serviços da dívida geram uma demanda crescente de divisas, e os da dívida pública representam proporções cada vez maiores do gasto público consolidado. A perda de competitividade reflete-se no persistente déficit da balança comercial, que recentemente se está conseguindo eliminar depois de uma prolongada contração da demanda interna. A economia argentina está subordinada a um gigantesco e crescente déficit em seus pagamentos internacionais. Ao efeito já comentado da dívida e do desequilíbrio operacional nas divisas das filiais das empresas multinacionais deve se agregar a perda de competitividade produzida pela deterioração do tecido produtivo e a sobrevalorização cambial. Deste modo, registram-se uma reprimarização das exportações argentinas (predomínio de *commodities* e energéticos) e um incremento da brecha no conteúdo tecnológico do comércio exterior. Enquanto as exportações suportam a debilidade relativa da demanda internacional e a instabilidade dos preços dos produtos primários, as importações registram incremento do coeficiente importado dos setores de maior crescimento da economia (incluindo os liderados pelo investimento estrangeiro). As condições, que foram inicialmente tão favoráveis ao modelo, mudaram. Não sobram mais ativos públicos vendáveis, e a situação fiscal piora pelo estancamento da arrecadação tributária e pelo peso crescente dos serviços da dívida. Por sua vez, a estabilidade dos preços esgotou seu efeito positivo sobre a demanda interna. (FERRER, 2002, p. 44)

As políticas econômicas implementadas no governo Menem, e em função da grave crise que se aprofundou durante o governo, conforme já evidenciado ao longo deste estudo,

---

25 Para saber mais, matéria do *La Nación: La economía que queda tras 10 años con Menem*. Disponível em: << <http://www.lanacion.com.ar/158609-la-economia-que-queda-tras-10-anos-con-menem>>>. Acesso. 03. Agosto. 2017.

se apresentaram como um empecilho para que se mantivesse no cargo, assim, não conquistando a reeleição. De tal maneira que,

*las “reformas” neoliberales fracasaron miserablemente en tres aspectos fundamentales: no lograron promover un crecimiento económico estable; no consiguieron aliviar la situación de pobreza y exclusión social que prevalecía en nuestra región como producto del desplome del modelo de industrialización sustitutiva de importaciones y la crisis de la deuda; y lejos de fortalecer las instituciones democráticas y su legitimidade popular, este modelo tuvo como consecuencia debilitarlas y desprestigiarlas hasta un nivel sin precedentes en la historia latinoamericana. (BORON, 2003, p. 23)*

Em função do descompromisso social<sup>26</sup> do modelo neoliberal, proposto durante o governo Menem, e em função da nova conjuntura argentina de grave crise e enorme aumento da pobreza, o nome de Néstor Kirchner se apresentou como uma alternativa. Assim sendo, ele vence as eleições<sup>27</sup> e assume o cargo em 2003; para o movimento *La Cámpora*<sup>28</sup> é o momento em que a juventude se organiza para transformar, onde *“nuestra generación volvió a creer, y junto a él recupero lo mejor de la política, la política como herramienta de transformación de la realidad”*. O discurso de ruptura de Néstor Kirchner contrapondo-se ao modelo neoliberal adotado por Menem, segundo Boron, configura mais uma ruptura no âmbito discursivo, e que contradiz sua atuação como governador da província de Santa Cruz<sup>29</sup> e posteriormente como presidente, ou seja, em diversos pontos apresenta-se como uma continuidade das práticas neoliberais.

<sup>26</sup> Leva-se em consideração que modelo político-econômico neoliberal afeta principalmente as classes subalternas, neste sentido não se altera a condição de classe, mas aumenta ainda mais o seu distanciamento dentro da sociedade.

<sup>27</sup> O discurso de Kirchner não foi suficiente para superar seu maior adversário na primeira votação: terminada a campanha, Carlos Menem obteve 24,4% dos votos, contra 22,2% de Kirchner. A regra eleitoral na Argentina estabelece que, se nenhum candidato alcançar 45% dos votos considerados válidos, os dois mais votados devem disputar um segundo turno. Isto significava uma disputa entre Menem e Kirchner, que seria realizada no dia 18 de março de 2003, para dirimir a disputa presidencial. Apesar de ter obtido a primeira maioria, Menem tinha consciência que o percentual obtido era o seu teto eleitoral: as pesquisas de opinião, divulgadas uma após a outra depois do primeiro turno, indicavam uma intenção de voto a favor de Kirchner que flutuava entre 60 e 70%, o que expressava muito menos a adesão ao quase desconhecido candidato quanto a categórica rejeição popular diante de um eventual retorno de Menem ao poder, responsável último pela crise generalizada que abalou a sociedade argentina. Poucos dias antes da data marcada para a votação, Menem, procurando evitar uma derrota que o sepultaria definitivamente, retirou a sua candidatura. Ipso facto, converteu Kirchner como o novo presidente eleito.

(BORON, 2007, p. 16)

<sup>28</sup> Revista *La Cámpora* N° 05, p.20, disponível em: >> [http://www.lacampora.org/wpcontent/uploads/2011/04/Revista\\_N05.pdf](http://www.lacampora.org/wpcontent/uploads/2011/04/Revista_N05.pdf)<<, Acesso. 06. Julho. 2017.

<sup>29</sup> Kirchner pôde capitalizar essa situação por ter sido considerado, equivocadamente, um componente marginal numa constelação de poder corrupta e repudiada por todos, que havia lançado a Argentina na maior crise de toda a sua história. Queremos destacar o “equivocadamente” porque, no momento da crise, Kirchner já havia ocupado por mais de dez anos o governo de Santa Cruz, uma Província petroleira no Sul do país, e

Para Boron (2007) não há dúvidas de que Néstor Kirchner, em alguns aspectos do seu estilo de governar, apresenta mudanças na condução do governo em relação aos seus antecessores. Como agente mobilizador de uma geração que esteve presente nas ruas nos anos 1960, traz consigo uma bagagem política não muito presente na política latinoamericana. Neste sentido,

é preciso reconhecer que Kirchner soube capitalizar muito bem seu enfrentamento – muito mais verbal do que substantivo, mas ainda assim significativo – com os grandes monopólios, com as empresas privatizadas, com os opulentos burocratas do FMI e do Banco Mundial, com o governo norte-americano, com o agora e (felizmente) defunto governo de José M. Aznar e vários ministros do governo espanhol, além dos investidores estrangeiros. Tais atritos lhe granjearam as simpatias da imensa maioria da população, que detesta todos esses personagens, ligados em maior ou menor medida ao processo de pilhagem praticado contra a Argentina desde o final dos anos oitenta. (BORON, 2007, p. 17)

Ao apresentar a relação de Kirchner com Bush, Boron (2007) o coloca em um patamar de subordinação consentida, que mesmo que se diferencie das “relações bilaterais” estabelecidas entre Argentina e EUA durante o período do governo Menem, e mostram elementos que considera preocupante na continuidade da relação com os EUA, descreve como uma atitude de “fria e distante circunspeção”, levanta pontos como o envio de tropas ao Haiti, ao invés de médicos e professores, como fez Cuba, cumplicidade diante das ações realizadas por Israel no Líbano e na Palestina, além de um alinhamento flexível com as grandes linhas da política externa norte-americana. Do mesmo modo que determinadas atitudes de Néstor Kirchner como o discurso proferido na Cúpula Extraordinária de Presidentes das Américas, realizado em Monterrey no México, em janeiro de 2004, ou em sua aliança com Lula e Chávez na Cúpula de Presidentes de Mar del Plata, em novembro de

---

sua gestão como tal se enquadrou nitidamente dentro das orientações gerais estabelecidas pelo então ocupante da Casa Rosada, Carlos Saúl Menem (1989-1999). E mais: alinhado com as desmedidas ambições de poder do então Presidente, Kirchner introduziu duas reformas na Constituição Provincial que permitiam a reeleição indefinida do governador, ao mesmo tempo que controlava com mão de ferro o Legislativo e o Judiciário de Santa Cruz. Sua identificação com o projeto neoliberal de Menem ficou mais uma vez evidente em 1994, quando foi eleito membro da Assembleia Constituinte encarregada de reformar a Constituição Nacional para permitir a reeleição de Menem em 1995 e que transferia para as províncias a soberania absoluta das riquezas do subsolo, uma medida muito aplaudida pelas grandes companhias de petróleo que, desse modo, poderiam negociar com débeis (e também corruptos) governos provinciais, via de regra distantes dos meios de comunicação de âmbito nacional, e aos quais podiam impor as cláusulas que lhe eram mais favoráveis. Também não é possível ignorar que a crucial privatização de YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales) contou com o entusiasta apoio de Kirchner, naquele tempo governador de Santa Cruz, e o mesmo ocorreu com as demais políticas inspiradas no Consenso de Washington e executadas, com zelo singular, durante o apogeu do menenismo. (BORON, 2007, p. 15)

2005, em que se definiria o fim da Área de Livre Comércio das Américas – ALCA, estas manifestações despertaram fortes manifestações do bloco de presidentes comandados por Washington. A atitude de Kirchner é um reflexo que vem como uma resposta

as diversas pesquisas de opinião sobre a imagem e as expectativas dos argentinos em relação aos EUA indicam, com clareza, um elevado grau de animosidade popular diante dos líderes e instituições que mantém vínculos mais estreitos com o FMI e o Banco Mundial. As investidas de Kirchner contras estas instituições suscitam fortes simpatias em amplos setores sociais. Por outro lado, os furiosos ataques da direita argentina, tristemente célebre por sua visceral intolerância diante de qualquer sinal de progressismo, por mais tímido que seja, afastaram-na de Kirchner. Mas, para lhe fazer justiça, cabe também recordar que, em assuntos alheios ao duro terreno da economia, a gestão de Kirchner não se limitou ao plano retórico, sendo ratificada com feitos concretos e positivos que merecem o nosso aplauso. (BORON, 2007, p. 18)

Na mesma sistemática de propor medidas de impacto, Kirchner propõe nova legislação que pune – mesmo que brandamente – os genocidas da ditadura, atua nos organismos de defesa dos direitos humanos, renovação da Suprema Corte de Justiça – que se omitiu, nos atos de corrupção praticados na década de 90 -, atua contra a ala conservadora da Igreja Católica, na renovação da polícia militar em um processo de democratização das Forças Armadas. Estas medidas conferem uma enorme popularidade em contraponto, segundo Boron (2007), ao fraco desempenho no campo econômico, que alimenta a imagem – contraditória – de que Kirchner seria um expoente de esquerda frente as determinações de Washington. Porém no campo das suas relações com o FMI, apresenta-se um novo rumo onde:

Sua estratégia de negociação ganhou contornos nacionalistas, mais precisos em comparação àquela adotada por Duhalde, e determinou uma ruptura em relação às relações mantidas pelos governos Menem e De la Rúa em relação ao FMI. Essa modificação foi proporcionada por transformações nas ordens doméstica e internacional. Nenhuma dessas esferas foi capaz de determinar a modificação da estratégia argentina nas negociações com o FMI durante o governo Kirchner. A interrelação entre as dimensões doméstica e internacional é a chave da explicação dos fatores condicionantes dos resultados dessas negociações. (SILVIA, 2009, p. 34)

No campo da política econômica, o governo Kirchner também atua de forma a proteger a indústria nacional, retirando o poder decisório de ações em matéria de políticas econômicas de grupos que mantinha vínculos internacionais.

No âmbito doméstico, a emergência de uma nova coalizão governante, que concedeu centralidade ao setor empresarial voltado para o mercado doméstico, que apóia um modelo cambial competitivo, definiu quais interesses foram incluídos na agenda definida pelo governo Kirchner no engajamento das negociações com o FMI. Setores com vínculos internacionais, como credores da dívida, bancos estrangeiros e firmas prestadoras de serviços públicos privatizados perderam o poder de veto sobre o sistema político argentino, e viram seus interesses excluídos no processo decisório em matéria de política econômica. (SILVIA, 2009, p. 34)

Diante deste cenário a perda de legitimidade do FMI neste período se acentua, em razão da diminuição das políticas neoliberais implementadas são somente na Argentina, como em outros países da América Latina. Deste modo o modelo econômico de intervenção nas economias de países em desenvolvimento, não contempla a mesma dinâmica adotado pelo governo Menem.

No âmbito internacional, o FMI viu-se envolto por uma crise de legitimidade, derivada do fracasso do modelo neoliberal apoiado durante a década de 1990 e da mudança da orientação ideológica do governo George W. Bush em favor do *laissez-faire*. O escopo de atuação do FMI na concessão de pacotes de resgate financeiro, a intromissão na agenda econômica dos países em desenvolvimento e a intermediação das relações entre esses países e credores privados foi reduzido, em razão da orientação definida pelos Estados Unidos. (SILVIA, 2009, p. 34)

Este distanciamento do FMI e, por conseguinte dos EUA, (VADELL, 2006) é fruto das mudanças que ocorreram na estrutura política internacional nos anos 1990, com o enfraquecimento do modelo neoliberal, somado aos ataques de 11 de Setembro de 2001, colocando a Argentina e as políticas de Néstor Kirchner em uma situação favorável. Segundo o autor os Estados que não se encontravam envolvidos nas “novas” ameaças terroristas, ganharam margem de manobra ou uma autonomia relativa, visto que no âmbito da geopolítica os EUA estavam preocupados em manter como prioridade a segurança e neste sentido a América Latina não era uma região de preocupação. Em outro ponto destaca-se neste período um crescimento sincronizado da economia mundial, que nos países em desenvolvimento os números são mais expressivos. Destaca-se também que consegue a aprovação do Congresso argentino para quitar a dívida com o FMI, inclusive com a utilização das reservas do Banco Central – BC. Diante destas condições estruturais, vejamos:

no caso da Argentina, o que aparece como o ressurgir do Estado nacional, após as mostras de fragilidade do modelo econômico neoliberal, se apresenta como um conjunto de respostas pragmáticas face à globalização financeira e às frustrações desse modelo de desenvolvimento liberalizante. Essa resposta se produz num duplo plano: no plano nacional (doméstico) e no plano sub-regional. Ambas requerem arranjos políticos e alianças de classe diferentes daquelas que aplicaram e sustentaram as reformas liberalizantes nos anos 90. (VADELL, 2006, p. 210)

Contudo, mesmo com a aplicação de um plano nacional e sub-regional que possibilitasse o desenvolvimento interno e externo no uso das políticas econômicas, na defesa da região juntamente com os demais países do Cone Sul em prol de uma política que se desvinculasse das reformas voltadas para o mercado, não mantinha a desvinculação do mesmo modelo que se caracteriza a década de 1990, - é claro que substancialmente em menor grau - mas como os mesmos princípios - nas palavras de Boron (2007):

Kirchner falou da necessidade de implantar na Argentina um capitalismo “sério”, “nacional” e “inteligente”, adjetivos que supostamente fariam o milagre de converter um regime baseado na exploração do trabalho assalariado em uma fraternal comunidade igualitária. Por outro lado, o capitalismo que não seria sério, isto é, aquele “risonho”, “irresponsável”, “dos amigos” (crony capitalism), transnacionalizado e torpe, em vez de inteligente, produziu esplêndidos resultados para os capitalistas, com taxas exorbitantes de lucros e a garantia de privilégios extraordinários que nenhum burguês “sério” consideraria abandonar, por mais que o presidente aconselhasse. Como convencer os dez por cento mais ricos da Argentina - e cujos proventos em 2003 foram 53 vezes superiores em relação aos dez por cento mais pobres - que é urgente e necessário tornar o capitalismo mais “sério”, para evitar semelhantes injustiças? O mais provável é que a pessoa em questão considere “pouco séria” a preocupação presidencial com a “seriedade” de um capitalismo que produz tão magníficos resultados. (BORON, 2007, p. 20)

A implementação de todas as medidas do consenso de Washington, a liberalização econômica e todo o processo neoliberal pelo qual passou a Argentina, para Boron (2007) ainda permanece, pois mesmo com um modelo político mais “brando” em relação às reformas ou associação com os grupos capitalistas, mantém-se em sua estrutura um conjunto semelhante ao menemista, assim:

não surpreende constatar que os “ganhadores” e os “perdedores” das políticas econômicas do Kirchnerismo sejam hoje praticamente os mesmos do governo de Menem e do efêmero governo da Aliança. Entre os primeiros sobressaem as empresas privatizadas e alguns monopólios que controlam desde a exportação de bens altamente rentáveis - como o



petróleo, o gás, a soja e seus derivados, favorecidos pela manutenção da política cambial – até a provisão de serviços não-comercializáveis no mercado interno, aproveitando os subsídios e as vantagens estabelecidas pelo governo, e o fornecimento de bens manufaturados de diversos tipos protegidos eficazmente da competição externa pela desvalorização da moeda local. Trata-se, em suma, dos oligopólios estrangeiros que se apoderaram dos setores estratégicos da economia nos anos noventa, aos quais se unem os setores mais concentrados do capital nacional – especialmente aqueles vinculados às exportações agropecuárias e alguns poucos no setor industrial – e a oligarquia financeira e rentista, todos os beneficiados pelo tipo de câmbio, a eliminação dos direitos trabalhistas, e a falta de proteção dos usuários e consumidores. Os “perdedores” do modelo não se surpreendem e são os mesmos de sempre: os trabalhadores, as camadas médias empobrecidas, e essa imensa massa que, como recordamos acima, Frei Betto denominou de modo apropriado como o “pobretariado”, que inclui amplos contingentes da população condenados ao desemprego crônico, à exclusão social e à pobreza. Pessoas que já perderam a capacidade de sentir qualquer esperança diante do capitalismo, seja ele sério ou risonho. (BORON, 2007, p. 20)

Conforme Braga (2016), é visível que após a crise que 2002, as taxas de emprego diminuíram, embora afirme que este fator se deve mais as “maquiagens institucionais e estatais” do que de fato por uma redução dos níveis das taxas de desemprego; o autor também aponta que grande parte destas taxas foram encobertas pela criação de diversos postos de trabalho altamente precarizados e/ou subemprego, ou seja, a realidade não difere do que estava posto no ano de 2002. Portanto, mesmo com a alteração de governo em 2003 com a inclusão de políticas que se “diferenciavam” do modelo neoliberal adotado por Menem, no conjunto o modelo de exploração das classes trabalhadoras é contínuo.

Neste sentido, o próximo capítulo demonstrará como se deu a chegada dos Kirchner ao poder, tanto no seu projeto de condução do Governo de Santa Cruz, e a eleição em 2003. Cabe ressaltar que o modelo de atuação do Kirchnerismo adota uma política em que os discursos não estão alinhados com as políticas econômicas, e na condução deste processo de chegada ao poder e permanência, está presente o braço do Kirchnerismo, o movimento La Cámpora.

## **2. DE SANTA CRUZ À CASA ROSADA: UM PROJETO DE PODER**

Ao olharmos para a Argentina a partir de 2003, torna-se fundamental a compreensão do papel político que os Kirchners assumem, a análise dos caminhos que conduzem o Kirchnerismo a Casa Rosada é parte importante para que possamos compreender a nova conjuntura política, bem como, as políticas econômicas que foram implementadas durante o governo. Cabe, portanto, analisar em que medida essas políticas econômicos-sociais se distanciam ou constituem-se como parte de um processo contínuo, tendo em vista as reformas de mercado implementadas no governo Menem.

Desta maneira, o presente capítulo está dividido em três partes: 2.1 Kirchnerismo: projeto de poder; 2.2 Governos Kirchners e “anti” neoliberalismo: para além do discurso; 2.3 *La Cámpora*: militantes e Kirchneristas.

Na parte 2.1 apresentaremos um breve perfil histórico-político de Néstor e Cristina Kirchner. Deste modo, evidenciaremos os Kirchners a partir do jogo político que estabelecem na província de Santa Cruz, obtendo força e poder, como fatores que direcionam as suas ações para a disputa presidencial, tendo como foco a Casa Rosada.

Na parte 2.2 abordaremos as políticas elaboradas pelos Kirchners, tendo como enfoque o discurso “anti” neoliberal enfatizado constantemente por Néstor e Cristina. Destacaremos que o discurso Kirchnerista é controverso, não assumindo assim um processo de ruptura com o passado Menemista.

Por fim, na parte 2.3 apresentaremos o “nascimento” do *La Cámpora*, movimento que surge no governo de Néstor Kirchner, que se apresenta como um ferrenho defensor do Kirchnerismo, procuraremos apresentar como o Movimento atua nas ruas e nas esferas do Estado.

### **2.1 Kirchnerismo: projeto de poder**

O projeto de poder Kirchnerista se constitui através do projeto político ideológico que por sua vez é hegemônico dominante, que mantém na condução política econômica os pressupostos do neoliberalismo, que representa o conteúdo do pensamento político social da hegemonia dominante, com concepções, valores, determinações sócio-político econômico cultural e militar que tem como eixo o capital privado, a liberalização econômica e alteração do papel do Estado. Portanto, conforme aponta Gruppi (2000) acerca de Gramsci

A tarefa de toda concepção dominante (que, sendo dominante, torna-se portanto também de fé, também ideologia para as grandes massas, não conscientemente vivida em todos os pressupostos e em todos os seus aspectos) consiste em conservar a unidade ideológica de todo o bloco social, que é cimentado e unificado precisamente por aquela determinada ideologia”. A hegemonia é isso: capacidade de unificar através da ideologia e de conservar unido um bloco social que não é homogêneo, mas sim marcado por profundas alterações de classe. (GRUPPI, 2000, p. 69,70)

De modo que a hegemonia é força – poder (dominante) e está presente em todo projeto político, e quando analisamos a organização de poder no Estado, ou seja, os grupos que disputam o poder, nota-se que o que se está em disputa é o controle de poder do Estado, que não se coloca como um processo revolucionário que romperia com esta concepção de mundo, assim

A hegemonia tende a construir um bloco histórico, ou seja, a relizar uma unidade de forças sociais e políticas diferentes; e tende a conservá-las juntas através da concepção de mundo que ela traçou e difundiu. “A estrutura e as superestruturas – diz ele – formam um bloco histórico.” A luta pela hegemonia deve envolver todos os níveis da sociedade: a base econômica, a superestrutura política e a superestrutura ideológica. “[...] Um grupo social é dominante dos grupos adversários, que tende a liquidar ou a submeter inclusive com a força armada, e é dirigente dos grupos afins e aliados. Um grupo social pode, e mesmo deve, ser dirigente já antes de conquistar o poder governamental. É essa uma das condições principais para a própria conquista do poder. Depois, quando exerce o poder, e mesmo quando o mantém fortemente sob controle, torna-se dominante, mas deve continuar a ser sempre dirigente”. (GRUPPI, 2000, p. 78)

Portanto, consideramos o projeto de poder Kirchnerista como uma hegemonia dominante, que se inicia com Néstor Carlos Kirchner, que nasceu em Rio Gallegos, capital da província de Santa Cruz, na região da Patagônia em 25 de fevereiro de 1950, estudou em escolas públicas e quando jovem militou no movimento justicialista como membro da Juventude Peronista, pertencente a um setor de esquerda radicalmente contra a ditadura militar. Foi neste contexto que nos anos 1970, já formado em advocacia, conheceu Cristina Elisabet Fernández, nascida em La Plata, em 19 de fevereiro de 1953. Já casados, decidiram se mudar para Rio Gallegos, onde a repressão da ditadura era menor. No ano de 1977 tiveram seu primeiro filho, Maximo, e em 1979 Cristina terminou o seu curso e se titulou em advocacia. (PALACIOS, 2013)

**Figura 1:** Néstor Kirchner

**Fonte:** <<<https://goo.gl/images/SJc749>>>. Acesso. 12. Maio. 2018

Ao passo que a democracia retornava na Argentina, Néstor Kirchner tomou a frente do controle do Partido Justicialista de Gallegos, sendo eleito prefeito da cidade em 1987. Na mesma linha, Cristina, no ano de 1989, foi eleita a uma vaga na Câmara dos Deputados de Santa Cruz. No ano de 1990 nasce Florencia, segunda filha do casal. No ano seguinte Néstor Kirchner é eleito governador da província de Santa Cruz com 61% dos votos; se reelege em 1995 e novamente no ano de 1999. Cristina assume uma vaga no Senado em 1995 representando a província de Santa Cruz, porém renuncia em 1997 para se candidatar e ser eleita deputada nacional pela mesma província. Ela cumpre o seu mandato e ao final opta por manter-se no senado e ser eleita em 2001, período em que o país enfrentava uma das suas maiores crises. (PALACIOS, 2013)

A trajetória política dos Kirchners, como já destacado mantém sua base eleitoral na província de Santa Cruz, onde buscam galgar uma posição de liderança dentro do peronismo, o que não atinge grande êxito inicialmente devido a uma base pequena e com pouca expressão, concentrando a maioria de suas políticas de intervenção na província patagônica de Santa Cruz. Vale dizer que, Néstor Kirchner no papel de líder do pequeno partido Justicialista daquela região não detinha uma ampla articulação consistente com os vários fragmentos do peronismo e muito menos conseguia se posicionar com relevância nacional, fator que se altera diante do seu posicionamento em negociações fiscais com o

governo federal e províncias, ação que lhe dá força política para assumir o papel de representante da Frente Federal de governadores peronistas entre 2000 e 2002.

*Como gobernador y convencional constituyente en un período de reformas estructurales de la economía, Kirchner había aprendido los juegos superpuestos del federalismo fiscal argentino: la cooperación de todas las provincias para obtener mayor coparticipación primaria de impuestos a costa del gobierno nacional; la coalición del interior contra Buenos Aires para obtener a su costa mayor coparticipación secundaria; la creación y uso intensivo de transferencias altamente discrecionales por parte de los presidentes para incrementar la dependencia financiera de los gobiernos provinciales; la concentración del poder negociador de los gobernadores en transferencias de baja o media discrecionalidad para resistir y reducir esa misma dependencia. (NOVARO; BONVECCHI; CHERNY, 2014, p. 96)*

Este posicionamento adotado por Kirchner, já com vistas para uma futura disputa presidencial, mirava o ganho de poder dentro do peronismo, pois durante o período da forte crise Argentina em 2001, conforme aponta Sidicaro (2011) as duas grandes forças políticas *el peronismo y la Unión Cívica Radical – UCR*, que mantinham a maior presença eleitoral desde a redemocratização da Argentina em 1983, ainda permaneciam com “*pálidos reflejos de lo que habían sido en sus mejores momentos.*” Especialmente na década de 1990 os dois partidos criaram rupturas que geraram diferentes marcos ideológicos naquilo que era o cerne da ideologia inicial de cada partido. O presidente Carlos Menem quando implementa as reformas de mercado e se submete as ações do Consenso de Washington, estabelece um conjunto de ações políticas econômicas sociais que não condiz com a ideologia peronista.

Porém, é importante ressaltar que nesta disputa por uma vaga de poder dentro do peronismo ao qual Néstor Kirchner estabelecia críticas a Carlos Menem enquanto a sua forma de atuação, e evocando o seu rompimento com a ideologia peronista como um dos grandes fatores para a crise da Argentina. Kirchner nunca se manteve distante do projeto neoliberal implementado por Menem, pois conforme coloca Boron (2007).

Sua identificação com o projeto neoliberal de Menem ficou mais uma vez evidente em 1994, quando foi eleito membro da Assembléia Constituinte encarregada de reformar a Constituição Nacional para permitir a reeleição de Menem em 1995 e que transferia para as províncias a soberania absoluta das riquezas do subsolo, uma medida muito aplaudida pelas grandes companhias de petróleo que, desse modo, poderiam negociar com débeis (e também corruptos) governos provinciais, via de regra distantes dos meios de comunicação de âmbito nacional, e aos quais podiam impor as cláusulas que lhe eram mais favoráveis. Também não é possível ignorar que a crucial privatização da YPF (Yacimientos Petrolíferos Fiscales)

contou com o entusiasta apoio de Kirchner, naquele tempo governador de Santa Cruz, e o mesmo ocorreu com as demais políticas inspiradas no Consenso de Washington e executadas, com zelo singular, durante o apogeu do menemismo. (BORON, 2007, p. 15)

O estilo adotado por Kirchner, que na década de 1990 assumiu um posicionamento de apoio a determinadas medidas de ajuste e privatizações<sup>30</sup> adotadas por Carlos Menem conforme aponta Boron (2007) não se altera, se mantém como um governo provincial alinhado com determinadas políticas neoliberais, pois, o foco em manter o poder regional e as características do seu passado de militância juvenil no peronismo de esquerda era o meio pelo qual poderia constituir dentro do peronismo um nome forte ou mencionável para uma futura disputa presidencial, evidenciando desta maneira contornos do projeto Kirchnerista. O alcance de suas ações e o discurso radical enquanto governador de Santa Cruz se intensifica conforme se aproximam as eleições de 2003, de modo que seu nome, após sucessivas tentativas na busca por outros candidatos<sup>31</sup>, recebe o voto de confiança de Duhalde.

O perfil “progre” (progressista) do santacruzense – construído não pela sua atuação no governo provincial, mas sim por sua militância juvenil no peronismo de esquerda – unido ao compromisso de manter em seu cargo o Ministro da Economia de Duhalde, Roberto Lavagna, que havia colhido importantes êxitos (assim como o reconhecimento da “opinião pública” em sua posterior gestão da grande crise de 2001), serviram para fortalecer a campanha eleitoral de Kirchner. Contribuíram também dois outros

---

<sup>30</sup> Ou seja, como já enfatizado não se altera, como exemplo a privatização da Empresa Nacional de Telecomunicaciones (ENTel) um grande exemplo dentre o conjunto das privatizações ocorridas no governo Menem, e que não tem reversão nos governos Kirchners, sendo assim grande parte do conjunto de privatizações menemistas perpassa os governos Kirchners.

<sup>31</sup> Em todo caso, o certo é que, na turbulenta conjuntura posterior a dezembro de 2001, Kirchner foi o candidato “descartável” do continuísmo. O presidente Duhalde, então chefe indiscutível do poderoso peronismo da província de Buenos Aires, já havia selado um acordo estratégico (que não prosperou) com o ex-governador de Santa Fé, Carlos A. Reutamann. Apesar de ser uma figura muito valorizada pela opinião pública, fortes ameaças de extorsão – nunca devidamente esclarecidas – de seus adversários políticos lhe fizeram recusar a oferta do presidente. Este voltou então os olhos para o governador da província de Córdoba, José M. De la Sota, em busca de um sucessor. Mas as primeiras pesquisas eleitorais demonstraram que De la Sota não teria chance alguma numa disputa contra Menem que, mais uma vez, se lançava na disputa eleitoral depois do fracasso interregno De la Rúa. Esse terreno inóspito de candidaturas, explicável pela crise orgânica já referida, fez com que Duhalde, disposto a impedir a qualquer preço o retorno de seu aqui-inimigo Menem, escolhesse o nome de Kirchner, até então um candidato sem nenhuma chance de competir, com o seu porta-bandeira para as eleições marcadas para o dia 27 de abril de 2003. [...] Um episódio decisivo para esta escolha foi o fato de que as eleições presidenciais, inicialmente previstas para o final de 2003, tiveram que ser antecipadas em virtude do agravamento da crise política produzida pelo “massacre de Avallaneda” em 26 de junho de 2002, quando uma manifestação sob a forma de piquete nesta cidade – localizada nas cercanias de Buenos Aires – terminou com o fuzilamento, por parte das tropas policiais, de dois jovens militantes do Movimento de Trabalhadores Desempregados Aníbal Verón: Maximiliano Kosteki e Darío Santillán. A súbita antecipação do calendário eleitoral frustrava qualquer tentativa de “fabricar” um novo candidato, que fosse mais confiável para Duhalde. Neste sentido, com o tempo correndo contra Duhalde, este não encontrou melhor saída do que lançar o nome de Kirchner. (BORON, 2007, p. 15, 16)

elementos: em primeiro lugar, o apoio do “aparato” do peronismo bonaerense que, fiel a tradição de seu chefe, deixou de lado suas antipatias e fez a balança pender para o lado contrário. Em segundo lugar, a oportuna – ou oportunista? – radicalização do discurso de Kirchner, indubitavelmente influenciado pela desoladora paisagem social que revelava a Argentina depois da queda da conversibilidade: 54% da população abaixo da linha da pobreza, metade dos quais afundada na indigência. Isto deu sustentação a uma retórica que se opunha frontalmente ao neoliberalismo esgrimido por seus principais contendores, cujo conteúdo diferenciou claramente sua candidatura das demais. (BORON, 2007, p. 16)

As ações de Néstor Kirchner tem como base um discurso agressivo em face das políticas implementadas voltadas para o mercado no governo menemista, não refletem o seu modo de atuação, tanto na condução política econômica do seu governo na província de Santa Cruz, como o seu aceite em manter o Ministro da economia, Roberto Lavagna, são fatores que denunciam o caráter dubio do seu discurso, fato que se torna uma característica dos governos Kirchners. Deste modo, a construção do projeto Kirchnerista que chega ao poder em 2003, tem como base o peronismo<sup>32</sup> que se mantém ao longo da história, e se insere na vida dos jovens através da Juventude Peronista, desenvolvendo os quadros políticos que vão dar continuidade a sua ideologia, com modificações e divisões dentro do partido<sup>33</sup>, mas que se altera principalmente a partir dos anos 1990, com diversos posicionamentos ideológicos, conforme indica Sidicaro (2011),

*El partido-Estado creado por Juan D. Perón a mediados de la década de 1940, transformado en los años 60 en un poderoso movimiento sociopolítico en el que coexistían distintos proyectos voluntaristas, se había convertido hacia fin de los 90 en una sociedad de partidos provinciales peronistas sin horizontes ideológicos nacionales.* (SIDICARO, 2011, p. 75)

São estas alterações que ocorreram em virtude dos diversos períodos pelo qual a Argentina passou – ditaduras, redemocratização, sucessivas crises – que fomentaram a reorganização, a exemplo do modelo de peronismo adotado pelos Kirchner na condução do governo de 2003 – 2015, juntamente com suas ideologias políticas que trazem este novo viés para o cenário político argentino, as ideias/ideologias Kirchnerista. Neste sentido, em seu discurso de posse em 25 de maio de 2003, Néstor Kirchner relembra brevemente os anos

<sup>32</sup> Doutrina peronista. Disponível em: << <http://www.peronistakirchnerista.com/>>> Acesso. 13. Abril. 2017.

<sup>33</sup> Estas divisões de acordo com (SIDICARO, 2011), foram encabeçadas por Néstor Kirchner, governador da província de Santa Cruz, pelo ex-presidente Carlos Menem, e pelo governador de San Luis – e presidente por poucos dias em meio à crise de 2001 – Aldo Rodríguez Saá.

1980 e 1990, e nos dá um indicativo de como seria a atuação como presidente/projeto Kirchnerista.

*“A comienzos de los 80, se puso el acento en el mantenimiento de las reglas de la democracia y los objetivos planteados no iban más allá del aseguramiento de la subordinación real de las Fuerzas Armadas al poder político. La medida del éxito de aquella etapa histórica, no exigía ir más allá de la preservación del Estado de derecho, las continuidades de las autoridades elegidas por el pueblo. Así se destacaba como avance significativo y prueba de mayor eficacia la simple alternancia de distintos partidos en el poder. En la década de los 90, la exigencia sumó la necesidad de la obtención de avances en materia económica, en particular, en materia de control de la inflación. La medida del éxito de esa política, la daba las ganancias de los grupos más concentrados de la economía, la ausencia de corridas bursátiles y la magnitud de las inversiones especulativas sin que importara la consolidación de la pobreza y la condena a millones de argentinos a la exclusión social, la fragmentación nacional y el enorme e interminable endeudamiento externo.<sup>34</sup>”*

Tendo em vista as crises ocorridas nas décadas de 1980 e 1990, tendo principalmente se agravado durante o período do governo Menem, que intensificou drasticamente as reformas voltadas para o mercado, e mostrou-se ao final de seu governo como um modelo econômico que não refletia mais os anseios do eixo do capital privado, Menem por estas razões perde poder político, o que tira as suas chances de reeleição visto que a disputa eleitoral se aproxima, seu oponente Duhalde deposita o seu apoio a Néstor Kirchner como o homem capaz de alterar o que estava posto e que mantinha um discurso que demonstrava sinais de que não se submeteria as pressões do mercado, ou seja, a alteração para um projeto político de poder, sendo assim uma outra face do peronismo, assim

*Kirchner fue el candidato presidencial propuesto por un pequeño grupo que organizó una de las tres fracciones peronistas que compitieron en las elecciones nacionales de 2003, y no ocultó en ningún momento la decisión de situarse en un plano superador del peronismo. Jefe del pequeño Partido Justicialista de la provincia patagónica de Santa Cruz, Kirchner no tenía un rol relevante en la política nacional ni en la fragmentada estructura organizativa del peronismo. Sus juicios críticos sobre el Partido Justicialista no dejaban lugar a malentendidos. (SIDICARO, 2011, p. 84)*

---

34 Trecho do discurso de posse de Néstor Kirchner em 25 de maio de 2003. Disponível em: <<http://democraciasur.com/2003/08/02/nelor-kirchner-discurso-de-toma-de-posesion-de-la-presidencia/>> Acesso.13. Julho. 2017.



Em entrevista ao sociólogo Torquato Di Tella, Néstor Kirchner diz que:

*Definitivamente hay que superar la década de 90, que consolidó el modelo que comenzó en 1976 con su estrategia e ideólogo: Alfredo Martínez de Hoz. Desgraciadamente, a esse modelo lo hicieron suyo Menem y Cavallo, y lo peor fue que lo hicieron en nombre del justicialismo. Después vino De la Rúa, que también fue un continuador mediocre de esas políticas funestas. Creo que, al contrario, hay que tener políticas nacionales e industriales que contribuyan al renacer argentino. Es decir debemos concebir un proyecto de nación o se va a profundizar el proceso, no ya de crisis, sino directamente de decadencia nacional. El Estado debe recuperar el control de los instrumentos macroeconómicos e impulsar un modelo de producción y trabajo. (KIRCHNER; DI TELLA, 2003, p. 29)*

Kirchner na condução do seu projeto político de poder e para manter-se como um contraponto a Menem, recorre a um discurso que tem forte influência das políticas adotadas pelo modelo peronista dos anos 1970, chamado de “setentista”<sup>35</sup>, destacam-se por ser um movimento composto por militantes da juventude peronista (considerada mais radical), que possui como base ideológica o fortalecimento da nação, do Estado, de base industrialista, com uma política externa que visa a superação da condição de dependente e periférica em relação as grandes potências. Deste modo, os jovens que seguiam os ideais deste modelo político atuavam por um Estado autônomo das pressões internacionais que visavam a internacionalização do capital e implementação de políticas neoliberais. Frente a estes ideais da juventude setentista, os Kirchners buscavam manter uma conduta de não alinhamento a todas as políticas recomendadas por Washington, de tal modo que embora não fossem radicais nas suas ações políticas frente aos EUA, demonstravam perante aos seus eleitores um modelo diferente de governo.

Já no âmbito da política internacional, para manter o discurso político de não submissão a grandes potências, Kirchner mantém um distanciamento relativo dos EUA – distanciamento que se mantém mais ao nível de discurso – como a oposição à criação da Área de Livre Comercio nas Américas, para o fortalecimento do Mercosul, criação das União das Nações Sul-americanas – UNASUL e uma convergência maior com os países da

---

35 Os movimentos sociais de grande expressão nacional têm início por volta de 1955 e sua explosão nos anos 70 – período este em que a Argentina estava cercada de episódios de características golpistas que contribuíram para a desestruturação da política, aumento da violência social e principalmente o desaparecimento do Estado nas camadas mais pobres, condições que permaneceram, pois, durante a década de 50 e 60 as gerações não esboçavam nenhum tipo de reação popular diante das brutalidades que vinham sendo cometidas. Reação que só alcançou dimensões nacionais na década de 70, tendo como base desses movimentos filhos das gerações de 50 e 60, que tiveram expressivas participações nos movimentos *Tendencia Revolucionaria del peronismo e Montoneros* (DELLA ROCCA, 2014, p. 70)

América Latina, especificamente o Brasil e Venezuela. A conduta política dos Kirchner pretendia estabelecer uma diferenciação em relação ao governo Menem – período em que a Argentina não possuía receios de controle de capital, manteve-se mais alinhada ao comércio com os EUA e países da União Europeia, nutrindo uma conduta neoliberal para estabelecer um comércio bilateral, se eximindo de negociações com países latino-americanos – pois as determinações impostas pelas diretrizes do FMI em matéria de políticas monetárias e cambiais não foram seguidas, como exemplo: o aumento de metas de superávit fiscal primário.

Compreendemos que a atuação política e econômica dos Kirchner tinha como princípio fortalecer o comércio com países pertencentes ao bloco comercial do Mercosul e o estabelecimento de acordos bilaterais com os países da região. Há uma busca pela proteção do seu mercado interno, criando medidas para que não haja fuga de moeda, estabelecendo condições de restrição à circulação de trocas cambiais, bem como a nacionalização de empresas estatais<sup>36</sup> que estavam sob controle do capital estrangeiro – são fatores que marcam o modelo de atuação da política interna e externa, que visava a proteção e aproximação com os países do Cone Sul, como forma de fortalecer a região.

Porém, cabe ressaltar que esta diferenciação, durante o governo Kirchner se dá mais no discurso, do que em ações efetivas, pois, em relação às medidas econômicas, não houve profundas alterações. A construção de um rompimento de fato com as grandes potências e a subordinação às entidades como o FMI, Banco Mundial e credores internacionais não cessa. O discurso enfatizado amplamente do “anti”-neoliberalismo, reproduzido na campanha e enquanto presidente, não é posto em prática. A política externa de Néstor Kirchner, dentro do seu projeto de poder trabalha para suprir as necessidades da política interna, sendo assim ao passo que o país se encontrava em grande debilidade econômica era necessário manter a pressão internacional, pois a populista tradição peronista tinha como intenção corresponder às expectativas das manifestações das ruas.

---

36 Matéria da Revista *La Cámpora*, sobre o projeto político de Néstor e Cristina Kirchner, onde elecam as empresas nacionalizadas: *Aysa, Ante incumplimientos reiterados, se rescindió el contrato de Aguas Argentinas y se creó la empresa nacional AYSA; Correo Argentino; Thales Spectrum: El Estado recuperó el control del espacio radioeléctrico; Aerolíneas Argentinas; Tandanor; Ex Área Material Córdoba; Creación de ENARSA; Yacimientos Carboníferos Río Turbio; Recuperación del 30% de Aeropuertos Argentina 2000; Rescisión contratos de concesión de algunos ferrocarriles por incumplimientos. (Metropolitano S.A. en el ramal del ferrocarril San Martín y la ex Línea Roca y Belgrano Sur); AFJP; Incremento capital argentino en Repsol-YPF*. Disponível em: << [http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista\\_LaCampora01.pdf](http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista_LaCampora01.pdf)>> Acesso. 15. Agosto. 2017

Embora possamos identificar nas políticas do governo Kirchner, ações que poderiam identificar um distanciamento das pressões de políticas neoliberais mais incisivas no mercado global, a conduta do governo argentino difere, muito em resposta às ruas como a decisão de recuperar o controle de determinadas atividades privatizadas, a exemplo do que ocorreu com a *Yacimientos Petrolíferos Fiscales* – YPF (que foi recuperada pelo governo argentino com a justificativa de que houve queda na produtividade e que o país é um dos poucos que não mantém o “controle” do setor – se institui que a expropriação será de 51% da petrolífera). A intenção de recuperar o controle da YPF era de interesse de Néstor Kirchner, visto que:

*Antes de la desnacionalización todos [provincias] participábamos activamente en las políticas estratégicas del petróleo y había una acción de oro del Estado Nacional que permitía el derecho a veto, lo que otorgaba a la Argentina el control estratégico de su recurso energético hidrocarburífero. Es decir, el paquete accionario YPF estaba lo suficientemente fragmentado como para que los distintos actores pudieron discutir las políticas, el concepto macroeconómico de la inversión petrolera y de la reserva energética. Además, existía una discusión racional para el marco de la inversión anual: cómo se iba a hacer, cómo se iba a estructurar, cómo se manejaban los negocios internacionales, lo cual era muy importante. En 1998, para seguir sosteniendo el déficit fiscal que tenía la Argentina, se vendió, entre otras cosas, más de 51 por ciento del paquete accionario a Repsol. A partir de esta venta, se perdió la acción de oro y las provincias nos vimos obligadas a vender, e YPF se desnacionaliza, perdiendo la Argentina el control estratégico. Esse fue el verdadero problema: la desnacionalización. Por eso es necesario aprobar una verdadera ley de hidrocarburos que regule definitivamente la funcionalidad del petróleo y los instrumentos macroeconómicos, y adecuar rápidamente el funcionamiento para que podamos tener los resortes y las decisiones que corresponden a un campo tan importante para la política económica argentina. [...] hidrocarburos y minería son actividades demasiado importantes en el desarrollo estratégico de un país. (KIRCHNER; DI TELLA, 2003, p. 42-43)*

Na continuidade das políticas econômicas, estabelecem o congelamento – tarifas de “subte” (metrô), ônibus, energia elétrica, combustíveis, produtos alimentícios, eletrodomésticos, eletrônicos – de taxas por serviços ou bens fornecidos por empresas de capital global, demonstrando que as resoluções políticas desencadeariam para um novo caminho “distante” do neoliberalismo que foi adotado desde o período inicial da redemocratização na Argentina, com implementação de diversas medidas de internacionalização de capitais, bem como a abertura de capital, adesões a tratados internacionais que propunham um mercado liberalizante. Estas medidas anunciadas como o

descolamento do neoliberalismo imposto por Menem, não deixaram o projeto de poder Kirchnerista distante do neoliberalismo, pois as suas ações continuavam a beneficiar muito mais o empregador do que o empregado.

Assim, ao analisarmos a condução deste projeto de poder, para além das ações econômicas, torna-se evidente o interesse de Néstor Kirchner na sua atuação política, a elevação da candidatura de sua esposa Cristina Kirchner para as próximas eleições, manobra política de renovação que perpetua a influência Kirchnerista no poder. Cristina Fernández de Kirchner nasceu em La Plata, capital da província de Buenos Aires, onde cursou direito na Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais da Universidade Nacional de La Plata. Inicia a sua militância na *Frente de Agrupaciones Eva Perón – FAEP*, que posteriormente se fundiu com a *Federación Universitaria por la Revolución Nacional – FURN*, que vai se constituir na *Juventud Univertaria Peronista de la Universidad de La Plata – JUP*.

**Figura 2:** Cristina Fernández de Kirchner



**Fonte:** << <https://goo.gl/images/2eQssK>>>. Acesso. 12. Maio. 2018

Em outubro de 1974, Cristina conhece seu futuro esposo Néstor Kirchner com quem militou junto na JUP, e se casam em 9 de maio do ano seguinte. Porém, devido às perseguições e o terror do regime militar, o casal se muda para cidade natal de Néstor Kirchner, onde formam o Escritório Jurídico Kirchner. Mas, ao passo que a democracia retorna na Argentina, Cristina e seu esposo retomam as atividades políticas no Partido Justicialista. Sua participação atuante na política a levou no ano de 1989 a ser eleita para

Deputada estadual na província de Santa Cruz, cargo em que foi reeleita nos anos de 1993 e 1995. Sempre atuante, em 1994 foi eleita representante por Santa Cruz na convenção nacional constituinte de Santa Fe, o que impulsionou o seu ingresso no ano de 1995 no Senado Nacional, de onde renuncia em 1997 para disputar o cargo de Deputada Nacional e em 2001 é eleita novamente senadora, sempre atuando pela província de Santa Cruz.

A partir de 2001, Cristina permanece atuante no Senado Nacional, sendo que a partir do ano de 2003, com a presidência de seu esposo Néstor Kirchner, se estabelece no âmbito de representante política do seu país em diferentes fóruns internacionais. Em 23 de outubro de 2005 é eleita senadora pela província de Buenos Aires pela *Frente para la Victoria*. Diante desta trajetória política Cristina Kirchner é tida por Néstor como uma peça fundamental na condução e continuidade dos Kirchner no poder, com um governo que prometeria ser muito melhor do que ele já fizera, indicando que ela seria um novo modelo de modernidade e racionalidade econômica – indicações que agradavam o mercado – somado ao apoio de Néstor Kirchner que mantinha índices de popularidade altíssimos, poder político, crescimento econômico, concentração de poder institucional impulsiona a candidatura e conquista da presidência da Argentina por Cristina Kirchner e seu vice Julio Cobos.

Cristina Kirchner assume a presidência da Argentina em 2007 com um total de 45,29% dos votos, sendo reeleita em 2011 com 54% dos votos, número que evidencia que o projeto político de poder, que já vinha sendo desenhado desde 2003, evocando um ideal de um projeto Kirchnerista, com continuidade e mudanças, em que o principal objetivo do seu governo era fazer da Argentina um país exportador, com uma economia mais competitiva, fazendo em sua governabilidade a relação da Argentina com o mundo um foco central juntamente com o combate à pobreza.<sup>37</sup>

Porém, já no início do mandato Cristina Kirchner teve que enfrentar problemas herdados do governo do seu esposo, que não foram expostos durante o período da campanha eleitoral, se destacando as pressões inflacionárias, a insegurança, os escândalos de corrupção e a crise energética, que pressiona diante das condições impostas pelo mercado a reduzir os subsídios aplicados no setor de transportes, alimentação, energia e combustíveis, com o fim de reduzir a alta do dólar dentro de uma economia tradicionalmente de alta dolarização, ou seja, sede as políticas econômicas neoliberais.

Um dos problemas que podem ser identificados é o aumento da inflação, gerando controvérsia entre as afirmações oficiais do governo, que colocam a inflação como algo

---

37 Entrevista concedida ao jornal La Nación em 30/07/2007. Disponível em: <<http://www.lanacion.com.ar/957750-me-gustaria-un-pais-como-alemania>>. Acesso.12. Julho. 2015

controlado, na casa de no máximo 10%, e as publicações de agências não oficiais, que acusam algo em torno de 24%, sendo que estes últimos números são expostos pela oposição. Diante disso, ocorre um descrédito internacional quanto a divulgação dos dados, o que faz com que o governo alegue que o seu foco não é a preocupação com a inflação e sim com o crescimento. Porém, são adotadas diversas medidas pelo governo, como congelamento de preços em supermercados e nas petrolíferas a fim de controlar a inflação. Esta constante negativa do governo em reconhecer o aumento da inflação levou a uma ruptura com os sindicatos, que até então eram fortes aliados, o que leva o Kirchnerismo a ser um dos poucos movimentos peronistas sem base sindical<sup>38</sup>.

Em relação aos índices de emprego e pobreza, desde o início do governo Kirchner: 54% da população que vivia abaixo da linha da pobreza, se reduziu, segundo fontes do governo para 5,4% em 2013, dados<sup>39</sup> que são contestados por entidades privadas, para as quais, diante da perda de poder aquisitivo derivada da inflação, o número real seria de 25%. Ocorreu baixa no número de trabalhadores desempregados que saiu de 17% para 7,9%, redução justificada por muitos pelo grande número de contratação feitas pela máquina do Estado, o que evidencia uma forma de manter o controle e poder sobre boa parte da população.

No que se refere ao campo, o governo Kirchner enfrentou, uma das maiores ondas de manifestações do período, provocada pelo aumento por parte do governo da tarifa de exportação da soja, já que a Argentina passou a ser um grande mercado produtor deste grão. Diante do aumento da tributação, e com o apoio das mídias, ocorrem diversos protestos com painelaços por alguns meses, liderados por produtores que contavam com um apoio importante do radical Julio Cobos, então vice-presidente em 2008.

Em contraponto a esta disputa com os produtores, o governo Kirchner permaneceu como forte dependente das reservas geradas pela venda e exportação de soja, o que permitiu o governo entre 2003 e 2013 triplicar as reservas de dólares do Banco Central e ajudou a quadruplicar o PIB da Argentina<sup>40</sup>. Porém, em outros pontos fortes de exportação como a carne houve grande retração, pois com o intuito de manter o mercado interno o governo

<sup>38</sup> Os Aparelhos hegemônicos se constituem como parte dos sindicatos, o que leva a defesa de pautas que não tem como fim último o trabalhador, agem por vezes na mediação e defesa das grandes corporações.

<sup>39</sup> Estes dados estão são fornecidos pelo *Instituto Nacional de Estadística e Censos* – INDEC, disponível em: << <http://www.indec.gob.ar/>>>, Acesso.13. Fevereiro. 2016

<sup>40</sup> Para saber mais, consultar o artigo, Crescimento econômico e políticas de Governo na Argentina, 200-2014, disponível em: <<

impôs restrições às exportações de carne, sendo assim superados pelo Brasil, Uruguai e Paraguai. Contudo mesmo com o avanço em relação a reserva de dólares o mercado argentino se via pressionado ao pagamento das dívidas com o FMI, o que restringe o crédito internacional.

Apesar de não ter crédito internacional o governo utilizou de suas reservas do Banco Central para efetuar o pagamento das dívidas com o FMI e o culpou pela crise que a Argentina enfrentava, mas cedeu as condicionalidades do mercado, fez o pagamento da dívida em detrimento da aplicação destes recursos internamente, o que demonstra o viés neoliberal do governo. O uso das reservas do BC pelo governo enfrentou diversas críticas, o que levou à saída o presidente do BC em 2010. Aliado a isto, as reservas cambiais chegaram ao menor nível dos últimos seis anos, devido também a uma maior importação de combustíveis, o que contribuiu para a queda do superávit primário – todos estes fatores em conjunto fizeram que o governo impusesse diversas restrições ao mercado do dólar (condicionalidades do neoliberalismo, pagamento do FMI ao invés de utilização em outras áreas, ditames do capital e não do social).

Devido a uma grande fuga de capitais (cerca de US\$60 milhões)<sup>41</sup>, o governo criou um conjunto de medidas que visavam conter a saída de dólares do país, tentando assim estabilizar a economia. Buscou tentar frear o superávit comercial, o que levou à expropriação da YPF (devido ao aumento das importações de combustíveis) que pertencia à espanhola Repsol<sup>42</sup> e limitou as exportações, mas, umas das medidas mais fortes foi a restrição à compra de moeda estrangeira e a proibição de empresas estrangeiras de transferir os lucros para seus países de origem. Estas restrições afetaram muitos dos argentinos que, já acostumados a diversas crises, sempre utilizaram o dólar para diversas transações, principalmente imobiliárias e poupança. Nessa linha, o governo impôs, conforme a renda de cada contribuinte, um limite para a compra de dólares, o que vem a favorecer o mercado de câmbio paralelo.

Estas imposições geraram uma corrida cambial no ano de 2014 na Argentina. Como já foi citado a economia argentina tem um grande fluxo de dolarização, o que diante das

---

<sup>41</sup> Para saber mais, consultar o artigo, Crescimento econômico e políticas de Governo na Argentina, 200-2014, disponível em: <<[<sup>42</sup> A Repsol é uma empresa espanhola privada que atua na administração de energias, como o petróleo, começa em uma sociedade mista com o nome Campsa em 1927 que foi o que deu origem a denominação do grupo atual. Disponível em: << <https://www.repsol.energy/es/index.cshtml>>> Acesso.30. Julho. 2016](https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&act=8&ved=0ahUKEwiWgvLrnPDZAhWC7BQKHdavBeQQFghaMAQ&url=https%3A%2F%2Fdialnet.unirioja.es%2Fdescarga%2Farticulo%2F4920622.pdf&usq=AOvVaw1TWvbo0br0zxeYiIBolXuZ>>.&br/>Acesso. 29. Junho. 2016</p></div><div data-bbox=)

dificuldades econômicas como reflexo das crises na Europa, EUA, e o baixo crescimento da economia chinesa, só agrava o processo de estagnação da economia e contribui para o aumento da inflação no país. Isto posto dentro de um contexto de eleições presidenciais no ano de 2015, em que o Kirchnerismo deseja manter o seu projeto de continuação no poder, mantendo uma disputa que tem um contexto diferente dos anos anteriores (2007 e 2011), onde houve a vitória do Kirchnerismo já no primeiro turno. Nestas eleições o candidato Kirchnerista Daniel Scioli, da Frente para a Vitória, mesmo partido de Cristina Kirchner, venceu as eleições primárias com 37,7% dos votos contra 30,8% do seu oponente direto Mauricio Macri, da aliança de centro-direita Mudemos, e em terceiro o partido peronista de oposição pelo qual concorrem Sergio Massa e José Manuel de la Sota com 20,7%, mantendo assim a decisão final para a província chave de Buenos Aires, onde mais de um terço dos argentinos vota e onde o candidato Daniel Scioli governa, portanto era dado quase como certo a sua vitória.

Outro ponto que se destaca é o apoio e ligação do movimento *La Cámpora* ao Kirchnerismo. O *La Cámpora* encabeça atos pró-governo Kirchner, ocupou diversos cargos dentro do governo, e nas últimas eleições das províncias conseguiu eleger diversos integrantes. Ou seja, o Movimento se fez presente na eleição presidencial de 2015, como peça fundamental de apoio a Daniel Scioli, apoio que não se tornou suficiente para a sua vitória, mas que permanece ativo e constante, como uma força de combate as medidas de cunho neoliberal do candidato eleito Mauricio Macri. A vitória de Mauricio Macri, reflete a derrota dos projetos nacionais e populares no continente, bem como a representação da direita e de seu modelo econômico neoliberal agressivo.

A vitória de Macri estabelece uma polarização da política, as suas ações político econômicas de ajustes fiscais, elevações nas tarifas de água, luz, gás e transporte e o crescimento do desemprego, e aumento da inflação se tornam indicadores de insatisfação para os que creditaram o voto no candidato da *Alianza Cambiemos* e munição para os Kirchneristas. Frente a este panorama de abertura Cristina Kirchner lançou a *Unidad Ciudadana*<sup>49</sup> no dia da bandeira em ato realizado em um estádio localizado em uma área carente de Buenos Aires. Este ato marca o retorno de Cristina Kirchner para a política na disputa por uma vaga no senado.



O slogan, *Unidad Ciudadana para volver a tener futuro*, já traz consigo a ideia do resgate do que foi a atuação dos Kirchners frente a condução do Macri atualmente. A plataforma do *Unidad Ciudadana*<sup>43</sup>, apresenta um conjunto de 15 propostas, a saber:

1. *Recuperar lo perdido: empleo, salario y condiciones de trabajo.*
2. *Frenar el aumento descontrolado en los precios de los consumos populares.*
3. *Proteger la industria nacional.*
4. *Poner fin al saqueo tarifario y defender a las empresas públicas nacionales.*
5. *Defensa del sistema de seguridad social y devolución de derechos a jubilados y pensionados.*
6. *Parar la bola de nieve del endeudamiento externo y la “bicicleta financiera”. Revisar la deuda contraída.*
7. *Oxígeno a las economías regionales y a los pequeños y medianos productores agropecuarios.*
8. *Justa y transparente distribución de los recursos a las Provincias, que asegure federalismo y autonomía.*
9. *Algo más que corrupción: ARGENTINA S.A.*
10. *Mujer. Iguales y Vivas.*
11. *Derechos Humanos. Argentina sin presos políticos y sin genocidas libres.*
12. *Seguridad ciudadana, inclusión social y organización institucional.*
13. *El Estado para equilibrar la balanza entre sociedad y mercado.*
14. *Protección de los recursos naturales.*
15. *Integración regional productiva para defender la soberanía*

Desta maneira a *Unidad Ciudadana*, coloca-se como a representação de uma força política e social Kirchnerista, que se pretende:

*frenar el ajuste permanente, la desindustrialización endémica, el endeudamiento serial y la especulación financiera que la Alianza Cambiemos tiene como únicas metas de gobierno. El Parlamento tiene que ser uno de los límites para el ajuste neoliberal, pero no el único. Las instituciones y organizaciones sindicales y sociales, en ejercicio de sus propias representaciones, tienen también una responsabilidad histórica frente a este nuevo calvario de los argentinos y no pueden ser ajenas a la convocatoria ciudadana. Parlamento, Instituciones y Organizaciones necesitan de hombres y mujeres con convicciones, conocimiento, responsabilidad y coraje histórico para ejercer la representación popular e institucional de la ciudadanía y construir las líneas de defensa de los diversos y distintos sectores dañados por la política económica del gobierno. UNIDAD CIUDADANA para generar propuestas que pongan un límite a tanto dolor y fractura económica y social. Propuestas que,*

---

43 Plataforma eleitoral com a proposta da *Unidad Ciudadana*, disponível em: << <https://unidadciudadana.org/plataforma>>>, Acesso. 23. Julho. 2017.

*retomando los lineamientos de los gobiernos nacionales, populares y democráticos, incorporen los nuevos desafíos del momento histórico actual, caracterizado por el retorno continental del neoliberalismo*<sup>44</sup>.

É na retomada dos ideais Kirchneristas através do *Unidad Ciudadana*, que Cristina Kirchner deseja retornar para a política, a continuação do projeto Kirchner e a sua consolidação enquanto uma nova ideologia tem a sua continuidade. Em seu discurso, Cristina Kirchner, diz que:

*“Por eso convoco y los convoco a la unidad ciudadana, a la unidad de todos los argentinos y de todas las argentinas. Porque estoy convencida de que esta etapa histórica de agresión neoliberal a todos los estamentos de la sociedad no es una cuestión de partidos políticos. Se los digo sinceramente, y se los vengo diciendo hace tiempo, me lo han escuchado desde el año pasado; lo veo y lo siento. [...] lo que necesitamos es poner un límite a este gobierno en las próximas elecciones para que pare el ajuste, y las próximas elecciones, mis queridos compatriotas, son parlamentarias. Y es precisamente el diseño que el sistema político adoptó en nuestra Constitución porque en las elecciones de medio término la sociedad expresa si está o no de acuerdo con un gobierno. No confundamos ni le hagamos el juego a los que intentan confundir hablando del pasado. Claro que tenemos pasado, no nací de un repollo, el problema que tenemos es que con ellos no tenemos futuro, este es el verdadero problema: el futuro y el presente”*<sup>45</sup>.

Cristina Kirchner, no lançamento de sua candidatura pelo Senado<sup>46</sup>, apresentou toda sua trajetória política iniciada em Mar del Plata, afirmando a sua convicção pelo povo e pela Argentina, que não se colocava como uma fanática peronista, mas como uma fanática argentina, fanática por seu país, pois, *“Porque vale la pena, vale la pena construir, volver a participar, vale la pena representar ideas y convicciones”*.

## **2.2 Governos Kirchners e “anti” neoliberalismo: para além do discurso**

O governo Kirchnerista construiu conforme já apresentado neste capítulo uma narrativa simples, pouco antes de iniciar a sua candidatura, que para muitos foi convincente, consistia na missão de reparar o país, visto que se encontrava desestabilizado pelas políticas

---

44 Plataforma Unidad Ciudadana, disponível em: << <https://unidadciudadana.org/plataforma>>>, Acesso. 25. Julho. 2017

45 Discurso de lançamento da Unidad Ciudadana, disponível em: << <http://cfkargentina.com/unidad-ciudad-anacfk-en-arsenal/>>>, Acesso. 25. Julho. 2017

46 Discurso de Cristina Kirchner no lançamento de sua candidatura pelo Senado. Disponível em: << <http://cfkargentina.com/759/>>>, Acesso. 25. Julho. 2017

neoliberais implementadas por Menem – que deteriorou a economia, deixou o país com um alto índice de desemprego, e com uma população com um alto nível de pobreza e descrédito no futuro do país. Estes fatores somados e um componente eleitoral desacreditado na classe política deram a margem necessária para que Néstor Kirchner – com o apoio de Duhalde – vencesse as eleições e implementasse o seu projeto de poder, o Kirchnerismo.

O caminho para a implementação de suas políticas econômicas, mantinha uma condicionante imposta por Duhalde, para que o seu apoio se concretizasse nas eleições do ano de 2003, visto que conforme já mencionado Duhalde era o principal e mais forte nome do peronismo, sendo assim para Kirchner garantir seu apoio deveria manter o Ministro da economia Roberto Lavagna, que durante o governo de Duhalde implementou o fim da convertibilidade – que equiparava o valor do peso ao dólar. Esta ação teve o maior peso principalmente na classe trabalhadora, que diante das pressões e de uma maior presença regulatória do governo que intervia na regulamentação e na relação entre sindicatos e trabalhadores, um processo que intensifica a inserção de empresas de outros países que se baseiam na exploração dos recursos e da mão de obra barata. Neste sentido a política econômica adotada por Duhalde durante seu governo, se manteria intocável no governo Kirchner, ou seja, não se mantém uma ruptura com as políticas adotadas por Menem.

Oos Kirchners deenvolvem um conjunto de ações, não somente econômico, mas que mexe nas estruturas do poder do Estado para direcionar as suas políticas econômicas sociais, o uso deste poder é o que garante ao governo a devida legitimidade em manter um discurso que chegue nas ruas, mas que de fato não demonstra o real interesse de suas ações, principalmente quando se coloca o neoliberalismo como ações que pertencem a governos anteriores.

Compreendemos que o uso deste poder do Estado tem um papel central no processo de acumulação de capital, que por sua vez é quem estabelece as regras do jogo, como por exemplo na fixação de leis e acordos comerciais que vão regulamentar os diversos setores da economia. Diante disto o Estado aplicando as suas políticas econômicas podem promover um determinado eixo da economia em comparação a outros, a exemplo, em determinados setores como: subsídios para exportação, ampliação de indústrias, ou direcionar o ganho para o pagamento de dívidas. Em outro ponto age com políticas que visam o estabelecimento de ações que miram o incremento do gasto público para “sustentar” a demanda interna, gerando o aumento das atividades econômicas produtivas do Estado. É neste marco que são direcionadas diversas ações dos governos de Néstor e

Cristina Kirchner. Tem na economia o seu trunfo que lhe garante força política dentro do peronismo, com os sindicatos e o empresariado.

*La consolidación del proceso de reactivación iniciado a mediados de 2002 dio lugar a un incremento sostenido de la tasa de empleo, al aumento también sostenido de la recaudación impositiva y a una acelerada disminución de la pobreza. El crecimiento del empleo y la disminución de la pobreza contribuyeron a ampliar el capital político del Presidente tanto entre la población en general como entre los actores corporativos: entre los sindicatos, porque la ampliación de la planta de trabajadores formales revitalizó sus finanzas y su poder de negociación; entre los empresarios, porque la mejora en los ingresos de la población permitió un aumento del consumo y, con ello, de su facturación y sus ganancias. El aumento de la recaudación impositiva sirvió tanto para expandir la capacidad del gobierno de estimular el crecimiento de la demanda a través del gasto público como para fortalecer la centralización del federalismo fiscal ya potenciada durante la presidencia de Duhalde. Asociada su imagen en la opinión pública al crecimiento de la economía y la distribución de sus frutos, y ampliando su instrumental institucional para impulsar ese crecimiento y concentrar el poder de distribución de sus resultados, Kirchner consiguió los recursos para convertirse en el primus inter pares del peronismo y emprender la batalla por el control de su liderazgo. (NOVARO; BONVECCHI; CHERNY, 2014, p. 118)*

A liderança obtida por Kirchner, diante dos seus êxitos económicos, lhes deram sustentação para que mantivesse sua autoridade econômica, sobre o poder legislativo, e nas mediações com os partidos e sindicatos. São características abordadas pelos autores Bonnet e Piva (2010), que demonstram que a implementação de medidas neoliberais, que conduz o governo Menem, também está exposta nos governos Kirchners. O papel da autoridade econômica tinha como representante o Misnistro Lavagna que,

*Era un reconocido representantes de la gran burguesia industrial y un cuadro que gozó de importantes cuotas de poder y prestigio porque fue designado en abril de 2002, después del breve ministerio de Remes Lenicov, para enfrentar las críticas secuelas de la crisis económica que culminó a fines de 2001. Y la administración de Duhalde, con Lavagna como ministro, resultó exitosa en su tarea de morigerar las consecuencias más catastróficas de esa profunda crisis: evitó que la devaluación forzada desembocara en un proceso hiperinflacionario, avanzó hacia una solución duradera del problema del congelamiento de los depósitos mediante una devolución combinada de efectivo y bonos y de la amenaza de una bancarrota bancaria generalizada mediante subsidios a los bancos, inició una renegociación de la deuda externa en default com los organismos financieros internacionales, negoció y contuvo los aumentos de las tarifas de las empresas públicas privatizadas. Pero quedaría en manos de la nueva administración electa de Kirchner la tarea de terminar de revertir estas consecuencias de la*

*crisis. Y Kirchner mantuvo inicialmente en su puesto al ministro Lavagna. (BONNET; PIVA, 2010, p. 5)*

A presença de Lavagna no governo Kirchner é um fator que desarticula todo o discurso de não aceitação e implementação das medidas neoliberais em seu governo, conforme coloca Bonnet e Piva (2010), o ministro da economia manteve relações profundas com a grande burguesia industrial, o que é claro fornecia condições para uma melhor governabilidade de Néstor Kirchner frente às pressões das grandes corporações, mas não se alinhava ao seu discurso. Neste processo de início de governo Kirchnerista a contradição do discurso eleitoral, com o que de fato é posto em prática enquanto governo, é mais uma jogada pelo poder, pois para que Néstor Kirchner conquiste a presidência buscou se alinhar a Duhalde como forma de garantir apoio político na condução do seu governo, visto que a sua margem de votos foi substancialmente pequena. Assim, a presença de nomes que demonstrassem para a economia argentina o seu alinhamento com determinada política ou continuação, o manteria no cargo.

Outra medida de Kirchner foi retirar a presença majoritária menemista da suprema corte e realizar alterações nos quadros para que pudesse ter garantias de que poderia implementar suas ações políticas econômicas sem grandes transtornos.

*Ya en junio de 2003 Kirchner inició una depuración de la corte de los milagros menemista: presionó hasta que logró la renuncia de tres de sus miembros (Nazarenos, Vázquez y López) e impulsó el juicio político a otros dos (Moliné O'Connor y Boggiano). Y los jueces nombrados por Kirchner para reemplazarlos (Zaffaroni, Argibay, Highton de Nolasco y Lorenzetti, dos mismos que los vacantes) ya de antemano no podían considerarse dependientes del poder ejecutivo de la misma manera que los nombrados por Menem en los noventa. (BONNET; PIVA, 2010, p. 11)*

A partir do ano de 2009, com uma maior independência da corte suprema, ocorre uma série de conflitos entre o poder executivo e o judiciário conforme destaca Bonnet e Piva (2010):

*La mencionada creación del Fondo del Bicentenario enfrentó un fallo de inconstitucionalidad de la justicia de San Luís y la creación del Fondo del Desendeudamiento Argentino (que reemplazó al anterior, mediante decreto 298/10 chocó con medidas cautelares dictadas por la justicia federal a instancias de diputados opositores. Estos conflictos, sin embargo, se resolvieron sin que la máxima corte rompiera abiertamente con el poder ejecutivo – la corte esquivó, por ejemplo, una intervención*

*directa em el caso de Redrado. Pero algo muy distinto sucedió en el conflicto originado en la decisión de la corte suprema de exigir que el gobierno de Santa Cruz reponha al procurador de la provincia Eduardo Sosa (que Kirchner había cesanteado cuando era gobernador 15 años atrás) y em su posterior denuncia penal contra el gobernador Daniel Peralta por incumplimiento de los deberes de funcionario público (que puso a la provincia al borde de la intervención) en septiembre de 2010. En este caso hubo un enfrentamiento abierto entre el ejecutivo y la corte (la propia presidenta Fernández de Kirchner, el Jefe de Gabinete Fernandez y el Secretario legal y Técnico Zanini salieron em los medios a respaldar al gobernador y a cuestionar a la corte. Y un conflicto más agudo aún aparece en el horizonte a raíz de las disputas entre el gobierno e y el Grupo Clarín, [...] el gobierno y la corte suprema se enfrentaron nuevamente, em septiembre de 2010, a raíz del fallo cautelar contra el cierre de Fibertel dictado por un juez platense y del fallo de um juzgado federal de nulidad de la intervención de Papel Prensa y de remoción de los representantes gubernamentales en su directorio. [...] pero en cualquier caso, las últimas elecciones de los representantes de los juices y abogados terminaron con la maioria Kirchnerista en el consejo. (BONNET; PIVA, 2010, p. 12, 13)*

É possível identificar que mesmo que ocorram alterações na articulação entre o executivo e o judiciário, de forma a não garantir que todas as ações que precisem de aprovação na Corte Suprema tenham obstáculos, os governos Kirchners através dos mecanismos e aparato do Estado, criam condições, como forma de coerção, pressão política ou ações públicas com o fim de que tenham o apoio necessário para se manter forte enquanto governo.

Dentre as políticas implementadas por Néstor e Cristina Kirchner há um substancial incremento no gasto público que é proveniente de um grande plano de obras públicas, como a construção de escolas, casa populares, este aumento de gasto com infraestrutura, somado a aplicação de diversos subsídios no transporte público, eletricidade, gás, foram implementados para compensar o congelamento de tarifas. Houve neste período um incremento nas políticas de recomposição salarial do setor público e privado, e ampliação dos planos de ajudas sociais e de emprego. São diversas modificações na estrutura do Estado que visam a beneficiar a população diante do processo de crise que se configurava na economia argentina.

Porém, é importante frisar que muitas destas medidas que são descritas pelos Kirchners como um modelo que difere do governo menemista em face das suas profundas medidas neoliberais, em uma análise preliminar não evidencia o caráter de política neoliberal destas ações. A política de assistência e investimento na infraestrutura do país está diretamente ligada com o capital, a construção de escolas, moradias populares, subsídios nos transportes públicos e no setor energético são de controle de grandes

aciononistas do capitalismo, por mais que se faça a ressalva de que as políticas visam a população, quem ganha de fato são as grandes empresas.

*Entre 2004 y 2006 el gobierno pudo firmar Actas Acuerdo com las principales empresas de telecomunicaciones, electricidad, agua, correo y aeropuertos que le permitieron extender el congelamiento de tarifas para consumidores finales por tiempo indeterminado. En estas Actas Acuerdo, el gobierno concedió aumentos parciales de tarifas para grandes consumidores que compensaron alrededor de 50% de las variaciones de costos derivadas de la devaluación; autorizo la dolarización de algunas tarifas (en teléfonos y aeropuertos), redujo los compromisos de inversión de las empresas a los niveles más bajos del período de la convertibilidad, condono o postergó multas por incumplimientos contractuales, redujo o postergó el pago de deudas pendientes con el Estado, dispuso el financiamiento de obras de infraestructura y tarifas con subsidios públicos o nuevos impuestos e impuso pero nunca instrumento tarifas diferenciadas para usuarios pobres.[...] La consolidación de la reactivación permitiría a las empresas incrementar sus ingresos mediante el aumento de la demanda y contener sus costos a través de estabilidad del tipo de cambio real y de los subsidios. (NOVARO, BONVECCHI, CHERNY, 2014, p. 121)*

Portanto, a inserção destas políticas para além do incremento no nível econômico, eram para os Kirchner um modo de demonstrar para população o modo de atuação do governo.

*Con este esquema, Kirchner lograria aparecer, ante la opinión pública, como el garante de las tarifas bajas que permitirían a las familias mejorar su ingreso disponible y, mas adelante, cuando el salario real creciera contundentemente, renovar sus electrodomesticos o acceder a otros costos centrales de su ecuación de producción, y ante las propias empresas de servicios, como un duro negociador que no podía ser doblegado con diagnósticos ni amenazas catastróficas. Su posicionamiento frente a las privatizadas replicó, pues, el que Menem adaptó en su momento ante los sindicatos: para quienes confrontaran con el rumbo elegido por el Presidente habría palos – cierre de ramales ferroviarios, privatización acelerada de empresas, apertura veloz de la economía, encontrarían disposición a negociar el alcance y la secuencia de los cambios. (NOVARO, BONVECCHI, CHERNY, 2014, p. 121)*

Estas políticas Kirchneristas atuam como forma de manter a sua presença de governo e marcar a sua posição dentro da política, pois são medidas que a princípio beneficiam a população, por terem o caráter distributivo, que é parte de um projeto que busca o poder. Para isto o governo utiliza de mecanismos que não são os que foram

anunciados na campanha eleitoral, altera o discurso e mantém o Estado em condições semelhantes as que foram implementadas no governo Menem, são políticas travestidas de um projeto nacional popular com a base neoliberal.

*El Kirchnerismo ha fracasado. Al cabo de diez años de gobierno, resulta evidente que ha llegado el momento de añadirlo a la larga lista de fracasos en la historia argentina. Se trata de un fracaso político, económico y social, pero también – como siempre – de algo más grave: el Kirchnerismo no ha contribuido para que un futuro mejor sea posible. De hecho, si se esquivaba ese artificio de la retórica según el cual el pasado son sólo los peores años de la década de 1990 y su catastrófica secuela en 2001, tampoco el Kirchnerismo ha conseguido que el presente sea mejor que el pasado. (KATZ, 2013, p. 29)*

Conforme demonstra Katz (2013), o modo de atuação do governo Kirchnerista não se altera, quando comparado com as políticas menemistas, para o autor a sombra da grave crise de 2001, não criou nos Kirchners o desprendimento do neoliberalismo, como era amplamente defendido por Néstor Kirchner nas eleições de 2003. Castellani (2013) aponta que esta troca beneficiou e gerou oportunidades de negócios que incidiam no perfil de distintas frações de mercado de capitais, como as terceirizações, privatizações, diminuição da presença de grupos econômicos nacionais no conjunto das grandes empresas, bem como a alteração e favorecimentos das estruturas dos preços praticados por setores de serviço e comércio, onde

*La “desregulación” de los mercados permitió que las grandes empresas conservaran u obtuvieran posiciones mono u oligopólicas que permitieron la ampliación de las ganancias empresarias por encima de los niveles medios del mercado local e incluso del internacional, garantizando así la existencia de condiciones privilegiadas de acumulación en diversos “nichos”, como caso el mercado energético, en el sector supermercadista o en el de las telecomunicaciones. (CASTELLANI, 2013, p. 190)*

Este conjunto de ações de desregulamentação de mercado permitiram que o Estado regredisse em diversos pontos, como segue:

- a) desde de los trabajadores hacia los capitalistas, a partir de la reducción sistemática del salario real;*
- b) desde de los capitales más chicos hacia los más grandes, debido al alto grado de concentración de los mercados y/o condiciones especiales de grado de protección;*



*c) desde el sector público al sector privado más concentrado, como consecuencia de las políticas de liberalización financiera y la creación de marcos regulatorios especiales para las empresas de servicios públicos privatizadas, y  
d) desde el mercado local hacia el mercado externo debido al pago de la deuda pública y a la colocación de las ganancias empresarias en el circuito financiero internacional. (CASTELLANI, 2013, p. 191)*

São demandas exigidas pelo mercado que se conservaram durante os governos Kirchners, que mantiveram estas políticas e avançaram em um conjunto de ações direcionadas a incrementar o gasto público, com o fim de manter a demanda interna e o aumento das atividades regulatórias e produtivas do Estado. Katz (2013) enfatiza que estas políticas, são suficientes para observar o que nos rodeia:

*La pobreza; los malos resultados de la educación; las infraestructuras – inútiles, arruinadas e incapaces de prestar los servicios que se esperan de ellas –; la producción, concentrada fundamentalmente en industrias extractivas y en manufacturas ineficientes y subsidiadas por el Estado e por los consumidores; la riqueza de la sociedad, cada vez peor distribuída. (KATZ, 2013, p. 29)*

O acréscimo principalmente dos níveis de pobreza ou até mesmo de políticas que favoreçam a camada mais pobre da população, são indicativos que se disfarçam no discurso Kirchnerista de promoção em âmbito nacional de melhores condições de igualdade nos níveis sociais, como educacionais, distribuição de riqueza e programas assistenciais, cujo um dos principais objetivos é a perpetuação do projeto de poder. Porém, mesmo que se leve em consideração estes pontos acerca do apoio popular para com os Kirchners, é mais importante enfatizar que para além desta concepção o mais forte direcionador das políticas e de quem se manterá no poder de um Estado, é o mercado.

Diante do exposto afirmamos que a ligação dos Kirchners e a intensificação das reformas voltadas para o mercado durante o seu governo é mais um elemento deste processo constitutivo de demonstração de poder, faz-se necessário aliar-se a grande burguesia (principalmente industrial – global) para que o poder não se finde, é o que explica a sua ligação com Duhalde, conforme aponta Forster (2013):

*Néstor Kirchner, discípulo aventajado de Duhalde, no hizo otra cosa, de acuerdo a estos intérpretes – que van de la derecha a la izquierda del arco político-ideológico – que continuar por la misma senda fijada por*

*los grandes grupos económicos y aprovechando, con audacia y cinismo, esse <<viento de cola>> que posibilitó el <<milagro>> del crecimiento a tasas chinas durante los últimos 9 años. Claro que sin Duhalde y sus mentores nada de todo eso siquiera hubiese sido realizable. La operación es clara y supone invalidar o al menos limitar el reconocimiento de específico de un proyecto político que vino a modificar las relaciones de poder en el país como no se hacía desde mediados de los años cuarenta, cuando algo nuevo rompió la estructura de la dominación modificando de cuajo el devenir de la historia nacional. (FORSTER, 2013, p. 47)*

Forster (2013), sobre a alteração na conjuntura política da Argentina, coloca que:

*El Kirchnerismo, y esto más allá de su alocada e imprevista irrupción en la escena argentina, hizo girar radicalmente el orden de los factores hasta enfrentarse decididamente al contenido ideológico (un desarrollismo de derecha y para nada cuestionador del orden económico mundial) del que fue portador el duhalismo y quienes, todavía hoy, se muestran como sus acérrimos defensores. Una alquimia de voluntad, convicción, memoria, fidelidade, inversión política, oportunidad y azar y la propia densidade de los acontecimientos fueron, entre otros, los componentes de una historia que se fue encontrando a sí misma em el discurrir labiríntico de una época que permitió reescribir, hacia atrás y hacia adelante, el relato, siempre complejo, de nuestras visitudes nacionales latinoamericanas. El Kirchnerismo fue el nombre de esa nueva y vieja escritura que, por eso mismo, no es reducible, como mera continuidad sin conmociones ni descubrimientos, al peronismo. (FORSTER, 2013, p. 47, 48)*

Para Forster (2013), o papel desempenhado pelo Kirchnerismo é mais um exemplo do complexo que é a política latinoamericana, como já demonstrado Néstor Kirchner no auge de sua campanha eleitoral em 2003, bradava para os seus eleitores um conjunto de palavras que o tirara do eixo de um governo neoliberal. Contudo, na análise dos governos Kirchners 2003-2015 é claro que este rompimento nunca ocorreu, ou seja, é um governo marcado dentro da Argentina e na América Latina por ser anti-neoliberal segundo as concepções de diversos apoiadores, partidos e movimentos políticos sociais, é uma falácia que só mascara o discurso “anti” neoliberal. Observamos:

*En la Argentina actual, el Estado no está menos ausente que durante el menemismo, aunque esa ausencia haya tomado otras formas. El Estado há sido franquiciado a operadores privados: algunos construyen viviendas sociales – o se apropian de los recursos destinados a hacerlo –; otros administran territorios enteros: provincias o municipios, sitios em los cuales los titulares de franquicias vitalicias imponen la ley, territorios relegados, cuyo dominio está en manos de narcotraficantes, con Niklas Luhmann, <<la autosubsistencia de autoprovisión económica es*

*reemplazada por criminalidade>>; ferrocarriles operados por empresarios predadores; organismos de control puestos en manos de parientes de los funcionarios que deben ser auditados; estadios de fútbol cedidos a bandas criminosas que prestan servicios criminales al gobierno; una compañía aérea concesionada a jóvenes incompetentes cuyas perdidas, ésas sí, son cubiertas con recursos públicos. Lo que no entrega a terceros, socios o cómplices, el Estado lo abandona: calles cuyos transeúntes atraviesan con temor, oficinas públicas en las que los empleados trabajan en condiciones deplorables; hospitales y escuelas empobrecidos e mal equipados. Os barrios cerrados por las clases medias acomodadas o por los ricos de la sociedad, cutas alambradas los excluyen de la esfera pública, de la esfera estatal, con sus propios nombres, las infraestructuras que deserrollan para sí mismos. (KATZ, 2013, p. 175,176)*

Como reforça Katz (2013) os governos Kirchners atuaram e mantiveram os pressupostos das reformas de mercado, contrariando o discurso anti neoliberal, o autor menciona diversos modos de atuação dentro das esferas do Estado e cita o controle das Aerolíneas Argentinas por um grupo de jovens inconsequentes, se refere então ao movimento La Cámpora que torna-se o principal braço articulador destas políticas, se insere nas estruturas do Estado e é propagador das políticas Kirchneristas, um movimento que surge no início do governo de Néstor Kirchner, torna-se fundamental no governo de Cristina Kirchner e é o grande opositor de Mauricio Macri. Neste sentido, o próximo capítulo pretende demonstrar a particularidade do movimento La Cámpora enquanto um grupo político de militantes e de apoio às políticas Kirchneristas.

### **2.3 La Cámpora: militantes e kirchneristas**

Durante os anos dos governos Kirchneristas, foram produzidas mudanças significativas nas formas de mobilização e nas experiências organizativas de boa parte dos movimentos sociais e políticos na Argentina, independente das posições adotadas pelos governos de Néstor Kirchner (2003-2007) e de Cristina Kirchner (2007-2015), os espaços para a militância política e social passaram por diversos modelos de organização e estratégias, que em alguns casos, assumiram a pauta do governo. Assim, neste período, criaram-se grupos com posições favoráveis, que mantinham uma capacidade de organização e apoios às medidas praticadas pelos governos Kirchner, construindo um projeto de uma organização militante e ativa, no bojo destes grupos se destaca o movimento *La Cámpora*. (VÁZQUEZ, 2012)

No período do governo de Néstor Kirchner, por ocasião de protestos que ocorriam na *Plaza de Mayo*, no qual em grande número a juventude foi manifestar nas ruas o seu descontentamento com a política, cria um fato que desperta a atenção de Néstor Kirchner, primeiramente pelo número de jovens nas ruas e pelo fato de que muitos dos jovens eram filhos de desaparecidos da ditadura (1976 - 1983), membros da organização dos direitos humanos, outros eram filhos dos *Montoneros*<sup>47</sup> – uma organização guerrilheira de esquerda que promoveu uma luta armada nos anos 70 – dentre eles haviam militantes universitários e de movimentos sociais, fato que cria uma empatia, visto que Néstor sempre militou, assim:

---

<sup>47</sup> *A fines de 1968 y en enero de 1969 se realizaron dos Congresos del Peronismo Revolucionario. El tema central que cruzaba a ambos pasaba, en primer lugar, por la metodología de lucha para enfrentar a la dictadura de Onganía. Y, hacia el interior del movimiento peronista, cómo imponerse o desplazar a los sectores proclives a conciliar con el Poder para lograr espacios políticos y convivir con dicho Poder sin cuestionarlo como tal. En el Congreso del '68 participaron Bernardo Alberte-poco tiempo antes destituido como delegado de Perón-, el máximo teórico del Peronismo Revolucionario-Cooke-, el fundador del Movimiento Revolucionario Peronista y de la Juventud Revolucionaria Peronista-Gustavo Rearte-, varios dirigentes de la Confederación General del Trabajo de los Argentinos y algunos futuros montoneros como Sabino Navarro, Hobert y Gustavo Lafleur. Todos los participantes coincidían en que al estar cerradas las vías legales de expresión política había que desarrollar la lucha armada. Ello, con escasas excepciones, estaba fuera de discusión. Lo que se discutía era en qué condiciones desarrollar esta lucha. Si era o no el momento de tomar las armas, si estaban dados los requisitos políticos, si no era menester desarrollar previamente una fuerte organización popular que diera sustento-político e infraestructural -a la lucha armada, o si la misma lucha armada generaría las condiciones para desarrollar la organización popular. Al finalizar el Congreso quedaron establecidas dos posiciones: una postulaba que, aunque la lucha armada iba a ser imprescindible en el futuro y había que tenerla presente en cualquier desarrollo estratégico, las condiciones objetivas y el nivel de organización popular no eran todavía suficientes para implementarla. La otra sostenía que las condiciones objetivas estaban dadas. En todo caso, no lo estaban las subjetivas, las cuales consistían en la adhesión anímica del pueblo y, por consiguiente, su apoyo y compromiso con quiénes protagonizaran la lucha armada. Pero, esas condiciones subjetivas se iban a generar por el sólo hecho de iniciar la lucha armada. La cual, en realidad, ya se había iniciado con las acciones de la Fuerzas Armadas Peronistas que tomaron estado público cuando un pequeño destacamento rural, dirigido por Envar El Kadri, fue detenido en Taco Ralo (Tucumán). El Congreso no logró unificar o sintetizar las posiciones encontradas, y concluyó en la necesidad de realizar una nueva convocatoria para saldar la discusión pendiente. Ello se plasmó en el Congreso del '69. Al respecto del Congreso de 1969, Carlos Hobert, en agosto de 1974 escribió 13: "En enero de 1969 se hace otro Congreso en Córdoba. Pero ese ya fue más amplio, incluso quiso asistir Brito Lima pero lo sacamos a patadas porque ya en aquel entonces era un elemento policial. De este Congreso salen tres posiciones. Una que sustentaba fundamentalmente el Movimiento Revolucionario Peronista y que sostenía la necesidad de profundizar la organización de la clase trabajadora y que mientras esas condiciones no estuvieran dadas no se podía iniciar la lucha en el plano militar. La segunda posición sostenida por los sindicalistas que proponían el fortalecimiento de la estructura sindical, fundamentalmente de la CGT de los Argentinos que en aquel entonces era el único foco de resistencia real que había en el seno del movimiento peronista y la clase trabajadora, pero más allá de eso nada... La tercer posición sostenida por el Negro Sabino Navarro, era que se hacía necesario lanzar la lucha armada para crear esas condiciones de conciencia y organización del pueblo peronista. Luego, de todos estos sectores unos se fueron por la derecha y otros por la izquierda. La posición del Negro fue la de la mayoría. Pero si bien se estaba de acuerdo con llevarla adelante, no se hacía. Entonces nosotros sacamos una consigna que provenía del peronismo que decía mejor que decir es hacer". Y así fue: durante este Congreso se pusieron de acuerdo Sabino Navarro y Gustavo Lafleur y se organizó el grupo armado después conocido como "grupo Sabino", el cual constituyó una de las pequeñas organizaciones originales que dio lugar a la existencia de Montoneros.*

*Es destacable que estas continuidades entre generaciones sean elaboradas a partir del uso de un término altamente significativo en la historia del peronismo: trasvasamiento generacional<sup>48</sup>. En algunas ocasiones esta noción es utilizada de forma explícita por los militantes, en otras aunque no se enuncie de manera literal, se apela a la idea del legado entre generaciones. Por ejemplo, en el discurso de asunción presidencial de Kirchner, Néstor se inscribió públicamente como parte de una generación “diezmada, castigada con dolorosas ausencias”, refiriéndose a la generación de los setenta con la cual buscaba trazar puentes que la articulen con las militancias del presente. El compromiso militante sería el mismo, y los proyectos kirchneristas son presentados como continuidad de los que se sostuvieron en los setenta. La continuidad entre pasado y presente también se ilustra en aquel discurso de asunción, en el que hace referencia a su participación en “luchas políticas creyendo en valores y convicciones a los que no pienso dejar en la puerta de la Casa Rosada”.<sup>11</sup> La exaltación de los términos militancia, compromiso –así como un repertorio de conceptos asociados– y del protagonismo de los jóvenes es postulado en una relación de continuidad con aquella generación diezmada. (VÁZQUEZ, 2012, p. 15)*

Avançamos no entendimento de que diante desta conjunção de atuantes políticos dentro da sociedade argentina, Néstor Kirchner observou neste grupo de jovens uma possibilidade de estabelecer um elo entre os jovens e seus pais; assim, ele chama os jovens militantes para uma conversa com o intuito de garantir o apoio nas suas políticas de governo e a fim de manter presente a ideologia, ou seja, o seu projeto de poder. Para Mario Della Rocca (2014, p. 25) colocava-se em prática o que Néstor disse: “*No quireo ser el último de lo viejo, sino el primero de lo nuevo*”, caracterizava-se assim a necessidade de se fazer uma mudança na geração política, que segundo o autor é contaminada por vícios que a faziam atuar como uma corporação, se desprendendo desta maneira das demandas da sociedade e subementendo as grandes corporações nacionais e internacionais, neste sentido a constituição de um movimento que levasse a frente seus ideais era politicamente muito importante. Como meio de exercer um controle<sup>49</sup> do movimento *La Cámpora*, Néstor

---

<sup>48</sup> Segundo (VÁZQUEZ, 2012), Esta noción fue enunciada por Juan Domingo Perón en un mensaje enviado al Congreso de la Juventud Peronista que se realizó en Montevideo en 1967. Allí, ante las divisiones y conflictos por los que atravesaba el peronismo, Perón escribió: “Es indudable que tales defectos, especialmente imputables a los dirigentes, sólo se podrán corregir mediante una verdadera revolución dentro del Peronismo, y esa revolución deberá estar en manos de la juventud del Movimiento. Por eso, el Comando Superior ha venido propugnando desde hace tiempo la necesidad de un trasvasamiento generacional que pueda ofrecernos una mejor unidad y solidaridad, que presuponga para el futuro una unidad de acción de que carecemos en la actualidad” (Fuente: “Juventud y peronismo, lo que nunca se cuenta”, *El Argentino* 15/11/10). Vemos ya desde el inicio la noción de trasvasamiento generacional estaba asociada tanto a la necesidad de producir un cambio abrupto –revolucionario– dentro del peronismo, como a la diferenciación respecto de los dirigentes que conducían el movimiento hasta entonces. (AMORÍN, 2006, p. 30)

<sup>49</sup> O movimento *La Cámpora* se proclama uma organização oficial do Kirchnerismo, e neste sentido indentificam Néstor e Cristina como os seus principais condutores, mesmo quando nenhum dos dois se incluía como um membro pertencente a organização do movimento.

Kirchner faz de seu filho Máximo Kirchner<sup>50</sup> um membro/fundador influente do movimento, cujo papel é escolher os novos integrantes do *La Cámpora*, embora sua posição de liderança permaneça invisível.

*la centralidad de Cámpora como expresión de la lealtad hacia Perón y la aparición de Néstor Kirchner como encarnación anónima de la generación que trajo a Perón. Por otro, Kirchner emerge como el principal heredero de el tío Cámpora por compartir sus atributos presidenciales. Además, los militantes se reconocen a sí mismos como el principal espacio político que expresa la lealtad al kirchnerismo. (VÁZQUEZ, 2012, p. 15)*

O movimento *La Cámpora* – que hoje já possui grande solidez dentro do contexto político e social da Argentina – tem o seu nascimento como já evidenciado dentro do governo de Néstor Kirchner que mantinha um laço muito próximo com a juventude Kirchnerista, fator este que vem a culminar quando ele recebe uma homenagem da família de Héctor J. Cámpora<sup>51</sup> onde houve a entrega de seus atributos presidências a Néstor. É neste momento de grande simbolismo que ocorre o nascimento do *La Cámpora*, como especifica a carta publicada no site do movimento.

*“La victoria de Héctor J. Cámpora el 11 de marzo de 1973 no es una efeméride, el 11 de marzo del '73 condensa la historia y el significado del peronismo, la lucha de todo un pueblo, así como también una buena parte de la Historia de nuestra Patria. Significó el adiós a 18 años de proscripción al peronismo. Sí, 18 años donde los partidos políticos republicanos y adalides de la institucionalidad fueron parte de farsas electorales donde la fuerza mayoritaria no podía presentarse. Eran triunfos que duraban poco, los victoriosos que aceptaban esas reglas terminaban siendo simples títeres del poder económico y militar del momento. La degradación política posterior a la dictadura, exacerbada en los '90, configuró un escenario donde la figura de aquel prócer peronista, su ejemplo y su conducta, incomodaban a un tiempo de traiciones cotidianas y seriales. Así, mientras un ex presidente se abrazó con Isaac Rojas, ningún funcionario relevante fue a recibir los restos repatriados de Don Héctor Cámpora. Ni su lealtad ni su encierro cruel*

---

<sup>50</sup> A condução do movimento *La Cámpora* atua em nível nacional, no momento de sua formação contava com nove dirigentes sendo Andrés Larroque - Secretário Geral, Máximo Kirchner criador do *La Cámpora*, Axel Kicillof, Eduardo “Wado” De Pedro, Juan Cabandié, Mariano Recalde, José Maria Ottavis, Mayra Mendoza e Julián Álvarez. Todos membros que somam a força política do movimento atuando em diversas áreas do Estado.

<sup>51</sup> Héctor José Cámpora (1909-1980) fue electo presidente de la Argentina el 11 de marzo de 1973 y asumió la presidencia el 25 de mayo del mismo año. La fórmula que conformó –junto con Solano Lima- permitió el regreso del peronismo al gobierno en una época en la que Perón permanecía proscrito. Su presidencia duró 49 días ya que renunció para posibilitar la realización de nuevas elecciones en las que se presentó como candidato Juan Domingo Perón. Era conocido como *el Tío* y se caracterizó por expresar al sector de la izquierda peronista y por sintetizar –desde el punto de vista de los militantes- la *lealtad* a Perón bajo cualquier circunstancia. (VÁZQUEZ, 2012)

*en la embajada de México mientras un cáncer lo carcomía, resultaron meritorios para una dirigencia que se había hundido en el pantano neoliberal. La Cámpora es la contracara de muchos dirigentes de hoy que tienen ataques de peronitis selectiva y de otros que traicionaron la voluntad popular a los meses de asumir. Habría que preguntarle a la pléthora de escribas que hoy denigran retrospectivamente al “Tío” a los efectos de atacar a la juventud actual, por qué la Historia no alumbró la creación de espacios denominados “La Lastiri”, “La Osinde” o “La López Rega”, estamos abiertos al debate. El ejemplo de aquel hombre leal, fue recogido por un joven que aquel 11 de marzo del ‘73 estaría munido, ya, de las convicciones que jamás iba abandonar, mancomunado en el aporte anónimo de una generación que trajo a Perón. Ese era Néstor Kirchner, quien ya presidente, el 28 de diciembre de 2006 recibió de la familia Cámpora los atributos presidenciales del inolvidable “Tío” Aquel acto quizás pasó desapercibido para la gran prensa, pero no para un grupo de militantes, ese día nació La Cámpora.*”<sup>52</sup>

Este ato contribuiu para aumentar o apoio de diversos jovens com diferentes idades, que mantinham ideais de participação política e transformações sociais onde viviam e no restante do país, mantendo uma militância para evidenciar que é necessário

*construir una respuesta acerca de qué es el kirchnerismo- no representa un mero diagnóstico, sino que explicita una de las tareas o propósitos de la agrupación. Más precisamente de algunas de las áreas de la misma – como la Secretaría de Formación Política- en las que la militancia está puesta en función de aportar a la construcción de este relato histórico. O, como sostiene el referente citado anteriormente, “hacen política desde la conceptualización”. Un conjunto de actividades realizadas en el marco de dicha Secretaría giran en torno a esta cuestión tanto en lo referido a la organización de charlas abiertas y seminarios de formación, como también en la realización de módulos de formación temáticos que son elaborados por activistas de la Secretaría para la formación de otros militantes. También la realización de notas por parte de los militantes, publicadas tanto en producciones para difusión realizadas en la revista de La Cámpora, como en otras a través de las cuales se busca aportar a la elaboración de este discurso sobre la historia reciente. (VÁZQUEZ, 2012. p. 4)*

---

<sup>52</sup> *El nacimiento de La Cámpora*, publicado em 11 de março de 2011 no site [www.lacampora.org.ar](http://www.lacampora.org.ar) – Disponível em: <<http://www.lacampora.org/2011/03/11/el-nacimiento-de-la-campora/>> Acesso.28. Agosto. 2017.

O secretário geral do *La Cámpora* Andrés Larroque, em entrevista concedida a revista<sup>53</sup> *La Cámpora*<sup>54</sup>, afirma que o movimento é a expressão do retorno da juventude na política, com perspectivas de pensá-la como um espaço amplo de militância e recuperar valores reprimidos, ou seja, um movimento que faça com que o jovem se engaje novamente e saia para as ruas reivindicando os seus direitos, este espaço de militância tem como propósito principal afirmar os ideais daquilo que denominam como o “Projeto Nacional”, que tem sua expressão no modo de governar dos governos Kirchner.

*La participación pública de La Cámpora se incrementó durante este contexto, evidenciado en su creciente protagonismo en actos de apoyo al proyecto promovido por el gobierno, particularmente por el acampe que acompañó el debate legislativo en ambas cámaras. Este episodio representó para los militantes un acontecimiento relevante por diferentes motivos. En primer lugar, porque la polarización de posiciones repercutió al interior de diversos espacios organizativos, promoviendo discusiones respecto de los posicionamientos frente al kirchnerismo. Estos debates se produjeron en ámbitos de militancia ya existentes en los que comenzaron a producirse incipientes discusiones o incluso rupturas que redundaron en la conformación de nuevos espacios que, en ese momento o posteriormente, se reconocieron públicamente como adherentes al kirchnerismo y terminaron integrándose a La Cámpora. En segundo lugar, porque generó inflexiones personales que incidieron redefiniendo la participación en otros espacios, o bien iniciando su militancia en La Cámpora. (VÁZQUEZ, 2012. p. 11)*

O movimento *La Cámpora* tem como um de seus principais princípios estabelecer a sua presença em todo o país, para criar um canal de comunicação entre os poderes centrais e suas bases com trabalho específico na juventude nas universidades<sup>55</sup> e nas escolas, locais

<sup>53</sup> A revista *La Cámpora* não possui uma periodicidade mensal, tem um caráter semestral, de 2008 até 2014 ocorreram entre uma e duas publicações, é possível identificar que as publicações são em grande parte direcionadas a pautas: **Unificação do movimento** - Revista *La Cámpora* 00 - La juventud se organiza; Revista *La Cámpora* 06 - Memoria y alegría; Revista *La Cámpora* 04 - Materias de jornais sobre o *La Cámpora*; Revista *La Cámpora* 07 - Por todos lados; Revista *La Cámpora* 09 - Elegir seguir haciendo. - **Apoio à política dos Kirchner** - Revista *La Cámpora* 01 - Elecciones 28 de julio 2019; Revista *La Cámpora* 05 - Quiero que ganes de vuelta; Revista *La Cámpora* 08 - La deKada ganada 25 de Mayo 2003 - 2013.- **Pautas do governo** - Revista *La Cámpora* 02 - Ley de medios de la democracia; Revista *La Cámpora* 10 - Malvinas, Patria si colonia no. - **Comemoração de data histórica** - Revista *La Cámpora* 03 - 200 años bicentenario argentino. A revista é publicada no site do movimento *La Cámpora*. Disponível em: <<http://www.lacampora.org/>>.

<sup>54</sup> Revista *La Cámpora*, Año 1 – Nº 0 – Argentina. Disponível em: <<[http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista\\_LaCampora00.pdf](http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista_LaCampora00.pdf)>> Acesso. 28. Agosto. 2017.

<sup>55</sup> *Los diversos grupos «juveniles» dentro del kirchnerismo participan de una redefinición del término «militancia», por medio del cual articulan una serie acciones, posiciones y formas de compromiso que – vistas por fuera de ese universo de relaciones– pueden resultar diferentes entre sí y heterogéneas. El compromiso es descrito en relación con el impulso de acciones vinculadas con una «militancia» de tipo «territorial»6, «estudiantil» (tanto a nivel secundario como universitario), «cultural»7 y con la «militancia de la gestión», esto es, con una manera de tramitar los compromisos militantes en relación con el trabajo en la administración pública estatal8. En relación con esta última, se trata de experiencias en las cuales las*



apontados como fornecedores de campo intelectual<sup>56</sup> para a disseminação dos ideais do movimento e criar um campo favorável para o reforço de um movimento nacional.

**Figura 3:** *La Cámpora*



Fonte: <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora00.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora00.pdf)>.

Acesso. 12. Maio. 2018

De acordo com Mario Della Rocca (2013),

*El ciclo histórico actual nos muestra las formas políticas de la democracia consolidadas y los nuevos núcleos juveniles que se acercan a la militancia política lo hacen con otra impronta participativa, sin perder la natural tendencia idealista, rebelde y transformadora que caracteriza a la juventud. Estas tendencias además cobran su importancia pesando en el largo plazo, en la consolidación de un proyecto transformador, ya que, por las determinadas características de la Argentina, históricas y actuantes, éste es un proceso de largo aliento, y la juventud, por su edad cronológica, tiene una tendencia a pensar en*

*causas por las que se participa, y la manera de hacerlo, poseen estrecha vinculación con la dependencia estatal –e incluso con el área temática– en la que sus miembros se desempeñan laboralmente. Se consagra así, no solo una forma de entender el activismo que se relaciona con el trabajo en el Estado y con el desarrollo de una forma de gestión de lo público a partir de valores que se reconocen como «militantes», sino además una forma de tramitar los compromisos que involucran al Estado como objeto de sus acciones. En síntesis, los activistas se definen como «militantes de la gestión» y el repertorio de acciones militantes involucra tareas realizadas «en», «desde» y «para» el Estado. (VÁZQUEZ, 2014, p. 74-75)*

<sup>56</sup> *La graN maKro se crea en el año 2011 bajo el impulso de un grupo de jóvenes profesionales de Ciencias Económicas que eran, a su vez, trabajadores en diferentes áreas del Ministerio de Economía de la Nación. Además de haber estudiado en carreras económicas en universidades nacionales, estos activistas se desempeñan como docentes de grado y posgrado en las mismas. Las áreas y los temas de especialización en sus trabajos –al interior del ministerio y en las universidades– y sus tareas militantes resultan convergentes. Es decir, su conocimiento en materia económica constituye un capital susceptible de ser reconvertido desde el campo laboral y académico hacia el campo político y viceversa. Sin ir más lejos, caracterizan a la militancia en relación con prácticas como «estudiar, conceptualizar y difundir los lineamientos estratégicos del modelo económico que se desarrolla en nuestro país desde el 25 de mayo de 2003» (La graN maKro 2011). En suma, trabajar en el Ministerio de Economía, estudiar y formarse académicamente en el área económica y militar difundiendo aquellas ideas en defensa del «modelo económico kirchnerista» constituyen para ellos prácticas entrelazadas entre sí. (VÁZQUEZ, 2014, p. 76)*

*el futuro y eso es muy importante para diseñar un nuevo modelo de país para los tiempos venideros.* (DELLA ROCCA. 2013, p. 137)

Desta maneira, o movimento *La Cámpora* tem a sua articulação em diferentes faces para a disseminação dos ideais do movimento, o uso de tecnologias. Se considerarmos o grande avanço das tecnologias levando em conta principalmente as três últimas décadas, é possível perceber que o seu uso está intimamente ligado principalmente com as camadas mais jovens, tanto nas questões de afinidade e como ferramenta, que toma contornos de um grande mecanismo de comunicação de massas, que é fortemente utilizado e difundido hoje.

Assim, o *La Cámpora* se utiliza fortemente das redes sociais de massa como forma de comunicação, grande parte do seu trabalho está nas redes sociais<sup>57</sup> como *Facebook*, *Twitter*, *You tube*, seus membros participam ativamente em comentários e atuam como defensores de suas ideologias, visto que nas redes sociais, por ser um campo onde há uma liberdade maior para se expressar, tornando-se um campo fértil para o conflito de ideias.

O emprego do nome de Hector J. Cámpora ao movimento faz surgir diversas interpretações e críticas acerca do que o movimento se propõe, conforme crítica da matéria do Jornal *La Nacion*<sup>58</sup>, a proximidade das diversas esferas do Estado fornece margem para que atuem no controle de diversos cargos, – *Registro Nacional de Armas – Renar; la Dirección Nacional de los Registros Nacionales de la Propiedad Automotor y de Créditos Prendarios; la agencia oficial Télam; la Autoridad Federal de Servicios de Comunicación Audiovisual, que adjudica las licencias de radio y televisión. También, Aerolíneas Argentinas con su vergonzoso déficit; el Organismo Regulador del Sistema Nacional de Aeropuertos – Orsna; la Administración Nacional de Aviación Civil – ANAC, y la Inspección General de Justicia – IGJ,* – que segundo *La Nacion*, é um exemplo de uma atuação que age de forma predatória e inescrupulosa, de tal modo que é um perigo no discurso e na condução da máquina pública, mesmo com as críticas dos meios de comunicação sobre o papel do movimento cerca dentro do governo, a sua participação não cessa, torna-se cada vez mais presente .

A inserção dentro e no controle de diversas áreas do Estado tem seu início a partir do governo Kirchner (VÁZQUEZ, 2014), onde ocorre a convocação de dirigentes de grupos

<sup>57</sup> Na matéria do Jornal *La Nacion* – *Singular Duelo de militantes em las redes por los 500 días de Macri* – é possível ver como se articula o movimento. Disponível em: >> <http://www.lanacion.com.ar/2016738-singular-duelo-de-militantes-en-las-redes-por-los-500-dias-de-macri><< , Acesso. 17. Agosto. 2017.

<sup>58</sup> El peligro de *La Cámpora*, título da matéria veiculada no Jornal *La Nacion* em 04 de novembro de 2012. Disponível em: >> <http://www.lanacion.com.ar/1523451-el-peligro-de-la-campora><< , Acesso. 15. Agosto. 2017.

que apoiam o governo para atuar como funcionários públicos dentro do governo, neste momento o *La Cámpora* (principal apoiador do Kirchnerismo) insere diversos representantes dentro da estrutura governamental. O processo de incorporação dos militantes dentro do governo, modifica, ou melhor, ressignifica a figura do militante, para passar a exercer a militância e o trabalho dentro da esfera pública, deste modo a sua representação/ativismo que era exercida somente em seu bairro, se converte por meio do seu trabalho em gestão pública, sua inserção dentro da esfera do governo cria uma ponte entre a “rua e o Estado”.

*se puede observar que la relación entre activismo y gestión aparece de forma previa al trabajo en el Ministerio de Economía, e incluso a la adhesión al kirchnerismo. Este aspecto muestra la artificialidad que pueden presentar algunas posiciones con fuerte difusión reciente que sostienen que el kirchnerismo simboliza el «regreso a la política» por parte de los jóvenes. Dicha perspectiva –esquemáticamente– asume que antes del kirchnerismo el activismo estaba asociado fundamentalmente a la «resistencia» (callejera o barrial) o era propio de espacios «autónomos», es decir, aquellos que proclamaban su independencia respecto a la institucionalidad política. Estas formas de participación contrastarían con las actuales, en las que se reconoce principalmente una «vuelta a la política», entendiéndolo por ello una suerte de reencantamiento con la política formal, institucional y partidaria. (VÁQUEZ, 2014, p. 82)*

A estreita relação entre a militância e o Estado, principalmente com a incorporação dos quadros mais importantes do movimento *La Cámpora* na política e no governo Kirchnerista, cria uma dúvida acerca do papel da militância, pois na sua formação o caráter de ativismo político frente às políticas econômicas e sociais implementadas pelo Estado deixam de ter a crítica visto que a militância combativa passa a ter como novo foco a sua inserção nos quadros do governo.

*el análisis de las formas de activismo en esta agrupación ofrece una interesante perspectiva para matizar las lecturas que estigmatizan públicamente a las agrupaciones juveniles kirchneristas, concretamente en relación con la idea de que se trata de una «militancia rentada», en la cual el principal objetivo de sus miembros es obtener cargos en la gestión pública. El análisis del activismo a partir de esta experiencia concreta ofrece un panorama más complejo y denso de las relaciones y formas de construcción de la «gestión militante», que desafía interpretaciones dicotómicas y reduccionistas. Tal análisis muestra, por un lado, que algunos de sus miembros y referentes poseen experiencias militantes previas en las que ya se pone en juego la relación entre gestión pública y activismo. (VÁQUEZ, 2014, p. 82)*

A expressão deste movimento de inserção da militância nos governos está na criação da *Juventud de Obras Públicas – JOP*, *Los Jóvenes de (la secretaría de) obras públicas*, no final de 2010 cria-se a JOP no interior da *Secretaría de Obras Públicas del Ministerio de Planificación Federal, Inversión Pública y Servicios*, uma agrupação que segundo Vázquez (2014) se reconhece como Juvenil, tem importante visibilidade pública e reconhecimento entre os movimentos Kirchneristas no ano de 2011.

*la JOP se observan trayectorias de militancia previa, en especial en ámbitos estudiantiles universitarios. Esta vinculación con la militancia universitaria no tiene que ver solamente con las experiencias anteriores de sus activistas, sino con relaciones contemporáneas con La Vallese, una agrupación de la Facultad de Ciencias Sociales de la Universidad de Buenos Aires con la que la JOP posee estrechas vinculaciones. Aun cuando se reconocen como agrupaciones independientes entre sí, resulta interesante advertir la presencia de una importante cantidad de activistas de la agrupación universitaria en la Secretaría de Obras Públicas y en la JOP, en particular dentro de lo que los activistas definen como presencia «orgánica». En efecto, los líderes de esta última reconocen su ingreso al ministerio en calidad de «militantes». Así, según la caracterización de uno de sus principales referentes: «Asumimos como militantes, venimos como militantes para trabajar en la función pública dentro de un proyecto político. Pero nuestra militancia fue enfocada estrictamente en la gestión» (entrevista a Ricardo Gómez). (VÁZQUEZ, 2014, p. 83)*

Reconhecem que a participação na JOP é parte integrante de um saber que o militante deve adquirir, assim, o trabalho apresenta a construção de um capital militante que fornece a formação política necessária para se constituir como movimento forte dentro da sociedade. O ativismo nos espaços universitários e estatal, somado as relações dos movimentos participantes da JOP, colocam em jogo um conjunto interessante de articulações acerca dos capitais sociais, burocráticos, acadêmicos e militantes. Esta importância toma contornos no *Primer Encuentro Nacional de Jóvenes de la Gestión Pública*<sup>59</sup>, realizado na cidade de Buenos Aires entre os dias 1 e 3 de abril de 2011.

*Son varios los aspectos involucrados con la realización de este encuentro que resultan interesantes para comprender el tipo de agrupación que es la JOP y las formas de adhesión que involucra. En primer lugar, la participación en el mismo formó parte de las tareas de formación*

<sup>59</sup> *Se convocó a participar a «jóvenes trabajadores de la gestión pública», es decir, a trabajadores en la administración pública nacional, provincial o municipal que tuvieran «hasta 40 años de edad», en actividades tales como paneles con funcionarios y activistas, visitas a grandes obras de infraestructura<sup>28</sup> y audiencias colectivas, en las que funcionarios de diferentes organismos públicos y ministerios (como los de Economía, Industria, Trabajo, Desarrollo Social y Justicia, entre otros) conversaron con los asistentes sobre los programas y acciones realizadas desde sus diferentes áreas de trabajo. El encuentro se realizó en tres edificios públicos (el Colegio Nacional de Buenos Aires, la Dirección Nacional de Vialidad y la Jefatura de Gabinete de Ministros) y asistieron alrededor de mil participantes.*

*impulsadas desde la JOP, concretamente porque se propone socializar y difundir una concepción específica acerca del trabajo en el Estado asociada con valores tales como la «entrega», las «convicciones» y la «vocación de servicio», entre otros, sobre los que se hizo referencia anteriormente. Adquiere relevancia, en este sentido, la presencia de personas que participaron del evento en calidad de oradores y que son reconocidos en su doble condición de referentes de agrupaciones juveniles kirchneristas y de funcionarios. El ejemplo más ilustrativo de ello fue la participación en el acto de apertura del secretario general de La Cámpora, quien entonces se desempeñaba como subsecretario para la Reforma Institucional y Fortalecimiento de la Democracia de la Jefatura de Gabinete de Ministros. (VÁZQUEZ, 2014, p. 83)*

No seu discurso de abertura o secretário geral do *La Cámpora*, Andrés Larroque, faz refer ncia sobre a condi o de ativista e funcion rio e desta quando cita Néstor e Cristina Kirchner o seu papel político e militante na condu o da gestão pública.

*No hay técnicos o compañeros que est n en la gestión, por un lado, y militantes territoriales, por el otro, sino que somos una misma cosa: el compañero que está predicando y defendiendo el proyecto en el territorio de alguna manera está construyendo la correlación de fuerzas para que el que est  en la gestión después pueda, a través de la voluntad política de nuestra Presidenta y de quienes conducen el proyecto, tener la posibilidad de avanzar y realizar aquellas cosas que se pretenden para, repito, acrecentar la justicia social y por lo tanto acercarnos más a la felicidad del pueblo. Entonces creo... compañeros... con toda humildad, nunca me consideró, no soy, un técnico, siempre me consideró un militante y entiendo que ahí está, me parece, la raíz de todo. Néstor Kirchner era un militante, un gran conductor, un cuadro político excepcional, pero fundamentalmente un militante. La Presidenta es una militante y tiene una capacidad de gestión tremenda. Pero fundamentalmente la Presidenta es una militante<sup>60</sup>.(DISCURSO ANDRÉS LARROQUE, 2011)*

A atua o do movimento *La Cámpora*, desta maneira como j  evidenciado atua como o maior expoente militante do Kirchnerismo, desta maneira serve ao governo como um propagador dos pressupostos das políticas Kirchneristas, presente nos diversos setores do Estado.   ferramenta importante atualmente para a recondu o da Cristina Kirchner na disputa pela vaga no Senado Nacional e o retorno do projeto político de poder Kirchnerista. Em entrevista<sup>61</sup> realizada pela revista *La Cámpora*, Andrés Larroque secretário geral do *La*

<sup>60</sup> Discurso realizado por Andrés Larroque em 01/04/2011 no *Primer Encuentro Nacional de Jóvenes de la Gestión Pública*, realizado na cidade de Buenos Aires.

<sup>61</sup> A entrevista e o conteúdo dos trechos mencionados ao longo do texto estão disponíveis para consulta, na Revista *La Cámpora*, páginas 4 e 5, em: << [http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista\\_LaCampora00.pdf](http://www.lacampora.org/wp-content/revista/Revista_LaCampora00.pdf)>> Acesso. 11. Agosto. 2017.

*Cámpora*, quando questionado sobre qual é a tarefa do *La Cámpora* e da juventude Kirchnerista, responde:

*La tarea de hoy es recomponer un armado territorial profundo. Esto significa presencia en todo el país, ser un canal de comunicación entre la conducción y las bases. Y por supuesto, apuntar a un flerte trabajo en lo estudiantil en la universidad y en los secundarios, que es donde se forman, fundamentalmente, muchos cuadros que el país necesita. La tarea de La Cámpora es llevar organización a todos esos lugares y conectar las distintas experiencias. Debemos tener una mirada estratégica, que tiene como objetivo la recomposición del Movimiento Nacional. (DISCURSO ANDRÉS LARROQUE, 2011)*

A ampliação da presença do movimento *La Cámpora*, para que não se detenha somente nas regiões com maior densidade populacional do país toma corpo, como na entrevista Larroque deseja que o mesmo esteja presente em todo o país, criando assim uma maior facilidade de condução e amplitude das ações do movimento. Para exercer o projeto nacional e popular, segundo Larroque a principal batalha será no campo cultural.

*porque la contradicción entre un país para todos y uno para pocos, desde los comienzos de nuestra historia ha sido deformada por una superestructura cultural que ha perfeccionado sus herramientas y se ha servido de las derrotas del campo popular, para instalar una visión derrotista y fatalista de una Argentina que nunca podrá aspirar a ser un país desarrollado y equitativo. (DISCURSO ANDRÉS LARROQUE, 2011)*

Como uma maneira de alterar esta relação de desigualdade, tem como proposta:

*Ser los protagonistas de esa discusión, llevarla al territorio, a las universidades, a los secundarios, a todos lados. En este país se decía que la juventud y la política tenían que marchar por caminos distintos. En cambio, lo mejor que le puede pasar a la política es que la juventud participe, como también lo mejor que le ocurrió a la juventud fue recuperar la política. Estamos tratando de consolidar ese camino que signifique romper con el fatalismo derrotista de una política que se había arrodillado frente al mercado y que Néstor Kirchner y Cristina Fernández vinieron a transformar. (DISCURSO ANDRÉS LARROQUE, 2011)*

Neste sentido o movimento *La Cámpora*, tem uma articulação em diversas frentes sendo uma delas a revista, são abordados diversos tópicos, como: economia, política, educação, saúde, direitos humanos dentre outros, assim o direcionamento das matérias na revista dá a indicação de como é o comportamento político do movimento *La Cámpora*, na

Revista *Noticias de La Cámpora* N°0, em matéria sobre como se conduz, e qual o projeto nacional popular hoje, e como se dá a sua condução, enfatizam que:

*Es un proyecto que nace al calor de las luchas en los '90 contra el modelo neoliberal, que libra con dolor y con éxito la batalla final de diciembre de 2001, del que participan los desocupados, la clase trabajadora, los sectores médios progresistas y también los acorralados, los campesinos, fracciones del capital industrial y del agro, fracciones progresistas de la Iglesia, militantes peronistas, radicales, la izquierda, el nacionalismo y hasta liberales desencantados. La ofensiva última de la lógica de acumulación financiera por la disolución nacional fue desarticulada. (Revista Noticias de La Cámpora, 2008, N°0, p. 6)*

O “Projeto Nacional”, segundo o movimento *La Cámpora* tem um novo condutor, os Kirchners, e sua condução deve-se ao seu compromisso com o povo, assim:

*El Movimiento nacional renace en diciembre de 2001 y asume el Estado em mayo de 2003. Entonces sí, comienza a avanzar hacia la soberanía política (en el marco del Mercosur), la independencia económica (industrialización creciente) y justicia social (casi cuatro millones de nuevos empleos). En octubre de 2007, el modelo es plebiscitado y duplica su caudal electoral anterior. Cristina Fernández asume la nueva conducción del Estado y le toca asumir un desafío histórico, el boom del precio de los alimentos a nivel mundial y una disyuntiva de hierro: patria para pocos o Patria para todos. (Revista Noticias de La Cámpora, 2008, N°0, p. 6)*

A evocação deste movimento nacional e o seu resurgimento nos Kirchners vem da leitura de que são eles os novos expoentes das políticas que eram adotadas por Perón, ou seja, o renascimento de um novo movimento busca uma ligação com o peronismo clássico, mas que tem como fiel condutor de suas ações enquanto movimento político o projeto kirchnerista de poder, que olha para estes jovens, como um meio para ampliar a sua força e renovação política. Como lema “*La Fuerza de la juventud, la Fuerza de un pueblo*”, como forma de manter esta unidade o movimento realiza convenções nas províncias para articular a forma de atuação do movimento. O responsável político do *La Cámpora* da província de Buenos Aires, Jorge “*el Loco*” Romero, em matéria da publicada na Revista *La Cámpora* N° 02, afirma que:

*“Tenemos que tomar dimensión de lo que hoy es La Cámpora, y amoldarnos a los tiempos históricos que vivimos con compromiso, organización y unidad. El objetivo es que el pueblo se sienta identificado con nuestra manera de construir política, haciendo que la justicia social llegue a nuestros barrios.” Para cumplir con este objetivo de la mejor*

*manera posible se propuso un esquema de trabajo de instancias orgánicas, que dinamiza la construcción política de los compañeros que trabajan diariamente en todos los barrios de la Provincia. (Revista Noticias de La Cámpora, 2009, N 2, p. 18)*

O movimento se insere conforme indica a fala de Jorge Romero<sup>62</sup>, como um meio de identifica o entre o povo e suas políticas, com um caráter populista.   na presença nos bairros – especialmente os bairros operários – que o movimento *La Cámpora* se faz mais presente, na mesma matéria publicada na Revista *Noticias de La Cámpora*, o Secretário Geral Andrés Larroque aponta que enfatiza o esforço dos jovens que trabalham para o movimento e que mudam a realidade de seus bairros, e que o “Projeto Nacional” está relacionado com o peronismo histórico e afirma que se faz fundamental que o movimento continue com a sua organiza o política para seguir lutando pela liberta o da pátria. De tal maneira que   necessário definir os eixos das linhas de trabalho militante no nível nacional, e atender as demandas e as realidades de cada local e representa o. A apresenta o dos eixos, segundo a Revista, está disposta em dois pontos principais:

*El primero, sobre cómo debe implementarse el trabajo con acciones unificadas en todas las provincias de cara al 2011. El segundo, sobre la participación de la juventud en las políticas de gobierno: militar la reforma política, la asignación universal por hijo, capacitación y formación de cuadros. (Revista Noticias de La Cámpora, 2009, N 2, p. 19)*

As a es tomadas em conjunto pelo movimento propõem estabelecer a unifica o na ado o de políticas, manter a juventude participante das políticas do governo, como um fomentador de opinião acerca dos temas que são debatidos a nível nacional, estabelecer a forma o de quadros políticos, que d  corpo e legitimidade constitucional quando os membros do movimento *La Cámpora* conseguem se inserir nos espaços políticos – municipais, estaduais e nacionais – dando voz e colocando em prática o projeto nacional, os eixos definidos pelos representantes da organiza o s o divididos em tr s frentes de atua o:

*1) militancia territorial: se hizo hincapi  en la demanda de capacitación y formación con programas relacionados con temas de educación, deportes y políticas juveniles; 2) gestión para la formulación de proyectos para acceder a distintas herramientas del Estad y poder articular de manera más efectiva las demandas del territorio; y 3)*

---

<sup>62</sup> Entrevista de Jorge Romero para a Revista *La Cámpora*, disponível em: <<[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora02.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora02.pdf) >> Acesso. 15. Agosto. 2017



*comunicación, entendida como herramienta fundamental para desarrollar y difundir las acciones de gestión y militancia territorial.*  
(Revista *La Cámpora*, 2009, N°2, p. 19)

O movimento marca sua presença principalmente na periferia onde mora a imensa maioria dos trabalhadores. Em acidentes naturais, por exemplo: como inundações conforme matéria do Infocielo<sup>63</sup>, diante de uma inundação que ocorreu na cidade de La Emilia, o movimento reuniu cerca de 500 integrantes para prestar auxílio aos moradores, estas ações estão presentes em todas as representações do *La Cámpora* pelo país, conforme já foi indicado, é o modo de aproximar o povo de seus ideais criando base e militância, destaca-se assim a postura assistencialista, com uma política que não realiza a transformação estrutural desta condição de pobreza, o lumpemproletariado conforme Braga (2017). O mesmo modelo adotado pelo *La Cámpora* desde sua formação e quando da sua forte presença no governo de Cristina Kirchner, tem reflexo nas políticas atuais do governo de Mauricio Macri, com a Juventud Macrista, a organização “*Acá estamos*” faz parte da Subsecretaría Nacional de Gobierno no âmbito do Ministerio de Desarrollo Social, que conforme matéria do *La Nacion*<sup>64</sup> possui 250 empregados que atuam nas zonas mais vulneráveis de Buenos Aires, zonas que segundo o jornal são as zonas mais desfavoráveis para o governo quando se mede a intenção eleitoral.

A ida da juventude Macrista para estas regiões gerou críticas da Cristina Kirchner, que por sua vez foram rebatidas pelo “*Acá estamos*”, no sentido de que no governo Macri ocorre a identificação como um movimento/ação do governo (assume-se assim que são contratados, ou seja, recebem por isso), o que não era evidenciado e/ou mascarado durante o governo da Cristina como sendo o *La Cámpora* (embora de base Kirchnerista) como um movimento que realizava ações sem o aparato estatal.

A relação militante do movimento *La Cámpora* e o Estado – Kirchners – é profunda e tem no governo de Cristina Kirchner o maior contingente dentro de funções de direção no governo, a inclusão dos membros no poder vem no sentido de garantir a renovação dos quadros da juventude que mantém os ideais Kirchneristas.

---

<sup>63</sup> Matéria Infocielo – *La Cámpora* movilizo 500 militantes para ajudar en La Emilia y Carriño paso por San Nicolas a rezar. Disponível em: >>[http://infocielo.com/nota/76656/la\\_campora\\_movilizo\\_500\\_militantes\\_para\\_ayudar\\_en\\_la\\_emilia\\_y\\_carriño\\_paso\\_por\\_san\\_nicolas\\_a\\_rezar](http://infocielo.com/nota/76656/la_campora_movilizo_500_militantes_para_ayudar_en_la_emilia_y_carriño_paso_por_san_nicolas_a_rezar)<<, Acesso. 19. Agosto. 2017.

<sup>64</sup>Matéria *La Nacion* - Piter Robledo le respondió a Cristina Kirchner por sus críticas a la "militancia rentada". Disponível em:>> <http://www.lanacion.com.ar/1986604-peter-robledo-le-respondio-a-cristina-kirchner-por-sus-criticas-a-la-militancia-rentada><<, Acesso. 19. Agosto. 2017.

*La Presidenta manifiesta tener una intención de foguear a los jóvenes y no tan jóvenes (la edad aproximada de estos funcionarios es entre 25 y 42 años aproximadamente) em el ejercicio diario de la política ejecutiva y legislativa, tanto a nivel nacional como provincial o municipal. Además, como señalamos precedentemente, la intención es avanzar em un recambio generacional dentro de una tradicionalmente anquilosada burocracia gubernamental. (DELLA ROCCA, 2014, p. 76)*

A presença do movimento *La Cámpora* dentro governo, se amplia e sua atuação parlamentar de 2011 a 2013, contava com um número de 9 deputados, todos pertencentes ao bloco do Frente para la Victoria

*Conducido por el Secretario General de la agrupación, Andrés Larroque (diputado por la Cidade de Buenos Aires), lo acompañan además Eduardo De Pedro (Provincia de Buenos Aires), Mayra Mendoza (Provincia de Buenos Aires), María Luz Alonso (Provincia de La Pampa), Anabel Fernand z Sagasti (Provincia de Mendoza), Horacio Pitragalla Corti (Provincia de Buenos Aires), Marcos Cleri (Provincia de Santa Fe), Marcelo Santillán (Provincia de Tucumán) y Andrés Arregui (Provincia de Buenos Aires). A los miembros de La Cámpora normalmente los acompañan em sus decisiones los diputados María Eugenia Zamarreño (Provincia de Buenos Aires), perteneciente al sector que lidera el Ministro de Interior y Transporte Florencio Randazzo, y Leonardo Grosso (Provincia de Buenos Aires). (DELLA ROCCA, 2014, p. 79)*

Mesmo que o número n  seja expressivo, demonstra que o movimento *La Cámpora* possui potencial político, pois, pouco mais de sete anos após sua formação o movimento já se constituía como um dos maiores da Argentina. Cabe também evidenciar que a relação carnal (parafraseando Domingos Cavallo, quando explicava a relação da Argentina com os Estados Unidos) que o Kirchnerismo foi o grande trampolim para elevar o movimento ao nível de mobilização que possui atualmente. O *La Cámpora*, movimento que   constituído dentro do governo Kirchner, se revela a militância Kirchnerista com a atuação em diversas frentes, trabalha desta forma para viabilizar o projeto de poder Kirchnerista, de modo que a articulação dos Kirchners enquanto uma hegemonia dominante atua com as suas forças para manter o *La Cámpora* como o seu mais forte aliado e dentro das diversas esferas do Estado.

### **3. LA CÁMPORA EM DEFESA DE UM PROJETO DE PODER, BRAÇO APASSIVADOR DO KIRCHNERISMO**

Neste último capítulo, a respeito das ações do movimento *La Cámpora*, principalmente enquanto militantes dos Kirchners, procuramos demonstrar com enfoque na Revista “*Noticias de La Cámpora*”, como o movimento se apresenta, qual o projeto político, e o que entendem por política. Neste sentido ao analisarmos a Revista procuramos delinear quais os contornos entre o *La Cámpora* e a defesa de uma agenda política.

Desta maneira, o presente capítulo está dividido em três partes: 3.1 *La Cámpora*: projeto editorial e a defesa de uma agenda política; 3.2 *Noticias de La Cámpora*: o debate norteado; 3.3 *La Cámpora* como agente apassivador.

Na parte 3.1 nos atemos a demonstrar a atuação política do movimento *La Cámpora*, o que defendem, qual projeto político que apoiam. Deste modo, a análise da Revista *Noticia de La Cámpora*, foi material profícuo da pesquisa e para obtenção de respostas.

Na parte 3.2 nos atemos em demonstrar o papel das Revistas “*Noticias de La Cámpora*”, em que pese o conjunto de diversos temas, optamos por demonstrar à dimensão da política interna, e à dimensão da política externa, pois para além de demonstrar em seus editoriais a linha política que segue, é também elaborada por um conjunto de artigos que trazem em perspectiva o posicionamento do *La Cámpora* em diversos temas que revelam a sua orientação, ideologia, objetivos e interesses.

Por fim, na parte 3.3 procuramos apresentar o movimento *La Cámpora*, enquanto um agente apassivador, neste sentido buscamos evidenciar as características do modo de atuação do Movimento, e como se dá e desenvolve principalmente nos bairros da periferia o processo de cooptação.

#### **3.1 *La Cámpora*: projeto editorial e a defesa de uma agenda política**

Os Kirchners efetuaram diferentes alianças para manter-se no poder exemplificadas no mapa político abaixo, que traduz o papel do *La Cámpora* enquanto um movimento que se articula na defesa do governo. A rede criada em torno do Movimento Nacional é um importante dado para observar a heterogeneidade das articulações.



*La Cámpora realiza una utilización efectiva de las redes sociales en términos de la autocomunicación de las masas. Siendo que su trabajo social es invisibilizado en general en los medios de comunicación, las redes sociales (su facebook, su twitter) son una herramienta fundamental para comunicarse entre los miembros de la organización. La multitud de militantes que se acercó a la ayuda a la ciudad de La Plata durante las tragedias inundaciones mostró esa organización instantánea a través de las redes sociales para hacer más rápida y efectiva la convocatoria a los centros operativos de ayuda. También miembros de la agrupación participan efectivamente con comentarios en diversos blogs y portales de noticias de la web. Esta es también una fuente importante para participar en la batalla comunicacional por el sentido de las informaciones que se libra día a día en toda la cadena comunicativa que incide sobre la subjetividad de la población. (DELLA ROCCA, 2013, p. 65)*

A mobilização exercida pelo Movimento *La Cámpora* utiliza as redes sociais como o seu maior difusor de conteúdo, e é através destas ferramentas de comunicação em massa, a saber: *Facebook*, *Twitter*, *Youtube* e a página [www.lacampora.org](http://www.lacampora.org) que o Movimento dá voz às suas concepções acerca da visão política e a defesa do Projeto Nacional Popular, sendo que o *site* do Movimento *La Cámpora* é a ferramenta que congrega o maior conjunto de publicações que alimentam as outras redes sociais citadas, cabe destaque dentro das publicações do *site* a produção da Revista “*Noticias de La Cámpora*”, que se configura como um item fundamental para a pesquisa, de maneira que nos forneceu dados para identificar qual a interpretação do papel da política para o *La Cámpora*.

A Revista “*Noticias de La Cámpora*” possui distribuição gratuita, com publicação no *site* do Movimento, e disponível para *download*, contudo, não há informações referente a distribuição, tiragem ou números de *download*. A Revista foi publicada pela primeira vez no ano de 2008 e sua última edição em 2014, com uma periodicidade semestral, sendo que ao longo destes seis anos foram produzidas 12 revistas. Em relação ao corpo editorial da Revista, no conjunto das pessoas que foi possível identificar, colaboraram no total das Revistas 113 pessoas, no entanto, foi possível identificar que 2 pessoas trabalharam em

todas as Revistas, Gianne Buonno<sup>66</sup> e Rafael Graves<sup>67</sup>, em 11 Revistas Franco Vitale<sup>68</sup> e Santiago Álvarez<sup>69</sup>, em 8 Revistas Valeria di Croce<sup>70</sup>, em 7 Revistas Antonio Marioni<sup>71</sup>, Diego Paladino<sup>72</sup> e Leandro Selén, e em 6 Revistas Bernabé Rivarola, Virginia Garcia<sup>73</sup> e Martín Hernández<sup>74</sup>, todavia, embora tenha sido feito uma pesquisa no sentido de identificar o perfil desses colaboradores do corpo editorial não foi possível identificar o conjunto das pessoas.

As edições da Revista “*Noticias La Cámpora*” estão publicadas na seguinte ordem: ***Noticias La Cámpora n°00*** – *La Juventud se organiza*; ***Noticias La Cámpora n°01*** – *Elecciones del 28 de Junio de 2009*; ***Noticias La Cámpora n°02*** – *Ley de medios de la democracia*; ***Noticias La Cámpora n°03*** – *200 años bicentenario argentino*; ***Noticias La Cámpora n°04*** – *Materias de periódico sobre La Cámpora*; ***Noticias La Cámpora n°05*** – *Quiero que ganes de vulta*; ***Homenaje de La Cámpora*** – *Edición especial homenaje a Néstor Kirchner*; ***Noticias La Cámpora n°06*** – *Memoria y alegría*; ***Noticias La Cámpora n°07*** – *Por todos lados*; ***Noticias La Cámpora n°08*** – *La déKada ganada 25 de Mayo 2003-2013*; ***Noticias La Cámpora n°09*** – *Elegir seguir haciendo*; ***Noticias La Cámpora n°10*** – *Malvinas Patria si colonia no*.

As publicações da Revista “*Noticias de La Cámpora*” exercem um papel fundamental dentro do projeto de comunicação desenvolvido pelo Movimento, reúnem em

---

<sup>66</sup> Gianni Buonno, participou das 12 edições da Revista *Noticias de La Cámpora*, sendo desta forma um dos nomes mais importantes dentro do Movimento, começou a sua militância ainda jovem quando era estudante do *Colegio Nacional Buenos Aires*, lá ela decide focar a sua atividade política na *Villa 20 de Lugano*, um dos bairros mais pobres de Buenos Aires, se organizam junto a outros estudantes, entre eles Andrés Larroque, e formam o *Grupo de Educación Popular (GEP)*.

<sup>67</sup> Militante e ex-secretário de comunicação do *La Cámpora*.

<sup>68</sup> Militante, atuou como Director de Fortalecimiento de la Democracia, Secretário de Políticas socioculturais do *La Cámpora*, e no governo de Cristina Kirchner atuou como Secretário de cultura no *Ministerio de Cultura*.

<sup>69</sup> Militante e atuou como gerente de notícias do *Canal Siete*, e diretor do *Suplemento juvenil del diario, Miradas del Sur*.

<sup>70</sup> Militante, atua como diretora da *Agencia Cadena del Sur*.

<sup>71</sup> Militante, começou a sua militância ainda jovem quando era estudante do *Colegio Nacional Buenos Aires*, junto a outros estudantes, entre eles Andrés Larroque e Gianni Buonno, formam o *Grupo de Educación Popular (GEP)*.

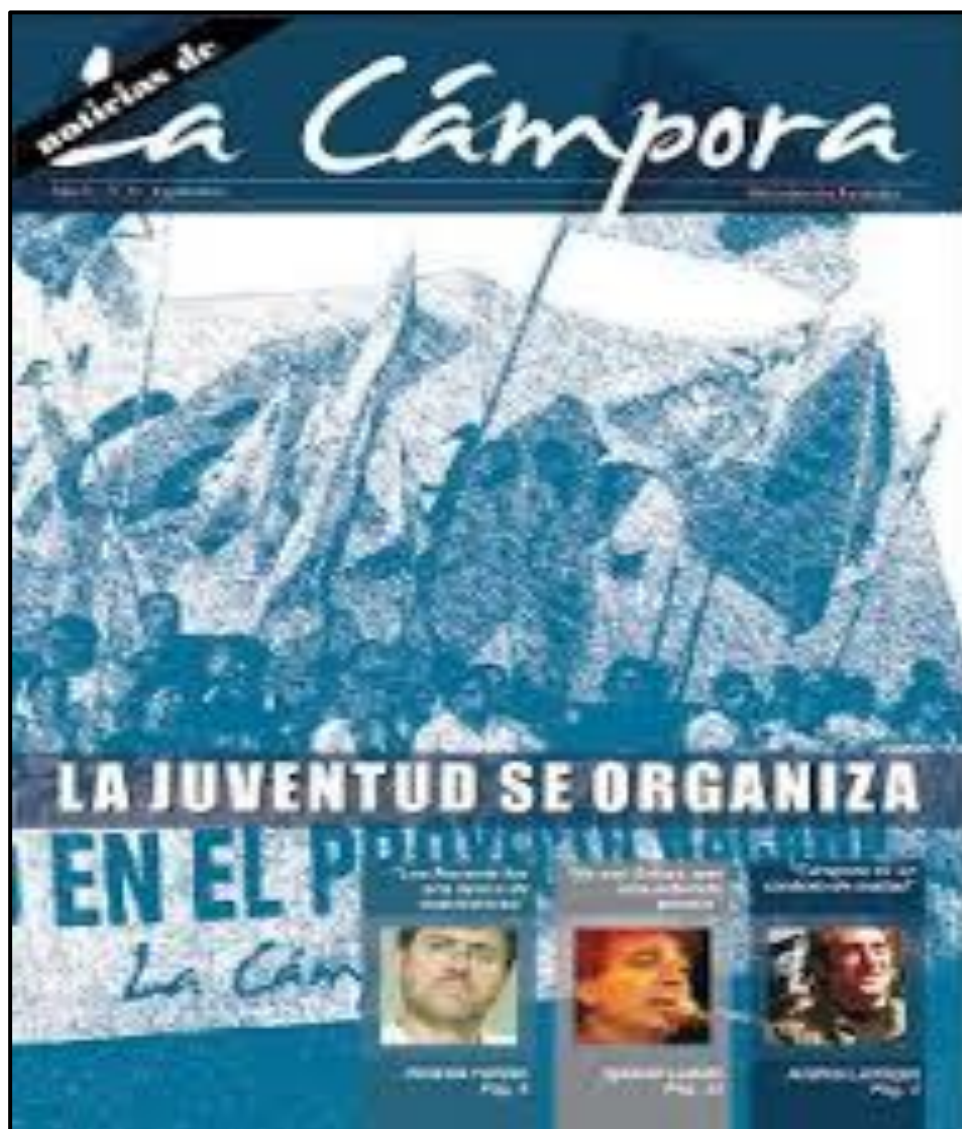
<sup>72</sup> Militante, atuava como desenhista para nas edições da Revista *Noticias La Cámpora*, atualmente exerce o mesmo papel na Revista *Ni. a Palos*.

<sup>73</sup> Militante, assume o senado no lugar de depois que Pablo González deixou o posto para assumir como vice-governador de Santa Cruz.

<sup>74</sup> Martín Hernández, editor responsável da Revista *Noticias La Cámpora n°00 – La Juventud se organiza*, que é nomeado em 2011 como presidente do conselho de diretores do canal TV LU85 9, amigo de Máximo Kirchner foi encarregado de administrar a campanha de divulgação dos candidatos à *Frente Para la Victoria* em Santa Cruz durante a campanha de Alicia para o governo onde foi responsável por estabelecer o relacionamento com a mídia e estabelecer a política de comunicação do governo na Subsecretaria de Informação Pública da Província de Santa Cruz no ano de 2015, cabe ressaltar que nas demais edições da Revista *Noticias de La Cámpora*, o campo editor responsável fica em branco.

cada edição um conjunto de editoriais, artigos e entrevistas que consiste em um material profícuo e relevante para que possamos melhor compreender a atuação e o que entendem por política. Passaremos, portanto, a apresentar cada uma das Revistas com o objetivo de melhor demonstrar o projeto editorial do Movimento *La Cámpora* que mencionamos como instrumento de difusão e consolidação da agenda política.

**Figura 5** - Noticias *La Cámpora* nº00 – *La Juventud se organiza*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora00.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora00.pdf)>.  
Acesso: 20 Abril. 2018.

O editorial é crítico aos que fizeram parte do processo ditatorial e às democracias silenciosas<sup>75</sup>, que por serem contra ao projeto de governo defendido pelo *La Cámpora* não suportam as mudanças. Sugere que o país vem de uma cultura antipolítica em que a definem como um modelo criado com o fim de eliminar as manifestações políticas, silenciar a voz dos contrários ao golpe, junto de um aparato do Estado que se mobiliza com diversos setores da sociedade para minar manifestações e criar um consenso em torno das políticas adotadas, são estes fatores que segundo o editorial corroboraram para o Golpe, que se alterou com a troca política onde foi possível recuperar a política e efetuar mudanças sem ter que se amedrontar com os discursos midiáticos apocalípticos.

O Movimento, afirma que um dos fatores mais importantes nos últimos tempos, desde de o fim da ditadura, foi a vitória eleitoral em 25 maio de 2003 – Néstor Kirchner – que causa preocupação e desorientação nos “*demócratas silenciosos*”<sup>76</sup>, pois, segundo o *La Cámpora*, o projeto Kirchnerista coloca a política no seu devido lugar, com uma atuação que é direcionada para intensificar e desenvolver uma alteração socioeconômica, ampliação e reconhecimento dos direitos humanos, argumentos utilizados para enfatizar o quão importante são as políticas econômicas-sociais do governo Kirchner.

Na continuidade da defesa do governo Kirchner, o editorial faz um resgate ao passado ao se referir à época – Perón – em que as dificuldades que se enfrenta hoje não são novas, e que somente os governos populares passam por isso, de tal modo que se sabe o quanto é árduo e custoso este direcionamento político, portanto, conforme o editorial, é necessário que os jovens atuem na militância, na defesa de suas ideias com o fim de aprender e garantir um país mais equitativo, onde é preciso fazer-se ser ouvido, maneira pela qual o Movimento se amplia e ganha poder para ajudar os vizinhos a se organizarem e construírem uma Argentina inclusiva.

Como parte do poder que se constitui em torno do projeto de poder Kirchnerista e, portanto, tem a sua dimensão ampliada nas ações do *La Cámpora*, a utilização pelo movimento de mecanismos que possibilitam que possam ser ouvidos, tornam-se a principal ferramenta, o uso da palavra é imprescindível, porém, pode assumir diferentes contornos, segundo Alejandro Katz (2013) a utilização da palavra tem como propósito principal

---

<sup>75</sup> A menção à Democracias Silenciosas, se refere principalmente aos Estados Unidos que forma beneficiários e apoiadores das diversas ditaduras que ocorram na América Latina, conforme o *La Cámpora* “*Cuando los Pueblos atraviesan cambios verdaderamente profundos, comienza a vislumbrarse una de las grandes ironías de la historia: la resistencia que generan los eternos beneficiarios de las dictaduras asesinas y las democracias silenciosas.* (Revista Noticias de *La Cámpora*, 2008, p. 03)

<sup>76</sup> Refere-se aos defensores da ditadura, e de um projeto de governo, que segundo o Movimento não é alinhado como políticas inclusivas, igualitárias, ou seja, difere, portanto, do Kirchnerismo.



estabelecer o diálogo, possibilitando desta maneira que a sociedade possa discutir e aprender os limites entre o público e o privado, construindo uma ação democrática que é resultado da deliberação pública, contudo, o que o Movimento *La Cámpora* reitera como o retorno da democracia, onde principalmente os jovens voltam a ter espaço e voz na política, não se configura nas ações dos governos Kirchners, a palavra assume o caráter impositivo onde não se tem um diálogo.

*Al Kirchnerismo le repugna la idea de una palabra que circule. Lo expresa en el modo que emplea la palabra y en el modo en el que la silencia. Modos de silenciarla: no concibe la posibilidad de que haya una palabra común en reuniones en las que los ministros deberían debatir sobre los asuntos públicos; ha rechazado los encuentros con la prensa: si no hay preguntas es porque tampoco hay respuestas que ofrecer; ha corrompido el funcionamiento del Palamento, donde la discusión, cuando la hay; no tiene por objeto deliberar para establecer acuerdos sino simplemente dejar un registro de las posiciones respecto de cuestiones que ya están resueltas. Lo expresa em el modo en que utiliza la palabra haciendo que los medios de comunicación transmitan lo mismo simultaneamente a todos; utilizando las redes sociales para revelar sus opiniones sobre cualquier asunto; también en la dinámica de la relación con su líder, a quien, se disse, <<no se la habla, se la escucha>>. (KATZ, 2013, p. 88-89)*

Comprendemos que não é possível condicionar a ideia de que com a entrada de Néstor Kirchner no poder – conforme afirma o Movimento *La Cámpora* – a presença de um engajamento político, sombra que atribuem dos governos anteriores, deixa de existir. Como o próprio Movimento coloca, o término deste engajamento político abre espaço para que se possa por em evidência a voz militante, que por sua vez, poderia ser empregado por qualquer pessoa que deseja se expressar politicamente, condição que segundo Katz (2013) não encontra nos governos Kirchners este diálogo, pois, o que se pode observar é a alteração de percepção e de conjuntura política, visto que os jovens do *La Cámpora*, militantes Kirchneristas só possuem a palavra pois participam do mesmo projeto de poder.

Este mesmo direcionamento da palavra que é dada, mas que é direcionada é mantida ao longo das Revistas e das entrevistas realizadas nesta e nas demais edições. No conjunto das entrevistas realizadas nesta edição, a saber: Andrés Larroque – Secretário geral do *La Cámpora* – “*Lo mejor que lo pasó a la juventud fue recuperar la política*”; Ricardo Forster – Sociólogo, fundador de *Carta Abierta* – “*El papel de la corporación mediática es naturalizar el modelo neoliberal*”; Javier Roitman – Militante, Santiago del Estero – “*Algunos, lamentablemente, no han sabido comprender el proyecto*”; José Amorín – Militante histórico del Campo Popular – “*El populismo es un sistema que apunta a la*

*justicia social*”; Ignacio Copani – Artista popular – “*Es un tiempo fundacional*”, é possível traçar este panorama.

Ao longo das entrevistas é possível destacar que o Movimento *La Cámpora* tem como preocupação evidenciar a militância, meios de comunicação e o Kirchnerismo, visto que dentre os entrevistados está o Secretário Geral do *La Cámpora* Andrés Larroque, que abre o conjunto de entrevistas apresentando o movimento e indicando as direções que os militantes devem seguir, no que se refere as demais entrevistas elabora-se uma pauta que dá argumentos para que os leitores – grande maioria, membros do *La Cámpora* – construam o discurso de uma Argentina antes Kirchner e depois Kirchner, ou seja, ativar na memória não só dos militantes, mas principalmente naqueles aos quais o Movimento assiste – povo – a ideia de um passado triste e o hoje alegre.

Este resgate do passado e presente constitui-se como uma marca do Movimento *La Cámpora*, desde o resgate dos anos setenta, em que muitos dos militantes do *La Cámpora* reclamam os acontecimentos ocorridos durante o período da ditadura na Argentina, como o “sumiço” de seus pais, como também utilizam ao seu favor, como uma forma de aprofundar o caráter comparativo das tristezas e alegrias. Segundo Katz (2013), este caráter comparativo é posto em evidência quando “*jóvenes funcionarios del Gobierno*” – *La Cámpora* – publicam uma foto de seus pais tirada nos anos setenta em que reproduzem, colocando-se assim uma “*tarjeta de identidad de quienes son hijos de víctimas de la represión de la dictadura*”, que segundo autor criam uma melancolia, narcisista pelo “objeto” perdido. O Movimento como um braço do Kirchnerismo que atua com uma política oficial da memória.

*La política oficial de la memoria, como la misma política oficial, es un duelo inconcluso que impede seguir adelante. Bajo el Kirchnerismo, la Argentina entró en el imperio del duelo: las negras vestimentas de unos y la repetición interminables de los otros, todos ellos anclados en distintos momentos del pasado, con los cuales establecen una relación mimética: el mismo sitio, idéntica foto, iguales ideales. Pasados que la conciencia histórica intenta infructuosamente poner en crisis, pero que permanecen congelados en su ser mitificado. (KATZ, 2013, p. 139)*

As políticas do *La Cámpora*, em que pese o reforço e ampliação da militância, o ataque/crítica aos meios de comunicação e a defesa do projeto de poder Kirchnerista, tem como pano de fundo o processo comparativo, conta principalmente com a utilização do

apelo emocional – tristeza e alegria – sentimentos utilizados de forma política, é a construção de uma pauta que direciona e trabalha pela comoção.

Portanto, compreendo que o editorial e as entrevistas realizadas nesta edição que abre para a demais publicações buscam demonstrar o Movimento e principalmente traçar qual é o papel a ser exercido dentro da política argentina, a delimitação do espaço e o posicionamento político são os fatores pelos quais o *La Cámpora* compreende como umas das serem ouvidas, de se despregar da cultura antipolítica e se apegar ao projeto de poder dos Kirchners.

**Figura 6** - Noticias *La Cámpora* n 01 – Elecciones del 28 de Junio de 2009

The image shows the front page of the newspaper 'La Cámpora'. At the top, the masthead reads 'noticias de La Cámpora' in a stylized font. Below this, the date 'ELECCIONES DEL 28 DE JUNIO DE 2009' is printed. The main headline is 'NUESTRO CANDIDATO ES EL PROYECTO 2009', with '2009' in a large, bold font. Below the headline, the title '1  PROYECTO NACIONAL' is prominently displayed. The page lists several policy proposals under different categories:

- TRABAJO:** Aumento del salario mínimo de \$300 a \$ 1.240, reducción del desempleo del 21% al 2%, derogación de la Ley BERNICCI y de la 'Ley de la Traba de Maquinae'.
- EDUCACIÓN:** Ley de financiamiento educativo, aumento del presupuesto del 1,2% al 6%, del FOL Construcción de 700 nuevas escuelas, y asignación de miles de becas.
- INCLUSIÓN SOCIAL:** Diminución de la pobreza del 53% al 17%, y de la indigencia del 20% al 2%. Construcción de 400.000 nuevas viviendas. Ampliación de red de cloacas y agua potable.
- SEGURIDAD SOCIAL:** 15 aumentos en las jubilaciones, ley de movilidad jubilatoria otorgando 1 aumento anual, y generación de 1.000.000 nuevos jubilados. Eliminación del sistema previsional de capitalización (AFAP) y creación del Sistema Integrado Previsional Argentino (SIPA).
- SAÚDE:** Sancionamiento del PMAE, y promulgación de ley de genéricos. Fortalecimiento de la atención primaria y disminución de la mortalidad infantil.

Fonte: <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora01.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora01.pdf)>.

Acesso. 20. Abril. 2018

O editorial que tem como título: *No tenemos un canal, tenemos un Proyecto* enfatiza que a as eleições de 28 de junho são muito importantes, pois o país vive um momento especial, porém, adverte que o crescimento obtido “*milagro político*” a partir de 2003 até o momento não será constante devido às conjunturas internacionais, portanto, diante deste cenário é necessário definir qual será a atuação frente às urnas, ou seja, quem não continuar apoiando o projeto pode colocar o “*traje de traidores a la Patria*”. Este posicionamento firme em relação a escolha dos militantes, vem no contexto da crise de 2008, em que afirmam que esta crise internacional do capitalismo liberal não é mais que uma continuidade de uma versão dos anos 1990, algo que os argentinos já conhecem bem, mas que cessa em 2001, porém, devido a atual conjuntura do capitalismo internacional, pode ser necessário que se tomem medidas para frear ou alterar as regras do jogo, ou seja, é uma projeção das ações que o governo terá que tomar caso seja reeleito, pois conforme já apontamos nos capítulos anteriores o neoliberalismo na Argentina não cessa com a entrada dos Kirchner no poder, pelo contrário, há uma continuidade.

Segundo o editorial as políticas Kirchneristas, assim como as verdades do peronismo<sup>77</sup>, não são aceitas pelos opositores, e que não há a compreensão de que o projeto Kirchner nestes últimos 6 anos tenha recuperando os 30 anos anteriores ao golpe genocida e entreguista de 1976, ou seja, para o *La Cámpora* é justamente as alterações promovidas pelos Kirchners que o colocam em uma posição privilegiada frente a hecatombe internacional, portanto, a continuação do projeto garantiria uma posição privilegiada frente a crise de 2008. O editorial chama a atenção para a mídia, acusando-a de apoiar um projeto fora da realidade, que se mantém somente no campo ideológico, que por este motivo não tem solidez.

Afirma que nestas eleições estarão em disputa dois projetos históricos: um que defende “*la defensa del trabajo y la producción, la integración de todos los argentinos, la unidad latinoamericana, em definitiva el modelo que busca la felicidad del pueblo y la grandeza de la Nación*” e o outro “*el modelo de lo individual, de la exclusión, del fatalismo*”

---

<sup>77</sup> O peronismo representou em termos de identidade, solidariedade e ideologia, um novo espaço dentro do contexto político da Argentina, sendo capaz de permitir e introduzir os trabalhadores no processo político institucional (legisladores, ministros, governadores, etc.). Tem em sua estrutura o desafio criar uma organização que contenha a diversidade social e política reconhecendo suas diferenças, em uma organização dívida por setores: a política, a sindical e a feminina; diante destes fatores é peça fundamental na política Argentina. A ideologia dominante peronista de acordo com a sua doutrina (PERÓN; MENEM, 1973) nos seus princípios fundamentais, é composta por um conjunto de princípios, que orientam a condução da nação Argentina rumo as políticas que evidenciem um projeto nacional. Apresento em detalhes, de forma mais ampla a Doutrina peronista. Disponível em: << <http://www.peronistakirchnerista.com/>>> Acesso. 22. Abril. 2018.

*de mercado, de la Argentina triste y al borde de la disolución que ya conocimos.*” Finaliza que em defesa do que está posto e tendo em vista as ofensas do “*avieso gorila rural*” para com a Evita, devemos votar pelo modelo de país atual representado por Néstor e Cristina que é votar por Péron, Evita ...Tío Cámpora...e cita outros. O editorial conduz à política da memória, do projeto opositor como o mau e o projeto Kirchnerista o bom, mantém a ideia de tristeza e alegria.

A entrevista nesta edição é com o Dante Gullo – *Sin juventud y sin trabajadores es muy difícil que haya un peronismo fortalecido*, que segundo a revista é um dos referencias mais importantes da *Juventud Peronista* durante os anos 70, e que é responsável pela campanha “*Luche e vuelve*” que culmina com o retorno do General Péron em 17/11/72 após 18 anos de exílio. Na entrevista se apresenta questionamentos que vão de encontro com a proposta do editorial, em que o foco se mantém na construção do “*Proyecto*”, o que neste caso, devido ao contexto eleitoral é amplamente difundido, cabe ressaltar que nestas eleições Néstor Kirchner não opta para a reeleição, e elege a Cristina Kirchner para a disputa eleitoral, portanto diante destes fatores, crise de 2008 e escolha da Cristina para a disputa eleitoral, é necessário construir um consenso em torno do “*Proyecto*” e reafirmar que a sua continuação se mantém mesmo com a alteração do quadro político.

A Revista “*Noticias de La Cámpora*”, tanto em seu editorial como na entrevista com Dante Gullo procura demonstrar aos seus militantes a importância da defesa do “*Proyecto*”, que coloca como necessário compreender que o seu papel é construir a semelhança do peronismo, em que apontam como um modelo que proporcionou um país igualitário, sociedade livre, independente das pressões das grandes potências internacionais, com justiça social e soberania política, são estes fatores segundo o Movimento que nortearão as políticas dos Kirchner, com bem ressalta o título e o direcionamento da entrevista, é necessário manter os jovens e trabalhadores fortalecidos para que o “*Proyecto*” continue, com os ideais do peronismo e com os Kirchners no poder.

**Figura 7 - Noticias La Cámpora n 02 – Ley de medios de la democracia**



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora02.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora02.pdf)>. Acesso. 20. Abril. 2018

O editorial com o título: 199, em referência a contagem para o Bicentenário Argentino, faz um retrospecto sobre a democracia, que se encontra em um momento crucial, pois, dos quase 200 anos de Pátria somente os últimos 26 anos correspondem a um período democrático sem interrup es. De modo que em 2009 segundo o Movimento o que se busca na Argentina   uma democracia que não se submeta a condicionamentos aos aspectos formais do republicanismo, mas que se comprometa com o futuro dos homens e mulheres do país, em que se busca um,

*Compromiso [que] se expresa en la distribución del ingreso y en la distribución de la palabra, dos ejes centrales que definen el rumbo del proyecto político que sac  al país del infierno y hoy lucha, contra*

*infinidad de intereses, por mejorar la calidad de vida de los argentinos y la salud de nuestra democracia. (Revista Noticias de La Cámpora n°02, 2009, p. 03)*

Ao mencionar a posição contra os infinitos interesses, o editorial faz a crítica aos meios de comunicações que possuem um passado em que mantinha fortes vínculos com os governos ditatoriais que lhe forneceram subsídios, condição este que com o fim da ditadura, garantiu que saíssem fortalecidos. Portanto, segundo o Movimento diante do silenciamento midiático nos dias atuais, se faz importante a “*Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual*”, que foi combatida fortemente pelos meios de comunicações, ação esta que não ocorreu com outras pautas defendidas pelo governo. Afirmam novamente que os meios de comunicação se beneficiaram com a ditadura, assim, contribuía para o cerceamento das informações e discussões, ação esta que não tem espaço neste governo, segundo o editorial, pois o governo Kirchner atua no sentido de possibilitar a discussão, a democracia e os direitos dos cidadãos, algo que não ocorria na democracia condicionada. Diante deste panorama é necessário permanecer militante para enfrentar a nova *Unión Transitoria de Empresas – UTE*<sup>78</sup>.

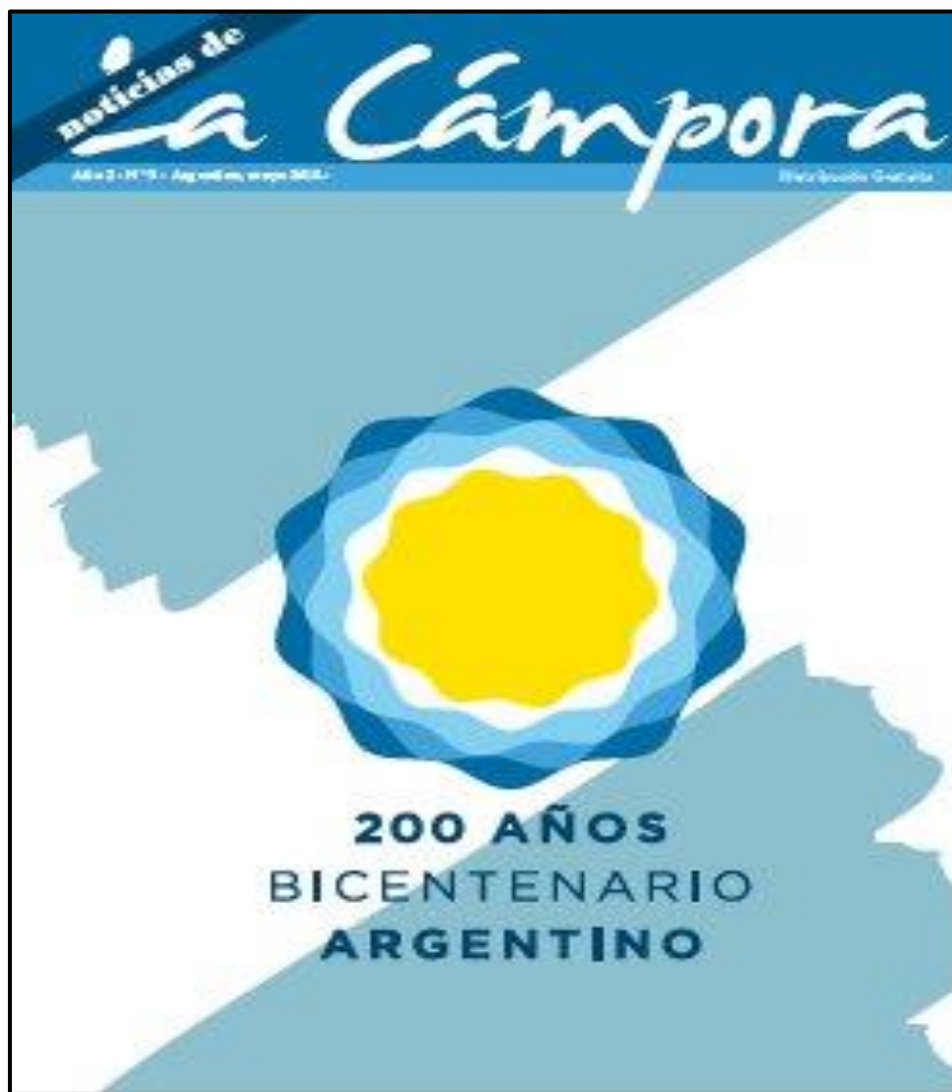
Para reafirmar estes posicionamentos as entrevistas realizadas com a *Presidenta de abuelas de Plaza de Mayo* Estela de Carlotto “Tenemos una juventude maravillosa” e com a atriz Andrea del Boca – “Soy Peronista de vientre”, duas mulheres que conforme apontam as entrevistas possuem posicionamento político declarado, o que por sua vez é utilizado pela Revista como uma ação que os jovens devem se inspirar e defender o Projeto Nacional, assim os principais temas abordados são: Projeto Nacional, *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual* e a juventude militante, utilizados como um fio condutor que direciona as perguntas. A condução destes temas e aqui ressaltado a centralidade da abordagem da *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual*, que é o foco do editorial, é de suma importância para o projeto de poder Kirchnerista, é importante mencionar que tanto o Projeto Nacional e a atuação do Jovem militante, pode, ou melhor, na visão dos Kirchners sofrer constantes críticas enquanto a atuação política militante.

---

<sup>78</sup> Para saber mais consultar o artigo de Erica Soledad Altamirano Brasca, - *Las uniones transitorias/ temporales de empresas constituídas en el extranjero y su actuación en nuestro país*, em que ela apresenta do ponto de vista do Direito como funciona as UTE. Disponível em: << <https://repositorio.uade.edu.ar/xmlui/bitstream/handle/123456789/368/CDS11010279.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>>. Acesso. 22. Abril. 2018

Portanto, estabelecer mecanismos que possam limitar os grandes conglomerados midiáticos hegemônicos de travarem uma posição contestatória em relação as ações do governo é imprescindível para que os Kirchners mantenham a imagem de poder, logo para que se construa o Projeto Político e uma militância atuante, a *Ley de Servicios de Comunicación Audiovisual*, fornece condições para que o governo tenha um maior controle das concessões de rádio e televisão, o que fornece em grande medida, por mais que se mantenha os grandes jornais, tais como: *Clarín* e *La Nación*, uma pulverização das concessões, fator que dá aos Kirchners e seus aliados melhores condições de negociação a respeito das informações a serem veiculadas nos jornais e TV de cada província, criando uma cadeia de informações pró-governo.

**Figura 8:** *Noticias La Cámpora n 03 – 200 a os bicentenario argentino*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora03.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora03.pdf)>. Acesso. 20. Abril. 2018



Neste editorial de título 200, comemora-se a chegada do bicentenário, que segundo a Revista é um momento que cabe a reflexão sobre o que se passou nos últimos 200 anos. Segundo o editorial ao olhar para o passado é possível chegar à conclusão de que ainda hoje se encontra em disputa um modelo de país. Na tentativa de demarcar que o projeto Kirchnerista é o modelo ideal para o país, o editorial o coloca como um projeto político capaz de resolver os conflitos que marcam a história da Argentina, tendo em vista que é um projeto que preza por um modelo nacional e popular. De tal modo que é intuito deste projeto segundo o editorial devolver a Nação e Povo – seus verdadeiros beneficiários – tudo o que lhe foi negado. E assim construir uma nova Argentina no terceiro século.

Conforme o editorial, para manter o “*Proyecto*”, é necessário compromisso por parte dos jovens, que devem se organizar e adquirir experiências que os preparem para construir a Argentina do terceiro século, que lhes garantam as conquistas por um país desenvolvido, com equidade e com igualdade de oportunidades, onde a militância tem papel fundamental, como um agente mobilizador para que se defina este novo modelo de país, enfatizam que a constituição deste projeto é o que se evidencia como uma mudança.

A entrevista com Norberto Galasso, historiador, intelectual e reconhecido pela sua contribuição com o Pensamento Nacional e Popular versa sobre o papel do peronismo nestes 200 anos, porém, a Revista enfatiza principalmente a sua comparação com os governos Kirchners, elevando para o mesmo papel que demonstram no editorial, em que as mudanças que ocorreram após o ano de 2003 é um novo capítulo na história da Argentina, estas alterações como o próprio *La Cámpora* afirma mexem diretamente com as classes dominantes, que até então estavam no poder, segundo Forster (2013)

*La experiencia abierta por Néstor Kirchner, que cuando el peronismo expresa su rostro de izquierda o de centro izquierda (algunos lo llaman <<nacional popular>> sin más) inmediatamente provoca una histórica reacción en el poder tradicional, sacude la modorra de la dominación y vuelve a reintroducir las pasiones políticas. Es en esos momentos, y lo fue en ciertos pretéritos de nuestra historia lejana y reciente, cuando odios y rencores, prejuicios y diversas formas del racismo, conjuras y difamaciones se ponen a la orden del día y contaminan, con una atmósfera viciada, las usinas mediáticas hasta alcanzar a muchas almas puras y belas de la clase media que vuelven a convencerse, una vez más, de que el populismo regresa, como un espectro aterrador, para angustiar sus tranquilas vidas de ciudadanos-consumidores. (FORSTER, 2013, p. 21)*

O “*Proyecto*” que defende o *La Cámpora*, que é formado pelas concep es políticas do peronismo desempenha na sociedade argentina ou pretende uma ruptura com o modelo de governo anterior, diga-se peronismo adotado poder Menem, porém, conforme já mencionado no capítulo anterior, é importante destacar que o projeto de poder Kirchnerista não é uma alternativa ou nem mesmo um novo modelo nacional e popular no sentido em que empregam os populistas, o que se observa, conforme já mencionado, é que não   possível interpretar como uma ruptura, o que podemos evidenciar, de fato, é que o Kirchnerismo imprime um conjunto de políticas sejam elas sociais ou econ micas que visam manter o poder absoluto do governo.

**Figura 9:** Noticias *La Cámpora* n 04 – Materias de periódico sobre *La Cámpora*



Fonte: <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora04.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora04.pdf)>.

Acesso. 21. Abril. 2018

Com o título, *Mentiras con fecha de vencimiento* o editorial da Revista destaca que sempre ocorreram diversas críticas por parte dos jornalistas de que não havia participação dos jovens na política, e colocavam como uma “*Crisis de representación*”. Com os Kirchners no poder, segundo o Movimento os Jovens, ganharam seu espaço que dá condições para que participem ativamente da política, porém, segundo o *La Cámpora*, com o retorno desta juventude política, os mesmos jornalistas que criticavam a “*Crisis de representación*”, são os mesmos que criticam o engajamento dos jovens, fator que se deve pelo fato de serem da grande mídia: Clarín, La Nación. Segundo o editorial há um incômodo das grandes mídias pelo papel desenvolvido pelo *La Cámpora* por serem apoiadores do projeto político dos Kirchners e por estarem presentes em diversos setores do Estado. Sinalizam que somente o poder dos jovens, com a força de mobilização, engajamento político e as demais ações que são realizadas pelo Movimento, poderão ser vistas no futuro.

Neste sentido, a entrevista realizada pela Revista com a Rosa Ortega, imigrante e moradora do um bairro pobre de Buenos Aires “*Villa 3*”, apresenta a mulher, jovem e pobre que através da sua mobilização no bairro conquistou a liderança. Compreendo que em virtude das críticas que o Movimento *La Cámpora* tem da mídia é necessário criar na militância um processo de reengajamento, ou seja, a apresentação deste modelo de jovem, do qual boa parte dos integrantes do movimento se identifica, por origem de bairros pobres, imigrantes e desassistidos pelo Estado, fornece um conjunto de condições ou requisitos que dê margem para que outros militantes tenham o mesmo êxito.

Cabe lembrar que o movimento *La Cámpora* atua de forma intensa nos bairros mais periféricos de Buenos Aires e em outras províncias do país, as ações assistencialistas nestes locais, para além de fornecer ajuda, são ações de cooptação de extrema importância para que o Movimento mantenha quadros políticos em todo o país, é a garantia de que o projeto defendido pelo *La Cámpora* terá voz nos mais diversos grupos políticos, a entrevistada Rosa Ortega, líder de bairro encontra-se neste rol, conforme consta na Revista.

*Rosa Ortega vive en la Villa 3 hace 26 años. Vino desde Paraguay con su familia buscando trabajo y una vida mejor. Su carrera fue muy particular, se inició organizando las mujeres del barrio con un trabajo de “hormiga” – como ella misma disse – para que no se dejaran pegar por sus parejas. Conscientizando a las mujeres se fue ganando la confianza de todos sus vecinos. Se sumó a La Cámpora hace tres años y desde esa identidad comenzó a darse la tarea de defender el Proyecto Nacional y lograr que las medidas de Gobierno Nacional lleguen a todos*

*y cada uno de los vecinos.* (Revista Noticias de La Cámpora n 04, 2011, p. 23)

Compreendo que a descri o do histórico de luta da Rosa Ortega vem confirmar o caráter de coopta o do Movimento, e rebater as críticas dos jornais dos principais jornais, *Clarín* e *La Nación*, ou seja, como forma de demonstrar que a representa o política que antes era tida como em falta, agora tem lugar e representatividade nos mais diversos segmentos da sociedade argentina, apresenta o movimento como uma militância com representatividade política.

**Figura 10:** Noticias La Cámpora n 05 – *Quiero que ganes de vuelta*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_N05.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_N05.pdf)>. Acesso. 21. Abril. 2018

O editorial *La mitad mas Néstor e todavía mas*, chama a atenção para a importância das primárias, pese em que a população pode decidir quais serão os candidatos que vão disputar as vagas para o Executivo e Legislativo, visto que antes da sanção da *Ley de Reforma Política*, a eleição era feita a portas fechadas e constituída por um grupo pequeno de burocracia partidária. A representatividade da população foi um ponto que os contrários à nova lei indagavam, segundo o editorial dentre as diversas críticas a população a recorrente enfatizava o fato de que a população não possui interesse e não sabe votar.

Alegação que é apresentada pelo editorial como uma argumentação contestável pois o percentual de votantes foi de mais 77,8%, o que configuraria o interesse, apontam também o apoio ao projeto Kirchner, pois a Cristina teve mais da metade dos votos, e sugerem que o percentual de votos demonstra que o projeto Kirchnerista está no caminho certo, que é um governo popular, de fato populista, e eficiente e que junto da militância em cada bairro, cidade, colégio, universidade ou sindicatos e formam uma rede de apoio ao projeto Kirchnerista. Para o editorial “*Hoy somos la mitad más uno. Somos la mitad más Néstor*”.

**Figura 11:** *Homenaje de La Cámpora – Edición especial homenaje a Néstor Kirchner*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_homenaje\\_NK.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_homenaje_NK.pdf)>.

Acesso. 21. Abril. 2018

Esta edição é uma homenagem a Néstor Kirchner, o editorial escrito por Carlos Zannini<sup>79</sup>, com o título, *Él* relembra a trajetória política, o seu papel como militante, filho, esposo, pai, intendente, governador e presidente, atribuindo a imagem de um homem que não foi comum, mas que prezava pela simplicidade e responsabilidade, e que por sua vez segundo o editorial enfrentou e venceu a campanha de demonização de sua imagem, que não obteve êxito, pelo contrário sempre esteve no coração do povo. Esta Ode a Néstor Kirchner presente na Revista o transforma em um mártir, é uma característica do *La Cámpora*, os políticos que o Movimento apóia e que foram fundadores do projeto Nacional Popular são elevados a quase como uma figura “santificada”, como exemplo: Héctor Cámpora, Perón, Evita, Néstor e Cristina Kirchner, ou seja, para além de figuras políticas, ganham no Movimento o significado afetivo de pais e mães da Nação argentina, o que se configura como mais uma jogada populista.

**Figura 12:** *Noticias La Cámpora* nº06 – *Memoria y alegría*

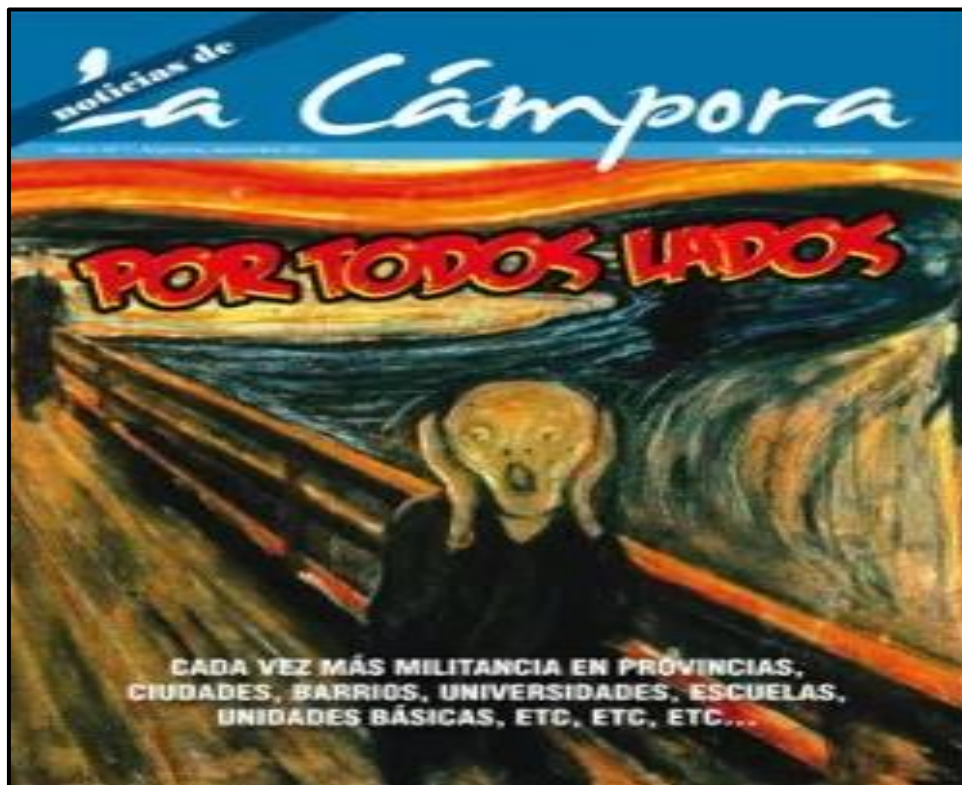


**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N06.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N06.pdf)>. Acesso. 21. Abril. 2018

<sup>79</sup> Carlos Zannini é advogado e político, trabalhou ao lado de Néstor e Cristina Kirchner como secretário legal e técnico e nas eleições do ano de 2015, foi candidato a vice-presidente junto de Daniel Scioli, vencidos por Mauricio Macri.

*Nunca el presente significó tanto futuro*, editorial escrito por *Unidos y Organizados*<sup>80</sup> presenta o governo de Néstor Kirchner como o que foi capaz de criar as bases fundamentais para a reconstrução do país, visto que antes o país se encontrava em uma grave crise, apresenta as pautas<sup>81</sup> que nortearam as políticas nacionais e internacionais do governo, e que tem a sua continuidade no governo de Cristina Kirchner, tarefa que segundo o editorial não foi fácil, pois as mudanças mexeram com diversos setores da sociedade, dentre eles a mídia que atuou criticamente em relação as medidas do governo, portanto o grupo *Unidos y Organizados* colocam o papel da militância como fundamental para vencer todos estes entraves, juntos puderam atuar para difundir o Projeto Nacional Popular.

**Figura 13:** *Noticias La Cámpora* nº07 – *Por todos lados*



<sup>80</sup> Organização política que possui uma frente partidária com aliança de forças com partidos políticos de corte progressista, peronista, e socialista formado como base de apoio do governo de Cristina Kirchner no ano de 2012, defende o Projeto Nacional Popular.

<sup>81</sup> *Com firmeza y convicción militante cambió diametralmente la orientación del estado y volvió a dignificar el cargo de presidente de los argentinos. Cambió la impunidad por la memoria, la verdad y la justicia; cambió la presión y el sometimiento ante el FMI por defensa del interés nacional y soberanía económica; cambió el desguace neoliberal de las industrias por un nuevo modelo social y económico que generó más de cinco millones de puestos de trabajo; cambió la desunión latinoamericana por la integración política de la Patria Grande.* (Revista *Noticias de La Cámpora* nº06, 2012, p. 03)

Fonte: <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N07.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N07.pdf)>. Acesso. 21. Abril. 2018

Neste editorial o movimento *La Cámpora* responde as críticas recebidas especialmente pelo Jornal *Clarín*, que os acusam de ser “yupis<sup>82</sup>” ou em outro momento de ser “*guerrilleros talibanes*”, e de atuarem como uma agrupação que tem com fim últimos ocupar cargos no Estado e garantir posições privilegiadas. Segundo o editorial o *Clarín* e seus jornalistas politiqueros os acusam, pois, não compreendem o projeto coletivo e, portanto, inventam mentiras com o fim de desestabilizar a militância. Finalizam afirmando que fazem parte do projeto coletivo para serem livres de toda a extorsão midiática e corporativa, que participam da política, pois disfrutam da democracia com o objetivo de que reine o povo, o amor e a igualdade.

A respeito do editorial que é crítico com o *Clarín*, a revista tem como título, *Por todos lados*, uma indicação de que o *La Cámpora* está presente em toda Argentina. A entrevista com os membros do *La Cámpora* Gustavo “*el Misio*” Cáceres e Eduardo “Wado” de Pedro – “*Todavía hoy estamos tratando de correr tan rápido como corre Cristina*” apresenta a dimensão do Movimento como uma resposta aos jornalistas críticos ao modelo de atuação e a presença no Estado. Cabe ressaltar que o *La Cámpora* possui a dimensão enquanto organização política justamente por ser um braço do Kirchnerismo, dentro e fora do governo, conforme assinala Della Rocca (2014).

*Al calor de las intenciones políticas de la Presidenta Cristina Fernández de Kirchner, en especial durante su segundo mandato, diversos miembros emergentes de La Cámpora fueron nombrados en varias funciones de dirección dentro del Poder Ejecutivo. La Presidenta manifiesta tener una intención de foguear a los jóvenes y no tan jóvenes (la edad aproximada de estos funcionarios es entre 25 y 42 años aproximadamente) en el ejercicio diario de la política Ejecutiva y legislativa, tanto a nivel nacional como provincial o municipal. Además, como señalamos precedentemente, la intención es avanzar en un recambio generacional dentro de una tradicionalmente anquilosada burocracia gubernamental.* (DELLA ROCCA, 2014, p. 76)

A presença do *La Cámpora* na burocracia estatal tem forte apoio de Cristina Kirchner, a política de formação de quadros é uma característica do Movimento, como já mencionado o trabalho de cooptação de figuras e líderes políticos que atuam em diversos

---

<sup>82</sup> “Yupis” é uma derivação da sigla “YUP”, expressão inglesa que significa “*You Urban Professional*”, ou seja, Jovem Profissional Urbano.



segmentos da sociedade, é o meio pelo qual os Kirchners agem para a construção e renovação de quadros que garantam a permanência e continuação do projeto de poder.

**Figura 14:** Notícias *La Cámpora* nº08 – *La déKada ganada 25 de Mayo 2003-2013*

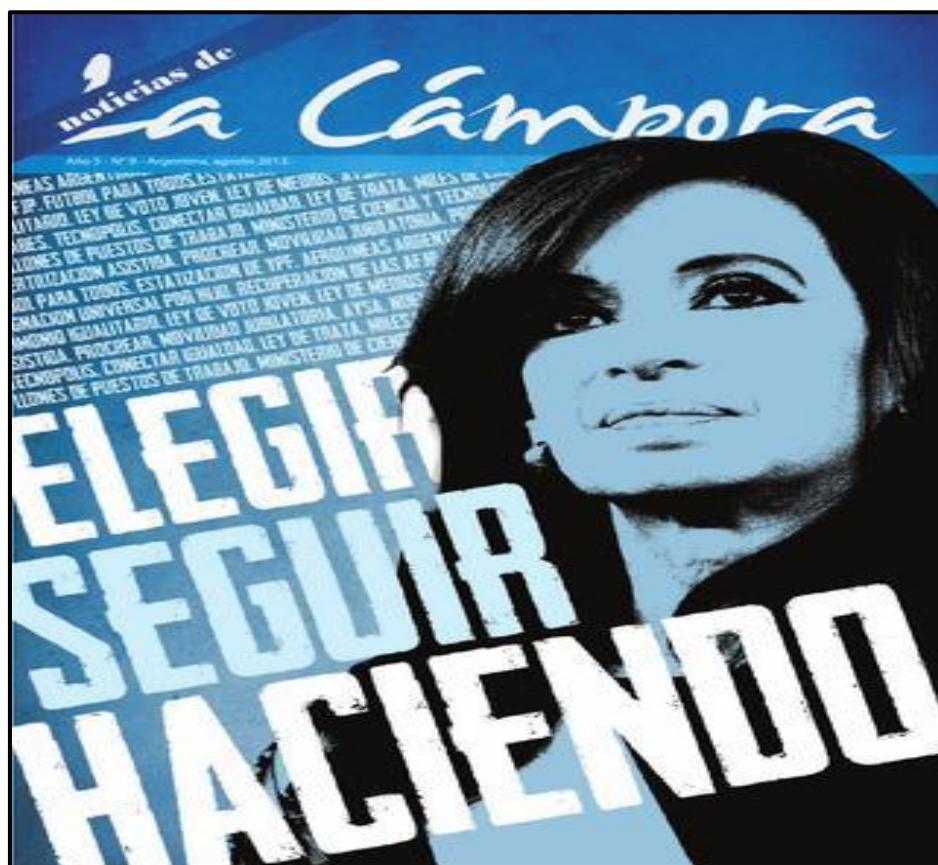


**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N08.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N08.pdf)>. Acesso. 22. Abril. 2018

O editorial – *Te juro que en los malos momentos...* apresenta a trajetória de Perón e Evita, atribuindo como características pessoais e no governo por serem sempre sensíveis as mazelas da população, atitudes de ajuda ou apoio que segundo o editorial nunca tiveram o intuito de ser uma demagogia populista ou de obter respaldo político, mas que pelo contrário isso é parte deles, está no cerne da gestão. São atribuições que o editorial concede ao casal Kirchnerista, que a partir de 2003 tirou a Argentina do inferno e a colocou em um sonho, proporcionando a recuperação do país. E por este motivo, segundo o editorial o Movimento *La Cámpora* vai permanecer na mesma linha, mantendo uma continuação do sonho proposto por Néstor em 2003 e estarão ao lado de Cristina como militantes ativo e na linha de frente.

Dois membros do *La Cámpora*, atuam como militantes na linha de frente foram entrevistados nesta edi o, Mariano Recalde<sup>83</sup> e Lucas Clarke<sup>84</sup> – “La rebeld a hoy está de este lado” a entrevista tem como ponto principal abordar o elo entre o “*viejo militante* – Mariano Recalde” e “*el nuevo militante* – Lucas Clarke”, como uma maneira de destacar em ambos os entrevistados a importância de se iniciar na militância ainda jovem,   esta forma o que o Movimento entende como um importante fator para a renova o política, e neste sentido o papel do *La Cámpora* com um agente mobilizador, tanto nas manifesta es e presença em escolas, universidades e projetos sociais é o que d  condi es para que o Movimento se mantenha atuante.

**Figura 15:** Noticias La Cámpora n 09 – Elegir seguir haciendo



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_N09.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_N09.pdf)>. Acesso. 22. Abril. 2018

<sup>83</sup> Mariano Recalde es parte de la mesa de conducción nacional de La Cámpora, es un militante de larga experiencia forjado en las resistencias y luchas de los 90 y es también alguien que en su biografía política explica buena parte de la experiencia juvenil kirchnerista de estos años. (Revista Noticias de La Cámpora n 08, 2013, p. 04)

<sup>84</sup> Lucas Clarke es un jovencísimo militante platense que, a los 17 años reconoce la crisis del campo como momento fundacional de un compromiso político que hoy atraviesa intensamente su vida. Una tarde los cruzamos en una charla larga e interesante sobre la la política, la militancia, la vida y el compromiso. (Revista Noticias de La Cámpora n 08, 2013, p. 04)

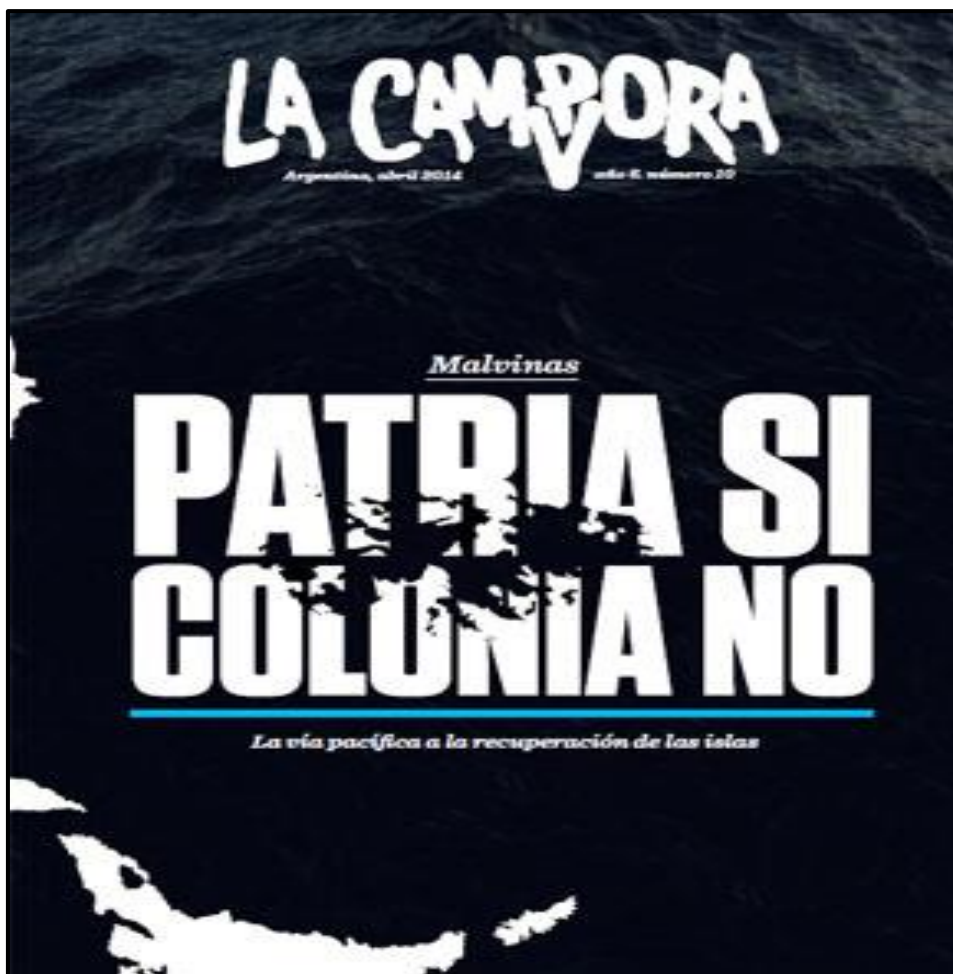
O editorial *Ni un paso atrás*, é uma resposta às críticas que afirmam que o projeto Kirchnerista já não possui a mesma força política que fez com que conseguissem ganhar três eleições consecutivas, o editorial por sua vez é enfático ao colocar que o projeto Kirchner não vai retroceder, visto que as vitórias que o projeto Kirchnerista já obteve demonstram a força política e o apoio da nação, e que as críticas efetuadas principalmente pelo *Clarín*, não levam em consideração a capacidade de mobilização do movimento e a força dos Kirchners que estão ativos na luta pela defesa e continuidade deste projeto.

Um das frentes como já destacado é a renovação dos quadros do Movimento, a entrevista realizada com militante e deputada nacional Mayra Mendoza “*los mejores estan por venir*” – e a militante secundarista Valentina “*Hay militancia para rato, hay convicciones para rato*” como colocam duas mulheres do *La Cámpora*. O projeto Kirchnerista e o *La Cámpora* utilizam amplamente as referências militantes, assim como fazem com Néstor, Perón, Evita e Cristina, realizam o mesmo com os membros do Movimento que se destacam, como já mencionado é criar o elo entre o “*viejo militante*” e “*el nuevo militante*”, pois como destaca o editorial as críticas em torno da desmobilização do Kirchnerismo, embora por questão óbvia o editorial não concorde, é um motivo para que o movimento apresente solução para conter a desmobilização.

A resposta a esta mudança, atribuo ao próprio editorial da Revista *Noticias de la Cámpora*, principalmente em relação as entrevistas onde passam a focar e evidenciar a presença dos jovens, o papel é ser um agente formador de novos militantes, intensificar a atuação em pequenas cidades, utilizar as redes sociais, grupos de amigos, ou seja, a atuação militante sempre tem como principal papel, e esta ideia é clara no direcionamento das entrevistas a permanência do “*Proyecto*” no poder.

*Yo siempre pongo este ejemplo. Yo milito en Quilmes, y ahí me conduce un compañero que en 2006 yo lo convoqué a militar. En esa época salíamos con otros compañeros e íbamos por los distritos tratando de juntar grupitos de compañeros. Así una vez fuimos a un barrio de Quilmes y armamos una reunión con unos chicos a partir de un pibe amigo de mi familia que trabajaba en McDonald's y convocó un grupo de sus compañeros. Bueno, empezamos a hablar y algunos escuchaban, otros no, y uno me preguntó por qué me tenía que creer. Bueno ese chico, que en ese entonces tenía 17 años, es hoy el responsable de La Cámpora en Quilmes. (Revista Noticias de La Cámpora n°09, 2013, p. 07)*

**Figura 16:** Noticias La Campora no10 – Malvinas Patria si colonia no.



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N10.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N10.pdf)>. Acesso. 22. Abril. 2018

O editorial *Fuerza y tiempo*, refuta a ideia de que o governo de Cristina deseja fazer uma Reforma na Constituio para que tenha a possibilidade de exercer um terceiro mandato, segundo o editorial o que est posto  que o que se deve manter o “*Proyecto*” – segundo o Movimento  a continuao das polticas econmicas-sociais, defesa do nacional, de um pas igualitrio e que no submeta s vontades do mercado – que para os crticos no  claro, que torna uma fonte de ataques ao *La Campora*. Afirmam que o “*Proyecto*” possui em cada militante um agente formador de novos militantes que por sua vez iro dar continuidade ao “*Proyecto*”, e construir um pas justo para todos. O “*Proyecto*” amplamente defendido pelo *La Campora*, no se mostra como apresentam, as polticas econmicas-sociais e principalmente o discurso de distanciamento do mercado, diga-se de polticas neoliberais, no ocorre, portanto, as crticas que o Movimento recebe

são apenas um reflexo do projeto de governo posto em prática pelos Kirchners do qual são defensores aguerridos.

### 3.2 *Noticias de La Cámpora*: o debate norteadado

As Revistas “*Noticias de La Cámpora*”, para além de demonstrar em seus editoriais a linha política que segue o movimento que parte da concepção do projeto de poder dos Kirchner, é também elaborada por um conjunto de artigos que trazem em perspectiva o posicionamento do *La Cámpora* em diversos temas que revelam a sua orientação, ideologia, objetivos e interesses. Considerando o conjunto de diversos temas, optamos por dois: um que remete à dimensões da política interna, ou melhor, a *Ley de Medios*<sup>85</sup>; e outro que reporta à dimensão da política externa, que seja, as Ilhas Malvinas<sup>86</sup>.

Um dos argumentos do movimento *La Cámpora* na defesa da *Ley de Medios*, está no fato de que as concessões dos meios de comunicação nunca proporcionaram uma distribuição igualitária, pois conforme indicam na Revista “*Noticias La Cámpora*” nº02, a história do *Papel prensa* na Argentina está vinculada com a ditadura, é neste período que os detentores dos grandes jornais, a saber: *Clarín* – Héctor Magnetto e Ernestina Herrero de Noble; *La Nación* – Bartolomé Mitre e *La Razón* – Patricio Peralta Ramos assumem o controle de grande parte da mídia argentina sendo possível graças a ajuda do governo. Conforme revela o levantamento feito pelo *La Cámpora*, quando o governo define pela importação de papel para suprir a necessidade de produção e veiculação pelo *Papel prensa*, decide fixar uma taxa de contribuição que é paga por todos os jornais, salvo o *Clarín*, *La Nación* e *La Razón*.

*La pregunta que nos hacemos, entonces, es como surge esta empresa dedicada a la producción de papel para diarios. En época de la ditadura de Juan Carlos Onganía, se creó el Fondo para el DEsarrollo de la Producción de Papel y Celulosa mediante el decreto ley 18.312 de fecha 11 de agosto de 1969. Además, se fijó una “tasa de contribución” del 10% a la importación de pael hasta que la fábrica de pael argentina se pusiera en marcha. De este mod, todos los diarios del país pagaron, durante diez años, el 10% de sus importaciones para montar una planta que, finalmente, sólo se adjudicaria a tres de ellos: Clarín, La Nación y La Razón. (Revista Noticias La Cámpora nº02, 2009, p. 27)*

<sup>85</sup> Para saber mais sobre a *Ley de Medios*, aprovada em 10 de outubro de 2009. Consultar: <<<http://servicios.infoleg.gob.ar/infolegInternet/verNorma.do?id=158649>>>. Acesso. 25. Abril. 2018

<sup>86</sup> Para saber mais sobre as *Islas Malvinas*, principalmente no que tange o contexto da política de defesa. Consultar:<< <https://www.argentina.gob.ar/defensa/malvinas>>>. Acesso. 11. Maio. 2018

Os benefícios que são concedidos a estes jornais pelos governos no período da ditadura, segundo o *La Cámpora* atuam como uma moeda de troca que condiciona o posicionamento político destes meios de comunicação, que o Movimento acusa por serem combativos e agressivos, principalmente com os movimentos políticos que se contrapõem às medidas impostas pelo capital, ou que agem com políticas consideradas populistas, apontam ainda que a mídia trabalha de forma a desmobilizar o governo, medida que na visão do *La Cámpora* é ir contra a nação. Em entrevista na Revista “*Noticias La Cámpora*” nº01, Ricardo Forster, quando perguntado sobre qual é a sua análise sobre o papel dos meios de comunicação nas democracias atuais, responde que

*“[...]En las últimas décadas, la corporación mediática acompaña creando las condiciones de reproducción del sistema, es decir, genera núcleos ideológicos simbólicos, formas de naturalización de un sistema de opresión que termina convirtiéndose en algo referencial respecto a la vida cotidiana de cada una de las personas. Cuando digo naturalización, estoy refiriéndome a un mecanismo de dominación que responde a intereses particulares, se convierte en un valor universal y entra en se vuelve discurso cotidiano, hace que el kiosquero de la esquina se identifique con Miguens. Tiene como eje la emergencia del ciudadano-consumidor que piensa el Estado, a la sociedad como un shopping y que exige que la mercancía que está comprando garantice todos sus deseos y su satisfacción. Todo esto ligado a la emergencia de una nueva idea de filantropía, al dominio exuberante en los años '90 y parte de los últimos años de las ONGs que han destrozado la militancia y que han desplazado la política, por una asepsia filantrópica. Ahí donde desembarcan las ONG's lo que llega inmediatamente después es el mercado. A partir de allí, lo que vemos es que la batalla cultural es clave y en gran parte se ha perdido porque el papel de la corporación mediática es naturalizar el modelo neoliberal. Es mucho más que aquellos viejos partidos políticos que ya no tienen una entrada dinámica a las conciencias hogareñas, sino que lo que entra al hogar es la televisión, mucho más efectivo que la vieja estructura discursiva de la derecha tradicional”.* (Revista *Noticias La Cámpora* nº00, 2008, p. 9)

Conforme aponta Ricardo Forster “*el papel de la corporación midiática es naturalizar el modelo neoliberal*”, compreendo que esta afirmação sobre qual o papel de uma corporação midiática é constantemente alterado segundo as pretensões políticas ou de ganho de capital das mesmas, pois é necessário afirmar que para além de muitas destas corporações terem um passado que se identifica com partidos políticos de direita ou até mesmo no apoio a ditaduras, a concepção e divulgação pode se alternar de acordo com cada governo. Um jornal de uma instituição privada é capitalista, portanto, ele necessita obter lucro para se manter, logo na dinâmica política de cada país e aqui a exemplo da Argentina,

os meios de comunicação vão se associar e ou abrandar as suas críticas a determinado governo conforme o seu elo se intensifique, em sua grande maioria, esta ação de aproximação dos meios de comunicação teve apoio de Néstor Kirchner no início de seu governo que tinha como objetivo

*Debilitar al periodismo independiente y fortalecer el adicto eran objetivos que los Kirchner venían perseguiendo desde un principio y, hasta entonces, con instrumentos más económicos y directos: distribución de la pauta publicitaria, oportunidades de negocios para los propietarios de las empresas del sector, partidización de los medios públicos, etc. Cuando estos se revelaron de todos os modos, tenía pocas chances de ser efectiva en tiempo y forma: las empresas no estaban en la condición de ilegitimidad ante la opinión pública que afectava a las AFJP, y la reforma debía poder imponerles costos inmediatos, o al menos la amenaza inminente de ellos, para efetivamente influir en sus líneas editoriales o en su credibilidad suficiente tiempo ante de las siguientes elecciones. Ello parecia ser poco viable, pues todo esfuerzo en ese sentido encontraría muchos más obstáculos judiciales y políticos, interpuestos por esas empresas o la oposición. A estos obstáculos, por certo, habían contribuido en alguna medida los propios Kirchner en los años anteriores, al fortalecer a los grandes multimédios extendiéndoles la duración de sus licencias y autorizando fusiones y adquisiciones. (NOVARO, BONVECCHI, CHERNY, 2014, p. 382)*

Comprendemos que qualquer que seja o governo que busque atingir popularidade e força política, não busca o distanciamento dos meios de comunicação, mesmo os que mais criticam, pois em um país onde os grandes meios de comunicação são de caráter hegemônico como o *Clarín* e *La Nación*, o jogo das forças entre “Gobierno (Kirchners) y Periódicos (*Clarín*, *La Nación*)” é agressivo, mas também é permeado por concessões. A *Ley de Medios* segundo o *La Cámpora*, tem como princípio criar um processo onde não haja mais um único ou poucos grupos exercendo o poder midiático, é preciso tornar o processo democrático, para tanto o movimento político *La Cámpora*, defende 21 pontos que julgam importantes na defesa do “*derecho a la comunicación*” a saber

*1.- Libertad de expresión: Toda persona tiene derecho a investigar, buscar, recibir y difundir informaciones; 2.- Derecho vs. Negocio: La radiodifusión es una forma de ejercicio del derecho a la información y la cultura y no un simple negocio comercial; 3.- Independencia: Se garantizará la independencia de los medios de comunicación; 4.- Patrimonio de la humanidad: Las frecuencias radioeléctricas (...) deben ser administradas por el Estado con criterios democráticos y adjudicadas por períodos de tiempo determinado a quienes ofrezcan prestar un mejor servicio; 5.- Derechos y deberes del Estado: La promoción de la diversidad y el pluralismo debe ser el objetivo primordial de la reglamentación; 6.- Límite a los monopolios: La*

*propiedad y control de los servicios de radiodifusión deben estar sujetos a normas antimonopólicas; 7.- Compromiso y formación intelectual: Se deberá garantizar la indemnidad intelectual y estética de los trabajadores de la comunicación; 8.- Por los trabajadores de la comunicación: En los casos de una integración vertical u horizontal de actividades ligadas, o no, a la comunicación social, se deberán establecer regulaciones que promuevan el pluralismo; 9.- Transparencia en la gestión: Deberá mantenerse un registro público y abierto de licencias; 10.- Los límites: No podrán ser titulares de licencias (...) quienes ocupen cargos electivos oficiales nacionales, provinciales o municipales, funcionarios públicos de los distintos poderes, miembros de las Fuerzas Armadas y de seguridad, como así tampoco aquellos que hayan tenido participación comprometida con violaciones a los derechos humanos. 11.- Públicos, comerciales y comunitarios: Existen tres tipos de prestadores de servicios: públicos, comerciales y comunitarios de organizaciones de la Sociedad Civil sin fines de lucro; 12.- Públicos no gubernamentales: Los medios estatales deberán ser públicos y no gubernamentales; (Revista Noticias La Cámpora nº00, 2008, p. 12)*

Os vários pontos da *Ley de Medios* trazem a centralidade do Estado como o agente direcionador dos limites e valor da comunicação como uma parte da cultura do país, o direito de informar e ser informado, são as bases que o *La Cámpora* apresenta como um dos principais obstáculos a serem modificados com a alteração na lei, pois para além de garantir a liberdade de expressão – item fundamental –, segundo o Movimento garante também as pequenas empresas midiáticas, a liberdade de ação dentro do mercado e disputa por espaço, visto que a inserção de pequenos meios de comunicação é reduzida por conta do grande monopólio existente no país, pois, o que se está em jogo é a cultura, a mudança de uma lei que permanece desde a ditadura, que por sua vez não foi constituída de forma democrática pela sociedade argentina.

*13.- Sin fines de lucro: Los planes técnicos deberán reservar al menos el 33% de frecuencias, en todas las bandas, para entidades sin fines de lucro; 14.- Producción local y nacional: La ley establecerá cuotas que garanticen la difusión sonora y audiovisuade contenidos de producción local, nacional y propia; 15.- Responsabilidad mediática: La explotación de los servicios de radiodifusión es indelegable y debe ser prestada por el propio titular de la licencia; 16.- Sin cadenas: Las repetidoras y cadenas deben ser una excepción a la regla de modo tal de priorizar el pluralismo y la producción propia y local; 17. Producción publicitaria: La publicidad sonora y audiovisual será de total producción nacional y deberá siempre diferenciarse de los contenidos de la programación; 18. Inclusión de lacomunicación regional: Los sistemas de distribución de señales deberán incluir en su grilla de canales las emisoras de TV de aire de la localidad, el canal público nacional y un canal con producción informativa local y propia; 19. Por un nuevo COMFER: La autoridad de aplicación deberá respetar en su constitución el sistema federal y estará integrada además por organizaciones de la sociedad civil no*



*licenciatarias y por representantes de las entidades representativas de los trabajadores; 20.- Defensoría del público: Se creará la figura de la "Defensoría del público"; 21. Normalización con inclusión: En la nueva ley se deberá contemplar la normalización de los servicios de radiodifusión atendiendo a las necesidades de aquellos impedidos de acceder a una licencia. Proyecto de democratización de los medios de comunicación. (Revista Noticias La Cámpora nº00, 2008, p. 12)*

Em outro ponto que é importante destacar, a *Ley de Médios* reduz a presença das grandes empresas de capital privado em todo o território nacional, o poder de concessão está nas mãos do governo, este aparato cria mecanismos para que o governo Kirchner através do que acha conveniente para as suas políticas ceda ou não a concessão. É importante salientar que as concessões passam pelo crivo de órgãos avaliadores entre outros processos, mas como todas as ações na política podem ser facilitadas ou ganhar entraves, cabe a máquina burocrática e a rede de trocas que definir os grandes beneficiados. A lei promove mudanças significativas, mas é preciso destacar que os Kirchners não implementariam um projeto de lei que não contemplasse o seu projeto de poder. A *Ley de Medios* defendida pelo *La Cámpora* foi aprovada no dia 09 de outubro de 2009, por 44 a 24 no *Congreso de La Nación Argentina*, resultado de grande mobilização por parte do governo e seus apoiadores, mas expressivamente apoiado pelo movimento político *La Cámpora*.

**Figura 17** – Movimento político *La Cámpora*, em frente ao *Congreso de La Nación Argentina*.



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora02.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora02.pdf)>. Acesso. 20. Abril. 2018

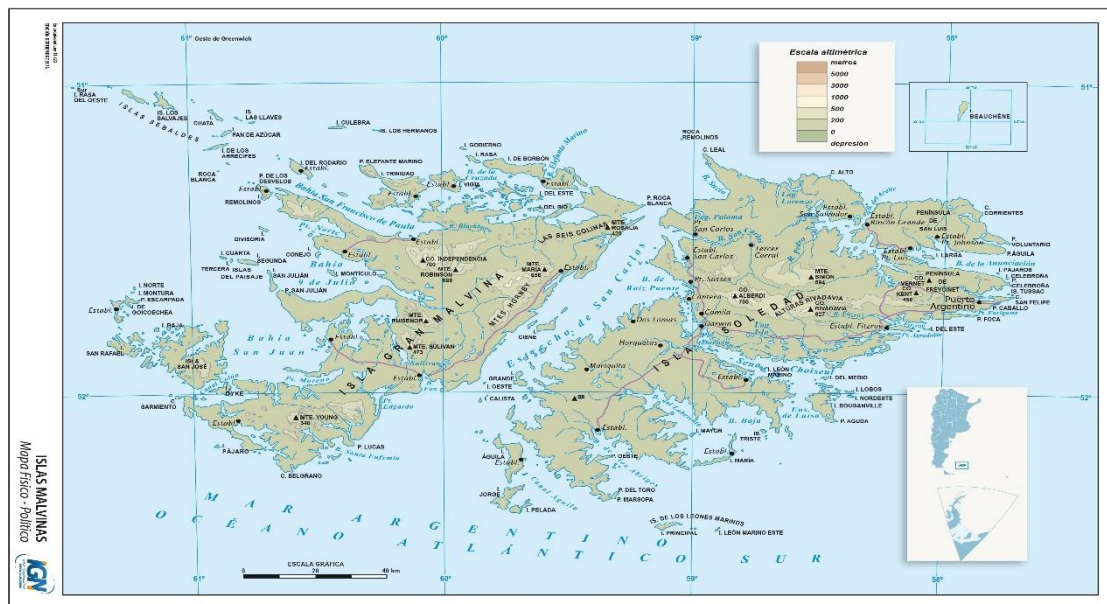
Para Forster (2013), em relação a alteração da lei, não se trata somente da garantia de um modelo de comunicação mais igualitário, ou seja, que deixa de ser exercido pelos grandes conglomerados, possui também interesses econômicos e uma dimensão político-cultural.

*Los medios de comunicación hegemónicos acompañaron estos travestimientos y multiplicaron su capacidad de incidencia al mismo tiempo que avanzaron en el control monopólico de viejos y nuevos medios vinculados a las decisivas transformaciones tecnológicas que caracterizaron el fin de siglo pasado. La nueva ley de servicios audiovisuales buscó romper con esa hegemonía antidemocrática. Pero el hueso sigue siendo duro de roer y los intereses que se defienden cuantiosos no sólo en su aspecto económico sino también en su dimensión político-cultural. Se trata de la disputa por el sentido común, la opinión pública y la producción de nuevas subjetividades. (FORSTER, 2013, p. 212)*

A defesa da *Ley de Medios* pelo movimento *La Cámpora* como um processo que vai garantir uma igualdade na distribuição das concessões no país, e assim tirar as grandes mídias do poder absoluto, também tem como pretensão utilizar-se da abertura que a nova lei vai proporcionar. É importante salientar como já demonstrado que o Movimento utiliza amplamente diversas formas de divulgação do seu conteúdo, e como um braço do Kirchnerismo que já atua em diversas áreas do governo, tem como ampliar mais ainda os seus alcances. Lembrando que o governo Kirchner com a alteração da lei já utilizou o espaço para veiculação de propagandas, quando passou a concessão de transmissão dos jogos de futebol para a TV pública, como ressalta Forster (2013) a utilização da dimensão político-cultural.

Como anunciado anteriormente, um outro tema que possui relevância nas publicações na Revista *Noticias La Cámpora*, versa sobre a soberania das Ilhas Malvinas, que nos remete ao tema de política internacional. Nas diversas publicações o Movimento é enfático ao afirmar que a soberania do país é subestimada quando se observa o processo pelo qual culminou na Guerra das Malvinas em 02 de abril de 1982.

**Figura 18** – Ilhas Malvinas



Fonte: <<<http://www.ign.gov.ar/images/MapasWeb/TIERRA-DEL-FUEGO/MALVINAS-FIS-POL-WEB.jpg>>>. Acesso. 26. Abril. 2018

O que se articula em torno da defesa das Ilhas Malvinas é principalmente manter a presença do Estado soberano, nas publicações se enfatiza que os governos anteriores aos Governos Kirchners mantiveram esta questão de lado, mantendo-se distante deste embate com a Inglaterra. Portanto, Néstor Kirchner decide enfrentar esta questão para que a soberania das Ilhas Malvinas retornasse para a Argentina, contudo para além da luta pelas Ilhas Malvinas é importante ressaltar que

*Desde una Concepción de masas, la Soberanía sólo puede entenderse como Soberanía Popular, es decir como el derecho irrenunciable e inalienable de los pueblos a ser protagonistas de su propio destino, como individuos, pero esencialmente como colectivo, como pueblo nacional. Desde esta perspectiva, nunca una acción planificada y dirigida por quienes encarnaron el más cruel y sangriento ataque a nuestras masas populares desde los tiempos de la conquista, puede constituirse en bandera de soberanía nacional. También debemos entender que de ninguna manera puede pensarse en un proceso de afirmación de la Soberanía Popular que no contemple la Justicia Social, porque quien no goza de los derechos esenciales que le permitan atender a sus necesidades materiales básicas, inmerso en una sociedad fragmentada, no podrá gozar una existencia digna, libre, realizadora y por ende soberana. La historia de nuestro país y de nuestro continente nos demuestra que no es posible aspirar a una comunidad en la que se realice el ideario de la Justicia Social sin partir de la base de la Independencia Económica. Esto ha quedado demostrado con el proceso de*

*desmantelamiento del Estado y sometimiento opresivo de la clase trabajadora que se inició en nuestro país en 1955 con el derrocamiento del Gral. Perón y que conjugó la masacre de los militantes populares, con la persecución política, la proscripción partidaria, la pauperización de las condiciones de vida de nuestro pueblo y la extranjerización de la economía entregada al capital trasnacional. En definitiva, con la abdicación constante en cuanto al rol soberano de la Argentina frente al mundo. (Revista Noticias La Cámpora n°03, 2010, p. 27)*

Compreendemos que para além do discurso de retomada das Ilhas Malvinas é constantemente reforçado a ideia de soberania popular, em que “*El concepto de Soberanía Política desde esta visión cobra entonces su real dimensión si la entendemos en clave integradora: Soberanía Política es Soberanía Nacional, es Soberanía Regional y, por sobre todas las cosas, es Soberanía Popular*” (Revista “Noticias La Cámpora” n°03, 2010, p. 28). Portanto, o que se coloca em questão é um discurso que imprime a ideia de que antes da chegada dos governos Kirchners este tipo de ação dentro do âmbito da política internacional da Argentina não tinha espaço, que por sua vez, ganha relevância na política exterior de Néstor Kirchner, e se aprofunda nos dois mandatos de Cristina Kirchner como uma ação de soberania popular.

Ressalto que a questão da soberania popular é uma medida muito recorrente nos governos Kirchners, que se define com um discurso que tende a ser mais para o uso eleitoral/político do que de fato para promover algum tipo de alteração do papel do Estado, principalmente em relação à política internacional. Contudo, cabe evidenciar que a questão das Malvinas retoma espaço nas discussões dos líderes latinos, que emitem uma declaração de apoio a soberania Argentina nas Ilhas Malvinas, conforme aponta a revista

*A la par que se daba este proceso, la política exterior del kirchnerismo tomaba un carácter cada vez más regional. El impulso al Mercosur, la alianza con el gobierno de Lula, la formación de la Unasur, iban formando un sentido político sudamericano cada vez más fuerte, donde se iba a terminar expresando, también, el reclamo de soberanía. Así, durante 2011, tanto Brasil como Uruguay se negaron a recibir en sus puertos a buques de guerra ingleses que se dirigían a las bases militares de Malvinas. El antecedente de esas decisiones había sido la declaración de la Unasur de 2010, donde por primera vez en la historia, el conjunto de los países y gobiernos de América del Sur dejaban por escrito su apoyo al reclamo argentino. Finalmente, todo esto terminó construyendo el consenso para que en diciembre de 2012, en la XLII Cumbre de Jefes de Estado del Mercosur se decidiera “impedir el ingreso a sus puertos de los buques que enarbolan la bandera ilegal de las Islas Malvinas”. (Revista Noticias La Cámpora n°10, 2014, p. 27)*

Nesta ação coordenada que o Estado argentino faz juntos aos demais países da Unión de Naciones Sudamericanas - UNASUR<sup>87</sup> e juntamente com os do Mercosul, visto que a retomada da política exterior voltada para a América Latina e fortalecimento do bloco possibilitou que as relações entre os países do Cone Sul ampliassem o diálogo para diversas questões que são de interesse regional. É um fator importante, pois, implica não somente a força política externa da Argentina na região, mas a união dos países latinoamericanos em torno da soberania popular, amplamente defendida nos governos Kirchners. A declaração sobre a questão das Ilhas Malvinas, também tratou de outros temas

*Esta declaración, sin embargo, no fue emitida en el vacío, ni como concesión aislada, ni en una coyuntura parcializada. Por el contrario, se articuló estratégicamente en una cumbre que abordó temas tales como Crisis Financiera Internacional, Comercio, Energía, Integración Física en Infraestructura, Ciencia y Tecnología, Desarrollo Social, Programas sociales y erradicación del hambre y la pobreza, Seguridad alimentaria y nutricional, Educación, salud y servicios públicos, Migraciones, problemas de Género, Desarrollo Sostenible, Cambio climático y Desastres Naturales, Derechos Humanos, Asuntos de Seguridad, el Problema Mundial de las Drogas, el Terrorismo y la Cooperación Sur-Sur, como puntos de una agenda destinada a avanzar en la urgente integración latinoamericana como vía ineludible hacia la Independencia Económica y la Justicia Social, es decir hacia la Soberanía Popular. (Revista Noticias La Cámpora n°03, 2010, p. 28)*

Para o movimento *La Cámpora*, a ação diplomática deve se pautar pelo mais alto nível, é preciso que se mantenha uma Agenda internacional com o objetivo de colocar o tema como um dos principais assuntos, pois segundo o Movimento a soberania da Argentina não pode se submeter há uma ocupação que está presente desde 1982, deve-se se levar em conta que as ilhas são parte constitutiva da plataforma continental da Argentina, que portanto tem legitimidade de origem, segundo o *La Cámpora*

*Esa legitimidad de origen tiene que ser acompañada de una política activa que reste aliados a Inglaterra y los sume en favor de la Argentina. Esta definición es lo que llevó al gobierno nacional a un replanteo general de la causa Malvinas, para volcarla sobre el espacio geopolítico desde donde puede hacer una presión efectiva, duradera y consecuyente. Ese espacio son los demás gobiernos latinoamericanos que, en los últimos tiempos, se sumaron al reclamo argentino convirtiendo lo que hasta ahora era una causa nacional, en una causa latinoamericana. (Revista Noticias La Cámpora n°10, 2014, p. 14)*

---

<sup>87</sup> Para aprofundar, consulte: dissertação de Mestrado de Talita Martinelli (2018), Política externa brasileira e América do Sul: uma escolha estratégica (2003-2010).

A forte atuação da política exterior dos Kirchner consegue estabelecer um consenso em relação às ações dos demais países do Mercosul, segundo o Movimento

*Así, durante 2011, tanto Brasil como Uruguay se negaron a recibir en sus puertos a buques de guerra ingleses que se dirigían a las bases militares de Malvinas. El antecedente de esas decisiones había sido la declaración de la Unasur de 2010, donde por primera vez en la historia, el conjunto de los países y gobiernos de América del Sur dejaban por escrito su apoyo al reclamo argentino. (Revista “Noticias La Cámpora” nº10, 2014, p. 14).*

Compreendo que este movimento por uma unidade nacional e latinoamericana, como já citei anteriormente, é presente muito mais nos discursos do que revertido em ações. Cabe ressaltar, o processo de disputa pelas Ilhas Malvinas poderia desatar em uma guerra caso fosse levado a cabo pelos dois países, porém, a Argentina não tem o mesmo aparato bélico que a Inglaterra, sendo assim, as questões ficam mais no campo das relações diplomáticas entre os dois países e na política interna, que pode despertar na Nação – e este é o interesse – o sentimento nacionalista, algo que se encontra presente no movimento *La Cámpora*.

*Pero la cuestión no es el carácter y las atribuciones de la población, sino el control sobre un espacio. Las islas Malvinas, si bien son un territorio pequeño y alejado, son relevantes en términos geopolíticos, y una fuente potencial de recursos naturales del que todavía se desconoce la magnitud. No se trata de un mito ultra nacionalista: la propia negativa inglesa a poner en debate la situación colonial -cuando estos casos son ya raras excepciones en el mundo- da cuenta de la importancia que tienen. De esto se desprende que la discusión nunca puede ser con los pobladores locales, por la sencilla razón de que ellos no manejan ninguno de los resortes políticos, militares o económicos que pueden ser la llave para encontrar una solución pacífica y diplomática. Pero más allá de estos argumentos, lo importante es que la causa Malvinas está siendo repensada por la sociedad argentina y dotada de nuevos horizontes diplomáticos por parte del gobierno nacional. Una buena noticia para un tema que, por demasiado tiempo, fue casi un tabú de nuestra democracia. (Revista Noticias La Cámpora nº10, 2014, p. 27)*

Portanto, reforço que o movimento *La Cámpora* quando levanta a questão das Ilhas Malvinas tem como objetivo principal, assim como o governo Kirchners, a mobilização em torno da soberania popular, que segundo indicação do movimento está acima de todas as outras soberanias, Política, Nacional e Regional. Trabalham na defesa desta concepção,

pois enquanto militantes se enxergam como dentro desta soberania popular, um movimento que ajuda o governo a conduzir estas políticas internacionais e ampliação do seu espaço nas relações com as outras nações latinoamericanas, que é comumente fortalecida na revista “*Noticias La Cámpora*”.

### **3.3 *La Cámpora* como agente apassivador**

O movimento *La Cámpora*, atua em diversas frentes como mais uma maneira de ampliar a sua atuação e inserção dentro dos mais diversos segmentos da sociedade argentina, portanto, para além de ser um movimento que fornece apoio irrestrito às medidas políticas dos governos Kirchners, também atua em escolas, universidades, organiza mutirões e ações comunitárias em bairros periféricos. Compreendemos que estas ações populistas visam criar na população atendida uma dependência, que pode ser compreendida como dirigismo, em relação ao governo que é por sua vez representado pelo Movimento junto as classes subalternas.

Para que possamos melhor compreender o movimento de apassivamento, utilizaremos como referência as formulações de Virgínia Fontes (2010), para tratar de um tema que remete a continuidade do Kirchnerismo e o fortalecimento do projeto de poder por meio da atuação popular do *La Cámpora* junto às classes subalternas, frações que residem na periferia não somente na grande Buenos Aires, mas no restante do país.

Na Argentina conforme já mencionado no capítulo I, nos anos 1990 a abertura do mercado como medida impulsionadora de melhores condições sociais, qualidade de emprego, ou seja, melhores benefícios para a população se comprovaram ineficazes quando se olha sob a perspectiva do trabalhador<sup>88</sup>. No governo Menem as reformas voltadas para o mercado se intensificam, abrindo espaço para as grandes empresas de capital privado que puderam aumentar a presença no mercado interno e capitalizar fortemente adquirindo empresas estatais e outros demais empreendimentos com o auxílio e subsídio do Estado, fator que corroborou para o aumento da precariedade nas relações de trabalho, condições sociais, e principalmente no aumento dos índices de pobreza do país.

---

<sup>88</sup> Para aprofundar, consulte: Tese de doutorado do Lisandro Rodrigues de Almeida Braga (2016): Repressão estatal e capital comunicacional: o bloco dominante e a criminalização do movimento piqueteiro na Argentina.

Mediante a crise do capitalismo de natureza neoliberal, nos anos de 2003 os Kirchners ascendem ao poder, todavia, as políticas econômicas implementadas não geraram um processo de ruptura com o neoliberalismo. O que se utilizou foram políticas socioeconômicas que em alguma medida levou a população há uma sensação de mudança quando se leva em conta o período das políticas de Carlos Menem. O Kirchnerismo para preservar o seu poder e dar continuidade a seu projeto político projeta no movimento *La Cámpora* um modelo de militância profissional, ou seja, sem real origem popular, mas de origem e base governista, condição que leva

Os trabalhadores são silenciados pelo alto, através da associação de sindicalistas à gerência do capital, e por baixo, através do emaranhado de entidades mercantil-filantrópicas, configurando políticas generalizadas de gotejamento para as camadas sociais mais fragilizadas ou disseminando práticas laborais totalmente desprovidas de direitos. Resulta num apassivamento contido no formato de uma democracia restrita que, ao menos por enquanto, vem liberando de peias o comportamento predatório do capital transnacional brasileiro e seus associados. (FONTES, 2010, p. 348)

O movimento político *La Cámpora* como movimento constitutivo do Kirchnerismo, são os que promovem estas ações nos bairros pobres das diversas cidades do país, agem como agentes de saúde, educadores e promovem a limpeza e dão instruções sobre o papel do Estado dando ênfase nos direitos do cidadão.

**Figura 19** – *Continúan las jornadas en barrios inundados.*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N06.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N06.pdf)>. Acesso. 29. Abril. 2018



A presença dos militantes do *La Cámpora* em locais que são desprestigiados de investimentos públicos só reforça o caráter de agente apassivador, como é possível notar na imagem as condições de saneamento e infraestrutura não são fornecidas pelo Estado, fator que se deve levar em consideração pois é na falta destas políticas públicas que se aprofunda o caráter de dependência de uma determinada classe. O fornecimento de ajuda e apoio para uma população que se encontra carente de estrutura pública de imediato pode provocar a sensação de estar sendo assistido pelo Estado, visto que o papel que o *La Cámpora* desenvolve, assim a sua legitimidade é maior e, portanto, consegue catalisar um contingente maior de apoiadores do que uma militância que permanece somente no discurso.

Portanto, ir ao encontro desta população não somente em locais pobres, mas onde possam exercer uma capacidade de mobilização que desmobiliza agrupamentos, ou seja, em que ocorre a cooptação dos grupos, associações de bairro que mantinham uma mobilização e pautas específicas, é importante ressaltar que as ações do movimento são de caráter paliativas, ou seja, não produzem efetivamente na vida dessas pessoas uma mudança de cunho social, mas corrobora para que não haja alteração na condição social e econômica, o que confirma a característica de subalternidade. Cria-se, portanto, uma relação que é benéfica para os partidos políticos, tornando estes locais uma base eleitoral forte

*La relación es política, una relación de una organización política con un gobierno. La Cámpora tiene una responsabilidad en una provincia en función de una orgánica nacional que marca que hay una conductora que es la presidenta y atrás de esa línea va la organización. Muchas veces van de la mano con los lineamientos políticos provinciales y muchas veces no. Cuando esto sucede La Cámpora muestra su posición política que es la nacional. Por ahí, esa lealtad a la línea nacional a veces nos hace quedar enemistados con algún gobernador. Pero es la dinámica de la política. (Revista Noticias La Cámpora nº07, 2012, p. 5)*

A formação dos quadros políticos do *La Cámpora*, e principalmente dos militantes exprimem este posicionamento em que a relação com a sociedade é marcada pela política, são representantes do governo, onde as políticas que deveriam assistir principalmente à população mais pobre não chega, o movimento está presente. A presença do movimento catalisa militantes, de modo que determinada cidade, bairro que não tem um membro do *La Cámpora* são cooptados através do discurso de representatividade nacional e assistência para a solução dos problemas locais, mecanismo amplamente exercido pelo movimento como uma maneira de ampliar e consolidar a militância nas mais diferentes localidades do

país. Compreendo que este modelo que tem característica assistencialista e configura-se como um agente que elimina o poder popular e o coloca como dependente. Para Néstor Kirchner

*Tenemos que volver a reconstruir el espacio de los militantes, de los cuadros, tenemos que volver a valorar la política y no queremos que se repita la mecánica casi empresaria de la política que tende a acordarse de los amigos y de los compañeros para utilizarlos en cuestiones electorales. Tenemos que dejar de sentir vergüenza de las cosas que defendemos, nos quieren hacer sentir a veces que son posturas que deben ser “revisadas” en nombre de la supuesta racionalidad. ¿Qué es la racionalidad? ¿La racionalidad es bajar la cabeza, acordar cualquier cosa pactando disciplinada y educadamente con determinados intereses, y sumar y sumar excluidos, sumar y sumar desocupados, sumar y sumar argentinos que van quedando sin ninguna posibilidad? ¿O la racionalidad es trabajar con responsabilidad, seriedad, con fuerzas para abrir las puertas de la producción, del trabajo y del estudio para todos los argentinos? Yo quiero adherir a este tipo de racionalidad, es la única racionalidad viable que nosotros tenemos para poder realizarnos. (Revista Noticias La Cámpora Edición especial Homenaje a Néstor Kirchner, 2011, p. 14)*

Quando Néstor utiliza o termo “racionalidad” implica ao movimento *La Cámpora* esta capacidade de se organizar, ou seja, se fazer presente, atuar organicamente constituindo poder, adesão popular e legitimidade, portanto, o movimento está presente em todos os momentos, como já mencionado a capacidade de organização e utilização de espaços em que se estabelece um conjunto de ações que não é percebido pelo Estado, ou seja, possui margem de ação, inserção e modificações que paralizam o pensamento de quem está sendo assistido pelo movimento político.

*Desde Ushuaia hasta La Quiaca, estudiantes de todas las universidades del país eligen hacer campañas de vacunación, relevamientos edilicios, asesorías jurídicas o apoyo escolar en cada rincón de su territorio. Lo hacen los compañeros de La Cámpora Universidad de Comodoro Rivadavia, Chubut, que realizan jornadas de apoyo escolar en el barrio Stella Maris de esa ciudad. Lo hacen los compañeros de la Universidad Nacional de La Matanza en sus actividades de limpieza de los parques y los de La Rioja, en las jornadas solidarias. En la Provincia de Buenos Aires, estudiantes de la Universidad de Lomas de Zamora realizan cotidianamente tareas de relevamiento social para acercar a los menos favorecidos las distintas políticas de estado que se vienen llevando adelante (AUH, jubilaciones, etc.). Em la Universidad Nacional de José C. Paz se realizó una campaña de recolección de papeles para ayudar al Hospital de pediatría Garrahan. También se realizan cursos en diversos centros de detención para acercar la formación superior a estos sectores de la sociedad. En la Ciudad de Buenos Aires, los compañeros de distintas facultades de la UBA se dan cita todos los sábados en Villa*

*Lugano, Comuna 8, para realizar actividades en los barrios Obrero, Inta, Mujica y Piletones. Allí funcionan mesas de asesorías jurídicas, espacios de apoyo escolar y tutorías universitarias, recreación y merienda para los más chicos. Además, se implementan actividades específicas como relevamientos de terreno, que organizan los estudiantes de arquitectura; campañas de vacunación y calendario completo, además de pesaje y medición de presión, que encaran los estudiantes de medicina; encuentros de salud bucal coordinadas por los futuros odontólogos; charlas con vecinos sobre la nueva ley de trabajadores de casas particulares y consultas con abogados; entre otras actividades. (Revista Noticias La Cámpora nº10, 2014, p. 21)*

A atividade de ir nos bairros prestar assistência médica, ou que qualquer atividade que o *La Cámpora* exerça em nome de um serviço, uma assistência que não é fornecida pelo Estado, tonara-se portanto uma política em que coloca o movimento como o agente que concentra condições de resolver as mazelas daquela população, este esforço, ajuda que nas descrições do movimento é encarado como uma assistência para estas regiões mais carentes nada mais são do que políticas que agem para desmobilizar esta parcela da população, o entendimento de que no apassivamento destas classes em sua grande maioria menos favorecidas cria condições de ampliar o movimento que representa o governo e condições de um maior poder político ao governo que está no poder, que pode usar dos diferentes aparelhos do Estado para criar o apassivamento da população, que lhe fornece campo fértil para tomar inúmeras ações benéficas ou não para a população

*O eixo unificador burguês residia – e segue residindo – no binômio *defesa da propriedade (segurança)*, assegurando o movimento de gigantescas massas monetárias em busca de expansão e *controle permanente, através da persuasão e do apassivamento dos setores populares (alívio à pobreza)* sem, no entanto, abrandar a truculência repressiva. (FONTES, 2010, p. 266)*

O que emerge é que o movimento político *La Cámpora* militância Kirchnerista é parte do um governo que atua em diferentes frentes, que remedia a população com medidas populares e que fornece subsídios aos grandes empresários, como já mencionado neste capítulo, atua em seu discurso de uma maneira, mas em suas políticas sócio econômicas é parceiro das grandes empresas, tem por fim os Kirchners para além do poder, a concentração de capitais, é parte deste movimento, que como bem aponta Virginia Fontes (2010) é impulsionado pela concentração de capitais que expande as suas relações sociais para o capital, ou seja, que cria condições para a população (trabalhadores) que devem vender a sua força de trabalho sem se ater ao custo da mesma.

Sendo assim, o que se mantém é uma reprodução ampliada dessa face do capitalismo, que é cruel e mostra uma nova face frente as demandas sociais, principalmente quando se trata das questões que envolvem os países latinoamericanos, que compreendo que por conta da sua relação “carnal” como foi o caso da Argentina em relação ao Neoliberalismo provoca mudanças sociais que não se rompem, independente do modelo de governos que se encontra no poder, tendo esta concepção em mente podemos afirmar que o movimento político *La Cámpora* que é militância Kirchnerista que se insere como um agente que propaga a dependência, ou seja, adota a apassivamento como solução política.

**Figura 20** – *Jornadas solidarias por el temporal*



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N06.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N06.pdf)>. Acesso. 29. Abril. 2018

*As Jornadas solidarias por el temporal*, ocorreram na cidade de Buenos Aires, em virtude de um grande temporal, a ação de reparo realizada pelo movimento *La Cámpora*, conforme afirma o movimento se deu em virtude da não presença de entidades do governo da cidade para reparar os danos causados pela chuva, ou seja, foram esquecidos pelo poder público que não forneceu nenhum tipo de ajuda para os desabrigados segundo o *La*

*Cámpora*. O que é possível identificar para além das ações do Movimento, é o uso destas ações como promoção, atuam como protagonistas.

*Estas jornadas fueron posibles gracias a la gran colaboración y solidaridad de los vecinos que acercaron toneladas de bolsas con ropa y alimentos y a la organización militante de miles de jóvenes que estamos convencidos de que hay que trabajar arduamente para seguir reconstruyendo una patria justa y solidaria. La juventud trabajando en forma unida y organizada seguirá comprometida con las necesidades del pueblo día a día. A los miles de jóvenes que militan por este proyecto nacional y popular no le importan ni las críticas absurdas, ni los tiempos electorales de la vieja politiquería, ni los shows mediático pasajeros y vacíos de corazón. A esta juventud sólo le interesa la necesidad de los más humildes y la defensa de la patria para todos. (Revista Noticias La Cámpora nº06, 2012, p. 23)*

É possível identificar nas ações práticas do *La Cámpora* o papel de agente apassivador, dentre as ações do movimento é importante destacar a acusação recorrente de que os governos municipais, que no caso específico se refere ao governo da cidade de Buenos Aires dirigida por Mauricio Macri, não estar presente e nem fornecer qualquer tipo de assistência aos moradores do local, acusação que é atribuída ao fato de que por conta do período eleitoral o governo macrista age de forma politiqueria, se eximindo assim de ações em prol da população dos bairros pobres.

As críticas podem até ser cabíveis no sentido da falta de presença do poder público nos bairros, como ocorre em quase todos os governos, independente de partido, mas se torna um contracenso visto que o movimento realiza esta mesma politicagem em suas ações, há no movimento, ou pelo menos da forma como é direcionado o plano midiático uma certa ingenuidade, ou de fato contam com uma militância que não realiza a reflexão, que para se eximir de qualquer interesse e esconder o real interesse político da questão, afirma que “*A esta juventud sólo le interesa la necesidad de los más humildes y la defensa de la patria para todos.*”

*La misma campaña se organizó fuertemente en el conurbano de la Provincia de Buenos Aires y fueron miles de jóvenes comprometidos con el proyecto nacional y popular de Néstor y Cristina los que estuvieron en la calle, con los vecinos más humildes, colaborando en esse momento tan desgraciado. Además de La Cámpora, participaron activamente la JP Evita, Kolina, Martín Fierro, la JP Descamisados y Peronismo Militante. (Revista Noticias La Cámpora nº06, 2012, p. 23)*

O movimento *La Cámpora* não está só, as mobilizações empregadas pelo movimento do qual afirmam não se constituírem como políticas eleitorais ou de cooptação contam com um grande número de militantes e principalmente com a presença de outros agrupamentos políticos que defendem o projeto de poder dos Kirchners.

Portanto, se faz importante notar a capacidade política mobilizadora que o *La Cámpora* possui ao reunir estes agrupamentos, que independente de terem divergências políticas dentro do Kirchnerismo, estabelecem uma relação de força em torno do projeto. O estreitamento destes laços atribuo principalmente ao fato de que o Movimento possui forte ligação com Kirchnerismo, visto que o seu membro fundador é Máximo Kirchner, o que torna o *La Cámpora* um agente apassivador, principalmente por reunir em torno dos seus ideais vários agrupamentos.

Cabe ao *La Cámpora* localizar os perfis de jovens que possuam um histórico militante, pois é importante que o engajamento com questões políticas e sociais tornem-se atividades fundamentais para formentar a criação de um quadro político que dê sustentação ao projeto de poder Kirchnerista. Estas ações realizadas pelo Movimento, são criticadas por ter um fluxo que vai de encontro a criação de uma militância profissional, portanto, o Movimento se articula para que a cooptação deste jovens ocorra em diversos segmentos, independente do grau de instrução, deste modo, em resposta as críticas, agem com a pretensão de demonstrar a pluralidade de integrantes do Movimento.

Rosa Ortega, é uma imigrante Paraguaya que veio com seus familiares em busca de emprego, mora na Villa 03, há 26 anos iniciou o seu trabalho no bairro ajudando mulheres que sofriam agração, isto deu a ela projeção dentro do bairro por sua atuação frente a este problema, o importante papel exercido por ela é importante para o Kirchnerismo, pois grande parte dos eleitores dos Kirchners estão presentes nos bairros da região metropolitana de Buenos Aires, o que para o processo eleitoral é de suma importância.

**Figura 21** – Rosa Ortega, delegada de bairro.



**Fonte:** <[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora04.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora04.pdf)>. Acesso. 07. Maio. 2018

Por este motivo, o movimento *La Cámpora* concentra as suas a es em bairros periféricos, pois, como já mencionado, possuem carência de oferta do aparato dos serviços públicos, como educa o, saúde, saneamento básico e condi es de moradia que contemple algum tipo de bem estar. São estas a es que pautam boa parte da estratégia do movimento, a es de coopta o como demonstrado acima com a Rosa Ortega, semelhante ao que ocorre com os demais militantes, seja por meio das redes sociais, escolas, universidades, manifesta es, reuniões em bairros, e etc. Destarte, como mencionado ao longo deste capítulo, a política do movimento *La Cámpora*   pautada exclusivamente na defesa do projeto de poder, que “nasce”, cresce e permanece como um braço apassivador dos Kirchners.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho procuramos apresentar respostas para melhor compreender como se dá o projeto de poder Kirchnerista e principalmente qual é papel do movimento *La Cámpora* dentro deste projeto. Portanto, para que pudéssemos apresentar os elementos que colocam em evidência o *La Cámpora* e os Kirchners na Argentina contemporânea, buscamos investigar aspectos e temáticas que nos ajudaram a traçar os caminhos da pesquisa.

Desta maneira, aprofundamos o entendimento sobre o sistema internacional e o neoliberalismo e sua particularidade na Argentina visto que a compreensão do sistema internacional enquanto um espaço caracterizado pelo poder político, econômico e militar. O exercício do poder, é um elemento da política, posto em prática pelos países hegemônicos na condução da dinâmica de política internacional, que poder serem dotados de poder influenciam na dinâmica do sistema internacional. Observamos que a relação de força perante os países periféricos, é fortemente exercida pelos Estados Unidos na América Latina, especialmente após Guerra fria, e no conjunto de países destacamos a Argentina que se torna um modelo na implementação das políticas neoliberais.

As políticas neoliberais na Argentina, foram aplicadas amplamente no período pós ditadura, e neste sentido a pesquisa revela a sua face no governo de Carlos Saúl Menem, visto que o projeto político econômico anunciando como uma plataforma eleitoral que se apresentava como um peronismo, e, portanto, com medidas populares, “altera-se” quando assume a presidência. O governo menemista caracteriza-se por implementar as medidas do Consenso de Washington, sendo amplamente apoiado pelos Estados Unidos, com quem mantinha uma relação “carnal” como revela o Ministro da economia Roberto Lavagna, atua como representante do neoliberalismo, de tal forma que a implementação das políticas neoliberais no governo Menem, foram tamanhas ao ponto de tornarem-se um exemplo mundial a ser seguido.

Os êxitos das políticas econômicas neoliberais implementadas no governo Menem, perdem força devido a crise de 2001, que expõem a economia argentina em uma crise política e econômica, estes fatores contribuem para gerar um empobrecimento massivo da população, altas taxas de desemprego, insatisfação e descrença política, componentes que conforme revela a pesquisa foram fatores essenciais dentro do jogo político, visto que o país estava em uma disputa eleitoral. Neste sentido, a figura de Néstor Kirchner é tida como uma alternativa ao modelo que estava posto, conforme apontamos, utiliza-se de um discurso



anti-neoliberalismo como forma de abarcar o maior número de eleitores e por em prática o projeto de poder, discurso que encontra apoio político, empresarial e da população, e o conduz ao cargo de presidente no ano de 2003.

A respeito do projeto Kirchnerista, a pesquisa revela a organização do poder político no Estado, visto que os Kirchners quando se estabelecem em Río Gallegos, capital da província de Santa Cruz, constroem um aporte político que lhes dá sustentação, poder político e influência na região, fatores que ficam claros devido as articulações estabelecidas pelo governo com grandes empresários e na utilização da máquina estatal dentro do jogo político, são estes condicionantes que garantem a Néstor Kirchners assumir a Casa Rosada e sua continuidade por Cristina Kirchner.

É importante considerar que uma das principais alegações dos Kirchners é a defesa por um discurso anti-neoliberal, posicionamento que diverge do discurso conforme aponta a pesquisa, as políticas econômicas Kirchneristas não rompem com o neoliberalismo, conforme demonstrado o governo mantém relações “carnais” (ao mesmo modo do governo menemista) com a grande burguesia industrial, favorecendo distintas frações de mercado de capitais, como as terceirizações, privatizações, diminuição da presença de grupos econômicos nacionais no conjunto das grandes empresas, bem como a alteração e favorecimentos das estruturas dos preços praticados por setores de serviço e comércio.

Os governos Kirchners, atuaram e mantiveram os pressupostos das reformas de mercado, contrariando o discurso anti-neoliberal, não criaram durante os três mandatos nenhuma dissociação das políticas econômicas neoliberais. É importante ressaltar, conforme a pesquisa expõe, que as políticas diferem em determinados pontos das políticas menemistas, pois o projeto de Governo dos Kirchners é populista e, portanto, precisa manter um discurso que se apresenta para a população, distante da sombra da crise de 2001.

Para além das articulações estabelecidas pelos Kirchners em torno das políticas econômicas voltadas para o mercado, é importante que o governo se articule para criar quadros políticos que defendam do projeto de governo. Uma das ações de Néstor Kirchner logo no início de seu governo é a criação do movimento *La Cámpora*, que tem seu filho Máximo Kirchner como membro fundador, o movimento revela-se como um dos maiores agentes propagadores do projeto de poder, torna-se assim, um braço dos Kirchners para a cooptação e ampliação da presença do Estado principalmente nas periferias e demais segmentos da sociedade.

Na condução da pesquisa revelou-se que o movimento *La Cámpora*, age de diferentes formas, a saber: nas ruas, escolas, universidades, partidos políticos, nas redes

sociais, ou seja, está presente em todo o país. Torna-se claro que a criação do movimento não tem a intenção de ser assistencialista, conforme poderíamos deduzir em uma primeira observação, o que se opera de fato e torna-se perceptível na pesquisa, é o caráter de poder e força política, visto que possui diversos representantes em instancias do legislativo e executivo do país.

Por fim, o *La Cámpora*, apresenta-se aos jovens militantes como o “*Projeto Nacional Popular*”, tem como pretensão a ideia um país justo, igualitário, voltado para a nação, com políticas que favoreçam o interno (nacional), contradição que apontamos na pesquisa quando observamos as políticas Kirchneristas que em grande medida não criam um processo de ruptura com o neoliberalismo, que por sua vez favorece tanto o interno e externo com o objetivo máximo de manter o projeto de poder, é desta maneira um Movimento que não possui de fato um projeto próprio, pois desde de seu “nascimento” constitui-se como um braço apassivador do Kirchnerismo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARON, Raymond. *Paz e Guerra entre as Nações*. 1º ed. Brasília: UnB/FUNAG: Brasília, DF, 2002. 936 p.

BALZE, Felipe De La. **La Política Exterior de los gobiernos Kirchner (2003-2009)**. *Rev. Agenda Internacional*. Buenos Aires, Año 6, n.21, p 46-61, mar.2010.

BARRIOS, Alejandro. **Buenas herencias: el legado económico del Kirchnerismo**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Hernández Editores, 2015.

BATISTA, Paulo.N. *O Consenso de Washington: a visão neoliberal dos problemas latinoamericanos*. São Paulo, Pedex, Caderno 6, 1994.

BIELSA, Rafael. **La política exterior argentina en el marco de la integración regional**. DEP, v. 1, 2004

BONNET, Alberto R.; PIVA, Adrián. **El estado kirchnerista**. Un análisis de los cambios en la forma de Estado a partir de la crisis de 2001. In: VI Jornadas de Sociología de la UNLP 9 y 10 de diciembre de 2010 La Plata, Argentina. Universidad Nacional de La Plata. Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación. Departamento de Sociología, 2010.

BORON, Atílio A. Néstor Kirchner e as desventuras da "centro-esquerda" na Argentina. *Lutas Sociais*. São Paulo, n. 17/18, jan. / jun. 2007. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/ls/article/view/18629>>. Acesso em: 10 ago. 2017.

BRAGA, Lisandro Rodrigues de Almeida. Repressão estatal e capital comunicacional o bloco dominante e a criminalização do movimento piqueteiro na Argentina. 2016. 310 f. **Tese (Doutorado em Sociologia)** – Faculdade de Ciências Sociais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia.

CARR, Edward Hallett. **Vinte anos de crise: 1919-1939**. ED. Universidade, de Brasília, 1981.

CASTELLANI, Anna. El fin del neoliberalismo? Transformaciones del Estado y el modelo de acumulación. In: PEREYRA, Sebastian; VONMARO, Gabriel; PEREZ, German J. **La Grieta: política, economía y cultura después de 2001**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Biblos, 2013. 246 pp.

CARVALHO, Celso; BAUER, Carlos. FONTES, Virgínia. (2010): O Brasil e o capital-imperialismo. Teoria e história, Brasil, EPSJV/Fiocruz e Editora UFRJ, p. 388. **Revista História de la Educación Latinoamericana**, n. 15, p. 351-352, 2010.

CERVO, A. L. Sob o signo neoliberal: as relações internacionais na América Latina, *Rev. Bras. Polít. Int*, Brasília, v.43, n.2, jul./dez. 2000. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0034-7329200000020001](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-7329200000020001)>. Acesso em: 19 set. 2016.

\_\_\_\_\_. *Relações internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília, IBRI, 2001. 320 p.

Comisión de Comercio del MERCUSUR (CCM) – MERCOSUR/CCM/ACTA N° 03/03 – LXII **Reunión ordinaria de la Comisión de Comercio del Mercosur**.

DELLA ROCCA, Mario. *La Cámpora sin obsecuencias, uma mirada Kirchnerista*. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Dunken, 2014. 208 p.

FERRER, Aldo. Argentina, *Estudos Avançados*, São Paulo, vol. 16, n. 44, 2002. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9847/11419>>. Acesso em: 13 nov. 2016.

FONTES, Virgínia. O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história. In: **O Brasil e o capital imperialismo: teoria e história**. 2010.

\_\_\_\_\_. Sociedade civil, classes sociais e conversão mercantil-filantrópica. **Observatório Social de América Latina**, p. 341-350, 2006.

FONSECA, Francisco Cesár Pinto da. **O consenso forjado: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil**. São Paulo: Editora Hucitec, 2005.

FORSTER, Ricardo. La anomalía Kirchnerista: la política, el conflicto y la invención democrática. 1ª ed. Buenos Aires: Planeta, 2013.

GIANI, Juan. **Filosofías del Kirchnerismo**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paso de los Libres, 2013.

GRUPPI, Luciano. **O conceito de hegemonia em Gramsci**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1978. 142 p.

HARVEY, David. **O NEOLIBERALISMO: história e implicações**. (Tradução Adail Sobral; Maria Stela Gonçalves) São Paulo: Edições Loyola, 2008.

HAYEK, Friedrich August. **O caminho da servidão**. Instituto Ludwig von Mises, 1977.

HOBBS, THOMAS, 1588-1679. **Leviatã 1**; organizado por Richard Tuck; tradução João Paulo Monteiro, Maria Beatriz Nizza da Silva, Claudia Beliner; revisão da tradução Eunice Ostrensky. Ed. brasileira supervisionada por Eunice Ostrensky. São Paulo: Marins Fontes, 2003. (Clássicos Cambridge de filosofia política).

HOBSBAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX**. Editora Companhia das Letras, 1995.

IANNI, Octavio. A questão nacional na América Latina. *Estudos Avançados*, São Paulo, v. 2, n. 1, 1988. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/8474/10025>>. Acesso em: 14 jul. 2017.

IBARRA, Vilma. **Cristina vs. Cristina**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Planeta, 2015.

MATHIAS, Meire; DE BRITO, Cássius M.T.M.B. Dependência, imperialismo, neoliberalismo e capital-imperialismo: a dinâmica da posição brasileira na América Latina. **REBELA-Revista Brasileira de Estudos Latino-Americanos**, Florianópolis, v. 6, n. 2, maio. / ago. 2016. Disponível em:< <https://rebela.emnuvens.com.br/pc/article/view/272>>. Acesso em: 16 jul. 2017.

MATHIAS, Meire. Inserção internacional do Brasil Contemporâneo: o pêndulo das mudanças, **Aurora**, Marília, v.6, n.1, jul. /dez, 2012. Disponível em:< <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/aurora/article/view/2702>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Inserção internacional: três temas na agenda brasileira, **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.16, n.2, abr./ jun, 2002. Disponível em:< [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-88392002000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000200004)>. Acesso em: 14 abr. 2016.

\_\_\_\_\_. Para pensar a América Latina: poder e hegemonia nas relações internacionais. **Revista Espaço Acadêmico**, Maringá, v. 15, n. 175, dez. 2015. Disponível em:< <http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/30023>>. Acesso em: 7 ago. 2017.

MATHIAS, M. Teoria de Relações Internacionais e a concepção de política exterior: uma reflexão em Gramsci. In: PASSOS, R. D. F. dos; FUCCILLE, A. (Orgs.) **Visões do Sul: crise e transformações do sistema internacional**. Marília: Oficina Universitária, São Paulo: Cultura Acadêmica, 2016.

MATHIAS, M. *Hegemonia e Processos de Integração na América Latina: contribuições ao debate*. In: PASSOS, R. D. F.; VIEIRA, N. R.; SIMONETTI, M. C. L. (org.). **Relações Internacionais Contemporâneas: novos protagonistas e novas conjunturas**. Marília: Oficina Universitária / São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014.

MELLO, Leonel Itaussu Almeida. **Argentina e Brasil: a balança de poder no Cone Sul**. Annablume, 1996.

MORGENTHAU, Hans J. **A Política entre as Nações. A luta pelo poder e pela paz**. Tradução de Oswaldo Biato. Brasília: Editora da Unb, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, IPRI, 2003.

NOVARO, Marcos; BONVECCHI, Alejandro; CHERNY, Nicolás. **Los límites de la voluntad. Los gobiernos de Duhalde, Néstor y Cristina Kirchner**. Bs. As.: Ariel, 2014.

PALACIOS, Ariel. **Os Argentinos**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2013. 368 p.

PERÓN, Juan Domingo; MENEM, Carlos Saúl. **Doctrina peronista**. Macacha Güemes, 1973.

SIDICARO, Ricardo. El partido peronista y los gobiernos kirchneristas. **Nueva Sociedad**, Buenos Aires, v. 234, jul. / ago. 2011. Disponível em:< <http://nuso.org/articulo/el-partidoperonista-y-los-gobiernos-kirchneristas/>>. Acesso em: 15 jun. 2017.

VADELL, J. A. A política internacional, a conjuntura econômica e a Argentina de Néstor Kirchner. *Rev. bras. polít. int*, Rio de Janeiro, vol.49, n.1, p. 194-214, mar./ jun. 2006. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292006000100011&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0034-73292006000100011&script=sci_abstract&tlng=pt)>. Acesso em: 20 fev. 2017

VADELL, Javier Alberto. Neoliberalismo e consenso na Argentina (1976-1991). 1997. 179 f. **Dissertação (Mestrado em Ciência Política)** – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

VADELL, J. A.; LAMAS, B.; RIBEIRO, D. M. F. Integração e desenvolvimento no Mercosul: divergências e convergências nas políticas econômicas nos governos Lula e Kirchner. *Rev. Sociol. Polit.* Curitiba, v.17, n.33, jun. 2009. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-44782009000200004](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-44782009000200004)>. Acesso em: 25 fev. 2017.

VÁZQUEZ, Mariana; BRICENÑO RUIZ, José. O Mercosul na época de Lula e Kirchner: um balanço, seis anos depois. *Nueva Sociedad*, Buenos Aires, dez. 2009. Disponível em: <<http://nuso.org/articulo/o-mercosul-na-epoca-de-lula-e-kirchner-um-balanco-seis-anosdesp/>>. Acesso em: 01 mar. 2017.

KATZ, Alejandro. **El simulacro**. 1ª ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Planeta, 2013.

GIANI, Juan. **Filosofías del Kirchnerismo**. 1a. ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paso de los Libres, 2013.

#### OUTRAS FONTES:

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA HOMENAJE DE LA CÁMPORA, EDICIÓN ESPECIAL HONAMENAJE A NÉSTOR KIRCHNER - [http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_homenaje\\_NK.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_homenaje_NK.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA Nº00, LA JUVENTUD SE ORGANIZA - [http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora00.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora00.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA Nº01, ELECCIONES DE 28 DE JUNIO DE 2009 – [http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora01.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora01.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA Nº02, LEY DE MEDIOS DE LA DEMOCRACIA – [http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora02.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora02.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA Nº03, 200 AÑOS BICENTENARIO ARGENTINO [http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora03.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora03.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°04, MATERIAS PERIODICOS SOBRE LA CÁMPORA –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_LaCampora04.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_LaCampora04.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°05, QUIERO QUE GANES DE VULTA –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_N05.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_N05.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°06, MEMORIA Y ALEGRÍA –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N06.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N06.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°07, POR TODOS OS LADOS –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N07.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N07.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°08, LA DÉKADA GANADA 25 MAYO 2003-2013

–[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N08.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N08.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°09, ELEGIR SEGUIR HACIENDO –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista\\_N09.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/Revista_N09.pdf)

REVISTA NOTICIAS LA CÁMPORA N°10, MALVINA PATRIA SI COLONIA NO –

[http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA\\_N10.pdf](http://www.lacamporamendoza.com.ar/wpcontent/uploads/2015/05/REVISTA_N10.pdf)

SITE OFICIAL CAMBIEMOS - <https://cambiemos.com/>

SITE OFICIAL CASA ROSADA - <https://www.caserosada.gob.ar/>

SITE OFICIAL CLARÍN - <https://www.clarin.com/>

SITE OFICIAL CRISTINA FERNÁNDEZ DE KIRCHNER –  
<http://www.cfkargentina.com/>

SITE OFICIAL LA CÁMPORA - <http://www.lacampora.org/>

SITE OFICIAL LA NACIÓN - <https://www.lanacion.com.ar/>

SITE OFICIAL MERCOSUL - <http://www.mercosur.int/>

SITE OFICIAL MINISTÉRIO DA DEFESA DA ARGENTINA –  
<https://www.argentina.gob.ar/defensa>

SITE OFICIAL PAGINA 12 - <https://www.pagina12.com.ar/>

SITE OFICIAL UNIDAD CIUDADANA - <https://unidadciudadana.org/>

SITE OFICIAL UNIÓN DE NACIONES SURAMERICANAS - <https://www.unasursg.org/>